

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

SERGIO BLAIN

**A TEOLOGIA DA MODA DE FÉNELON E O TRATADO DE
EDUCAÇÃO PARA MENINAS. REPERCUSSÕES SOBRE A
ELEGÂNCIA DA CORTE E OLIGARQUIAS BRASILEIRAS NO
SÉCULO XIX**

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

SERGIO BLAIN

**A TEOLOGIA DA MODA DE FÉNELON E O TRATADO DE
EDUCAÇÃO PARA MENINAS. REPERCUSSÕES SOBRE A
ELEGÂNCIA DA CORTE E OLIGARQUIAS BRASILEIRAS NO
SÉCULO XIX**

DOCTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Tese apresentada à banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da
Religião sob a orientação do Professor Doutor Wagner
Lopes Sanchez

SÃO PAULO

2022

Aprovada em Banca Examinadora:

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação São Paulo – FUNDASP

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) – Código de financiamento: 88887.313991/2019-00

AGRADECIMENTOS

Este trabalho científico é dedicado a todos aqueles que, dentro de suas áreas específicas, trabalham para o engrandecimento humano.

Especialmente à minha saudosa esposa Maura que me fez enxergar a verdadeira elegância que emerge das profundezas do amor e universalidade do pensamento católico. A meus filhos, Otávio e Gabriel, sem o apoio dos quais, seria impossível a execução deste estudo.

À Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos

À Professora Doutora Antonieta Martines Antonacci

À Professora Doutora Wilma Steagall De Tommaso

À Professora Doutora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro

Ao Professor Doutor José Alcides Ribeiro

Ao Padre Vitor Bertolli, por dividir comigo a sua grande cultura

Aos saudosos Mila e David Zeiger por terem me aberto as portas do mundo

A meus saudosos pais, por terem me incentivado ao amor incondicional pela leitura.

Meus mais sinceros agradecimentos a Ronilei Fernandes Braga e Bruna David e a todos que de alguma forma, colaboraram na execução desta pesquisa.

REVERÊNCIA

Ao departamento de Ciência da Religião da PUC-SP e seus dedicados professores, sem nenhuma exceção, porém com destaque aos coordenadores do programa, Professor Doutor Edin Sued Abumansur e Professor Doutor Wagner Lopes Sanchez. Ao Professor Doutor João Décio Passos. Ao Professor Doutor Ênio José da Costa Brito. Ao Professor Doutor Éverton de Oliveira Maraldi. Ao Professor Doutor Eduardo Santos Cruz. Ao Professor Doutor Frank Usarski. À Professora Doutora Maria José F. Rosado-Nunes, com os quais estudei e, sobretudo, aprendi. À querida secretária do programa, Andréia Bisuli de Souza, pela sua atenção e apoio.

Em especial ao Professor Doutor Wagner Lopes Sanchez, pela sua inestimável orientação.

Se me fosse permitido ler na miscelânea de livros que serão publicados cem anos após minha morte, o senhor sabe o que eu escolheria?...Não, não seria um romance que eu leria nesta futura biblioteca, nem um livro de história, pois quando oferece algum interesse é ainda um romance. Eu leria muito calmamente meu amigo, um jornal de modas para ver como as mulheres se vestirão um século após meu falecimento. E estes *chiffons* me dirão mais sobre a humanidade futura do que todos os filósofos, os escritores, os pregadores e os sábios.

(Anatole France)

Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Segui o ramerrão do gosto apurado.... Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, tudo em gradações mais ou menos fortes, conforme a mistura do branco.

(Tarsila do Amaral)

RESUMO

Esta tese visa a influência francesa como um dos fatores que, entrelaçados a outros, formaram o que podemos chamar de charme ou elegância brasileira. Para isso, o foco recaiu em três personagens da história francesa: O rei Luís XIV por ter levado, durante o século XVII, a França a ser o centro gerador do que seria classe e elegância, influenciando os outros países da Europa e, por conseguinte as Américas, em especial a corte brasileira; o Arcebispo de Cambrai, François de Salignac de La Mothe-Fénelon, por ter sido um dos primeiros autores de um tratado de educação para meninas, incluindo a moda e a elegância; a Marquesa de Maintenon, esposa morganática do rei Sol que, baseada nas normas religiosas de Fénelon, fundou o primeiro colégio secular da França, o Colégio de Saint-Cyr e, por isso, considerada a primeira educadora laica da França.

Palavras-chaves: França, religião, etiqueta, elegância, Brasil do século XIX.

ABSTRACT

This thesis looks at the French influence as one of the factors that, intertwined with others, formed what we can call Brazilian charm or elegance. For this, the focus fell on three characters from French history: King Louis XIV for having led, during the 17th century, France to be the generating center of what would be class and elegance, influencing other countries in Europe and, consequently, the Americas, especially the Brazilian court; the Archbishop of Cambrai, François de Salignac de La Mothe-Fénelon, for being one of the first authors of a treatise on education for girls, including fashion and elegance; the Marquise de Maintenon, morganatic wife of King Sun who, based on the religious norms of Fénelon, founded the first secular college in France, the College of Saint-Cyr and, therefore, considered the first lay educator in France.

Keywords: France, religion, etiquette, elegance, 19th century Brazil.

Lista de Figuras

Figura 01 – Luís XIV	41
Figura 02 - Françoise d’aubigné: Madame de Maintenon	52
Figura 03 - François de Salimat de la Mothe-Fénelon	60
Figura 04 - Colégio de Saint-Cyr	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - A EUROPA E A FORMAÇÃO DA FRANÇA COMO LÍDER DA ELEGÂNCIA.....	19
1.1.A teologia da moda e da elegância.....	19
1.2.O final da Idade Média e a Renascença.....	23
1.3.A moda europeia no século XVI.....	29
1.4.O período espanhol	30
1.5.O domínio francês da elegância.....	33
1.6.A moda francesa dos séculos XVIII e XIX.....	36
1.7.A grande renúncia masculina.....	37
CAPÍTULO II – FÉNELON E SUA ÉPOCA.....	40
2.1. Luís XIV.....	41
2.2 As grandes festas.....	45
2.3. A religião e o luxo.....	48
2.4. Marquesa de Maintenon.....	52
2.5. Fénelon, o gênio desconhecido.....	59
CAPÍTULO III – FÉNELON, O MÍSTICO E SUA TEOLOGIA DA MODA E ELEGÂNCIA.....	64

3.1. Fénelon e o Quietismo.....	64
3.2. Maison Royale de Saint Louis: O Colégio de Saint Cyr.....	69
3.3. Os eixos da Teologia da moda e elegância de Fénelon.....	74
CAPÍTULO IV – O TRATADO DE EDUCAÇÃO PARA	
MENINAS.....	78
4.1. O tratado de Educação para meninas.....	78
4.2. O Capítulo X: Vaidade, beleza e atavios	83
4.3. Os protestantes e a moda	87
4.4. O gesto, a voz e a elegância	89
 CAPÍTULO V – O TRANSPLANTE FRANCÊS.....	 93
5.1. A elegância brasileira do século XIX. <i>Noblesse Oblige</i>	95
5.2. A expansão do charme francês.....	98
5.3. Um olhar no ensino das mulheres da elite.....	100
5.4. Os colégios de orientação francesa	103
CONCLUSÃO	108
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113

INTRODUÇÃO

O desejo de pesquisar o quesito imaterial que é a “elegância da mulher brasileira”, partiu do exercício de minha própria profissão. Sou primeiramente, professor de pintura, com diploma ainda registrado no antigo Serviço de Fiscalização Artística, do estado de São Paulo. Profissionalmente, trabalhei aproximadamente 40 anos como estilista, tanto na moda pronta, quanto na “alta costura brasileira”¹. O início desses 40 anos de trabalho foi desenhando em uma loja de tecidos da rua 25 de março, ainda nos anos de 1960. Após esse período fui chamado, a ser estilista na indústria de roupas prontas, em sua grande fase nos anos de 1960 e 1970. Paralelamente, montei meu próprio ateliê de alta costura que consiste, em termos brasileiros, em roupas desenhadas e feitas sob medida. Em todos esses anos de exercício de estilo, pude acompanhar as mudanças que foram acontecendo no agir estético da mulher brasileira.

Possuo também mestrado em teologia, fato que me fez perceber a influência da religiosidade no quesito estudado. Durante os anos que dediquei à moda sob medida e ao desenho dentro da indústria do *prêt-à-porter* pude constatar que a elegância é lapidação do espírito, que leva à um caráter verdadeiro e que, sem dúvida, vai ser aflorado pelo agir e vestir, de quem procura, discretamente, o aprimoramento humano e pessoal. Partindo desse princípio, podemos entender o fato desse quesito, a elegância ter, na verdade, pouco a ver com dinheiro. A esse respeito o costureiro Dener², documentou em seu livro de memórias, citando a condição de “novos ricos”: Lugares onde se fizeram fortunas rápidas e estão cheios de mulheres de joias penduradas no pescoço, apenas (ABREU, 1972, p.65).

Por esse motivo, ao propor essa pesquisa, sobre este patrimônio cultural, procurei estar ciente das dificuldades que seriam enfrentadas. Tarefa laboriosa, pois, como já foi dito, trata-se de um “patrimônio imaterial” e claramente cultural.

Este quesito, a elegância, que em sua construção traz consigo o vestuário, assim como a arte, o folclore, a música, a religião e outros fatores, faz parte da identidade de um povo.

¹ A alta costura brasileira, diferente da francesa, independe de coleções sazonais; a criação é contínua e personalizada dentro dos ateliês. A alta costura francesa, praticamente desde seu início, na metade do século XIX, já vendia suas coleções, em vários tamanhos e cores, em quantidades diversas, encomendadas principalmente pelos compradores (*commissionnaires*) das grandes lojas americanas.

² Dener Pamplona de Abreu (1937; Pará – 1978; São Paulo) Costureiro, formulou a ideia de que no Brasil já poderia existir uma “moda de autor”. Seu estilo, muito brasileiro, teve o Barroco como principal fonte de inspiração.

Porém, se a moda não causa grande “furor” entre a intelectualidade, o que será então da elegância?

Nos dias atuais a moda já tem entrada em museus, no entanto: “é relegada à antecâmara das preocupações reais; está por toda parte na rua, [...] na mídia, e quase não aparece no questionamento teórico das cabeças pensantes” (LIPOVETSKY, 2009, p. 09).

Para muitos, a elegância e a moda não merecem uma investigação científica. Sendo julgadas apenas do lado de sua fatuidade, desencoraja a abordagem conceitual. O conceito já está estabelecido e fundamentado naquilo que muitos consideram a sua pulsação ontológica. A questão da elegância e mesmo da moda, apesar de inúmeras publicações sobre a matéria. Normalmente são julgadas apenas do lado de suas frivolidades. Sua verdade última concentra-se nas rivalidades de classe e nas engenharias normativas, causadoras das diferenças sociais:

Esse consenso de fundo dá lugar, evidentemente, segundo os teóricos, a nuances interpretativas, a leves desvios, mas com poucas variantes, a lógica inconstante da moda, assim como suas diversas manifestações, é invariavelmente explicada a partir dos fenômenos de estratificação social e das estratégias mundanas de distinção honorífica.

(LIPOVETSKY, 2009, p. 10)

Dessa forma, discorrer sobre a elegância, o que nos obriga a um condicionamento de classe, em especial, sobre as elites e a contribuição que deram para aquilo que poderíamos denominar como uma elegância brasileira, torna-se um trabalho minucioso. Porém temos uma prova desta contribuição, vinda do eminente professor Antônio Cândido:

Certa vez, referindo-me a iniciativas posteriores no terreno da cultura, como a universidade de São Paulo, O Teatro Brasileiro de Comédia, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, falei em “feitos da burguesia”, isto é, realizações das classes dominantes que, no entanto, servem à cultura de toda sociedade.

(CAMARGOS, 2001, p.11)

Logo, seguindo este raciocínio, a elegância e suas ramificações, também tem seu lugar no serviço “à cultura de toda a sociedade.”

Baseado nos muitos anos que estive trabalhando nesta área, posso afirmar que o estilo da elegância da brasileira, até o final da década de 1950, partiram de três pontos

principais de irradiação, ou seja: A etiqueta e a moda francesa, que são o foco desta tese. A arte, os saberes e a ginga trazidas pelos africanos somadas ao seu feliz encontro com a expressão religiosa católica, o barroco:

O que os portugueses trouxeram para cá não foi apenas uma religiosidade estética e intelectual, foi toda uma mentalidade. A mentalidade barroca. [...] Mas havia, ainda, a linguagem e a sensibilidade originária da África Negra. O barroco, incorporando os “outros” que ingressavam em seu campo magnetizado, não foi exatamente um problema, mas uma solução. (FACTUM, 2009, p.150)

Esse encontro se deu, também, com a arte indígena brasileira. Embora esta influência, no que diz respeito à moda e elegância, tenha sido mais moderada. Isso, pelo fato de que, entre o povo nativo, diferente dos europeus e africanos, não existe nenhuma imposição cultural ou religiosa de usar roupas. Sua forma principal de “cobrir o corpo”, são as espetaculares pinturas corporais. Este fato, não elimina, mas distancia o indígena do estudo sobre a elegância, pois estudamos a questão do vestuário, partindo dos padrões estéticos, morais e religiosos recebidos do velho mundo.

Podemos perceber como o fato da religiosidade também influenciou o vestuário, por muitos séculos. Quando, após a década de 1970, a roupa deixou de expressar seu lado religioso, a moda, em si mesma, deixou de buscar o transcendente, valorizando apenas seu lado físico e sensual. Esse fato, fez com que o vestuário ficasse nos limites do próprio corpo. Buscando apenas a sensualidade, perdendo assim, sua ligação com a delicadeza da transcendência:

Quando nós negamos a existência da ordem imanente e da ordem transcendente ou sacrificamos uma à outra ou alteramos a hierarquia natural dos valores, estamos provocando a desordem em nós e fora de nós e com a desordem a desumanização do homem, [...] a desculturação da cultura, a deslateralização das letras, a desvalorização dos valores. (LIMA, 1960, p.15)

No Brasil, a década de 1950, como citado acima, foi o auge do fator elegância. Nesta época as mulheres, em especial as jovens, ainda liam, com prazer, os romances açucarados de Mme. Delly³. Também, no início desta década, o colunista social, Jacinto de Thormes, lança a lista anual das “dez mulheres mais elegantes do Brasil”, que se tornou um grande sucesso por

³ Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière. (1875-1947). Escritora francesa. Junto a seu irmão, Frédéric Henri, escreveu grande quantidade de livros românticos, sob o pseudônimo de Madame Delly. que fizeram grande sucesso mundial entre as jovens da burguesia em geral, na primeira metade do século XX.

todo país. Pela enorme exposição midiática, que tiveram as elegantes da década em questão, elas vieram ser um padrão de elegância para todo país.

Em 1957, o costureiro Dener Pamplona de Abreu, monta seu ateliê, na Praça de república, em São Paulo, iniciando a ideia de poder existir uma “moda de autor” no país. Esta década fecha a posição feminina, em aceitar a ser apenas, o lado poético do gênero humano. A esse respeito, podemos dizer que os anos 50, foram o auge, do que se considerava, então, moda e elegância. O fator “charme” pessoal, era um atributo bastante procurado. Revistas de moda importantes da época, davam grandes espaços, ensinando como conseguir este sonhado predicado.

Portanto, nesse sentido, o pensamento brasileiro, foi formado por várias intervenções que se entrelaçaram, as principais são: os indígenas, os europeus, os africanos. Também, a religiosidade católica e seus sincretismos, foram importantes.

Do ponto de vista da elegância feminina brasileira, a primeira dádiva foi fornecida pela Europa, mais especificamente pela França, quando esse país dominou todas as cortes europeias, por sua grandeza artística, cultural e por sua moda e etiqueta. Este domínio ocorreu em pleno século XVII, durante o reinado absolutista e politicamente católico de Luís XIV.

Nesse contexto, esse estudo propõe a hipótese de que elementos culturais da França, tais como moda e etiqueta, influenciaram a elegância da mulher brasileira. Com isso, o objetivo dessa tese foi descrever elementos culturais franceses do século XVII que contribuíram para elegância da mulher brasileira.

Essa tese contemplará a dádiva europeia para a formação de nossa elegância, através de três personagens ilustres do século em questão: o próprio Rei Sol, em seu longo reinado, onde a etiqueta e a moda foram fatores preponderantes, o Arcebispo de Cambrai, François de Salignac de La Mothe-Fénelon, autor de um dos primeiros tratados sobre a educação feminina. Neste trabalho: *Traité de l'éducation des filles*, o prelado não esquece a moda e a elegância. A terceira personagem a ser estudada é Fraçoise d'Aubigné, Marquesa de Maintenon, esposa morganática do soberano. A marquesa foi responsável, pela fundação do primeiro colégio secular da França a *Maison Royale de Saint-louis*, mais conhecido como, *Collège de Saint-Cyr*, em 1680. Por esse fato, Madame de Maintenon, é hoje considerada a primeira educadora laica da França.

Este fato nos leva a crer, que o século XVII, sendo o momento de maior grandeza da França, influenciou, fortemente, o Brasil no início de sua formação, enquanto nação, ou seja,

durante o século XIX. Podemos atestar esse predomínio cultural acontecido no país, pelas palavras de Debret⁴, quando após sua estadia no Brasil, retornou à França:

“A moda, esta mágica francesa, irrompeu cedo no Brasil”, atestou Debret aos membros do Instituto Histórico francês, ao abordar sua experiência em solo caboclo. O Império de Dom Pedro tornou-se um de seus mais brilhantes domínios: lá ela reina absoluta, seus caprichos são lei: nas cidades, na indumentária, refeições, dança, música, espetáculos, tudo é calcado no exemplo de Paris e, sob esse viés como em qualquer outro, certas regiões da França estão ainda bem atrás de algumas províncias do Brasil. (GUIMARÃES apud CAMARGOS, 2001, p.27-28)

⁴ Jean-Baptiste Debret. 1768-1848. Pintor e desenhista francês. Integrou a Missão Artística Francesa, que fundou, no Rio de Janeiro, em 1816 a Academia Imperial de Belas Artes.

CAPÍTULO I

A EUROPA E A FORMAÇÃO DA FRANÇA COMO LÍDER DA ELEGÂNCIA

A elegância é um patrimônio imaterial, porém em cada grupo humano ou cada povo este atributo se caracteriza de forma diversa. Assim como a própria arte, a elegância ou charme constroem-se dependendo dos fatores que identificam ou qualificam esse povo ou grupo humano. Também como a arte e a religião, a elegância, deixando claro que a questão do vestuário é relativa ou mesmo secundária, tem sua mensagem didática. Quando adjetivo, ou seja, quando a pessoa é elegante, naturalmente ela passa um ensinamento crítico, pois aprimora quem as observa, naquilo que vem da profundidade do seu ser, o senso estético.

Partimos do pressuposto que a religião católica teve uma parcela significativa na formação de uma elegância francesa e da elegância brasileira. Neste capítulo focalizaremos as temáticas religiosas e comportamentais do período em que a França passou a influenciar as cortes europeias, através de sua moda e de sua etiqueta. Ou seja, durante o reinado de Luís XIV. Por motivos políticos ou mesmo religiosos, o monarca, fez da França, através do Editto de Fontainebleau em 1685, o país totalmente católico. Fato que seguramente influenciou a forma de vestir da nobreza e alta burguesia. Os huguenotes procuravam um vestuário que os distinguisse dos católicos. O Brasil, pelos mesmos motivos, também lutou para manter o país dentro da religião católica.

1.1. A teologia da moda e da elegância

A elegância, que tem por uma de suas parceiras principais a moda⁵, quando se torna um adjetivo, se referindo a qualquer pessoa, ou seja, se esta pessoa é elegante ou não, é

⁵ A moda é passageira e muda constantemente. A elegância está acima das tendências ocasionais da moda. Elegância é estilo, portanto não é passageiro. Depende da educação, da cultura e mesmo do meio ou país a que uma pessoa pertence. A elegância está bem acima do quesito, moda.

preciso primeiramente entender, que este atributo, transcende à todas as etnias, religiões e nações. A elegância é a ponta de uma “pirâmide” em que as pessoas que chegam a esse patamar, podem advir de todas as camadas sociais, nações, religiões e etnias. Ou seja, é um aprimoramento do espírito que independe de dinheiro ou posição social.

Na cultura ocidental a questão da moda e da elegância, desde o início da cristandade, estendeu-se por toda Europa e passou a ter uma conotação religiosa:

Uma pesquisa sobre a arte cristã, abrangerá forçosamente, grande parte da história da arte no Ocidente, e também, em partes do Oriente Médio, África, Ásia, Américas e Australásia,⁶ desde a antiguidade até o presente. [...] Em grande parte reflete o amálgama cultural da Europa e das terras longínquas. (BROWN, 2008, p.10)

Podemos entender, como a partir do ano de 313 d.C., com a liberação das práticas religiosas cristãs pelo imperador Constantino, o catolicismo estendeu-se rapidamente, não só pela Europa, mas também para outras partes do mundo. Por esse motivo, somos levados a crer que a elegância e a moda, dentro da cultura ocidental, foram influenciadas pelo cristianismo.

Nascida no século XII, na região onde hoje está situada a França a arte gótica passou: “como uma expressão do triunfo da Igreja Católica durante a Idade Média, já que era uma expressão artística notadamente religiosa” (PINTO, s.d, s.p.). Foi durante esta época, o auge da arte gótica e sua influência religiosa, dominando todas as camadas da população mediterrânea que surge a figura, ou o ideal feminino, conservado até os dias atuais: “Nesse período nasce, a definição da mulher como um ser delicado, [...] vendo-a: “como criatura aristocrática e inacessível.” (BUTAZZI, 1983, p.186)

Em sua mensagem teológica, a elegância, é julgada universal, pois parte de um princípio já adotado pelos primeiros cristãos, a *koinonia*⁷: “Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.” (At.2:42) Calcada nesse princípio, a elegância, passa a ter normas éticas, com relação ao próximo que abarca a todos.

A *koinonia* ou comunhão, é um fator de grande importância dentro do pensamento cristão, pois fala da igualdade e fraternidade humana. Por esse motivo, essa comunhão, norteia a moda e a elegância para um enfoque sutil, ou seja, se vestir de forma muito diferente das demais pessoas, na base do “Eu sou mais Eu”, transforma essa atitude num ato de

⁶ AUSTRALÁSIA. Região da Oceania. Abrange os territórios da Austrália, Nova Zelândia, Nova Guiné e algumas ilhas próximas à Indonésia.

⁷ KOINONIA é uma palavra de origem grega, significa “comunhão”. Termo comum já entre os primeiros fieis, significando, identidade, companheirismo e partilha com o próximo e com Deus. No sentido cristão, aparece pela primeira vez em Atos dos Apóstolos, 2:42.

egoísmo. Isso não é o que prega a teologia cristã: “Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia, nem com objetos de ouro, pérolas e vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas”. (2Tm. 9-10). Estes versículos, bíblicos, trazem um elogio à sutileza do agir feminino, pois, esse adjetivo: “ser elegante”, depende muito de posturas adotadas com relação à vida e ao próximo. Também influencia o vestuário, pois norteia o vestir, para um gosto modesto, sem agredir aos demais.

A beleza requer um ímpeto criativo e a criatividade, em um sentido teológico, é uma subida de nível da qualidade de vida, no sentido definitivo, isto é, retirar a vida da corrupção e dar-lhe caráter definitivo. [...] A criatividade é, portanto, comunicar e revelar com a própria vida a verdade, isto é dar corpo ao Logos e dar corpo ao Bem ao Amor. Tornamo-nos belos quando somos a carne do Verdadeiro e do Bom. (RUPNIK, 2015, pp.6-7)

A indumentária e o comportamento, quando ligados ao Altíssimo, busca a essencialidade das coisas. Na verdadeira elegância, e mesmo no comportamento social, não existe nada que possa dar a ideia de exagero, ou da vontade de sobressair-se aos demais. Alguém pode estar vestido com roupas muito caras, e passar uma mensagem muda e transmitir uma mensagem meramente orgânica, isto é, apenas sensual ou mesmo neutra:

O vestuário não é uma questão marginal e não pode ser posto de lado como uma questão cultural, e nem mesmo como um problema moral. Falando de um ponto de vista teológico e moral o vestuário diz respeito à identidade da pessoa. [...] Mas a verdade é que o vestuário diz respeito à identidade mais profunda do ser humano. [...] Tanto assim é que a nudez é a perda daquela identidade que coincide com o desaparecer. Por conseguinte, o vestuário tem um nexos direto com aquilo que ontologicamente e existencialmente é o morrer e o viver do ser humano. (Ibidem, p.116)

Até a promulgação do Concílio Vaticano II,⁸ a Igreja mantinha as formulações ratificadas pelo Concílio de Trento.⁹ Uma das normas tridentinas, é a extrema necessidade de salvar a alma e evitar a condenação eterna, portanto a prática aos sacramentos era a “porta que levava ao céu”. Da mesma forma, professar sistematicamente a doutrina da fé e da moral, ensinada pelo magistério da Igreja.

⁸ Concílio Vaticano II. 11/10/1962 a 08/12/1965.

⁹ Concílio de Trento 13/12/1545 a 08/12/1563.

Pelo motivo de ser indispensável construir a própria vida, pautando-se pela salvação eterna, era evidente que as pessoas dessem um grande valor ao mundo sobrenatural. Portanto uma roupa, não poderia evidenciar, apenas o fator orgânico da moda.

O jornalista e mestre de etiqueta Marcelino de Carvalho, assim aconselhava em um de seus livros, publicado em 1962:

Ninguém deve conversar na Igreja, sobretudo quando há ofício. [...] Uma palavra urgente pode ser dita em voz muito baixa e curta. [...] A não ser em casos excepcionais, a gravata e o paletó são indispensáveis. Mas nunca – nem que seja em uma praia – short é admitido ou indumentária esportiva em exagero. [...] As mulheres devem estar vestidas com decência, isto é, com vestido adequado, que não seja muito decotado e sem mangas, nem muito curto. [...] A cabeça deve estar sempre coberta com chapéu ou mantilha e – em caso de emergência – com um simples lenço. (CARVALHO, 1962, p. 126-127)

Esta forma religiosa de pensar e agir, influenciou o vestuário laico por muitos séculos, pois a elegância, principalmente a feminina, deveria acentuar o espírito de transcendência, em detrimento do orgânico.

Por ser enquadrada dentro das artes aplicadas e a exemplo de toda arte cristã, a moda, em sentido subliminar, deveria buscar o Divino, o transcendente.

A estética do vestuário, principalmente das mulheres, possuía valor de elegância quando fugia da sensualidade visceral, sempre contrária àquilo que era entendido como classe e bom gosto. Era conhecida a famosa máxima que até a década de 1950, povoou o universo das senhoras e senhoritas, “A mulher não se veste para os homens e sim para as outras mulheres.

Em 1954, o Papa Pio XII ao receber membros do Congresso Internacional de Costureiros, no Vaticano, condenou o setor que se ocupava em “lisonjear a vaidade e o orgulho”, ignorando o pudor e incentivando um “luxo provocante”¹⁰

A respeito dessa influência cristã, no uso e na criação do estilo e da elegância, assim escreve a pesquisadora Mara Rúbia Sant’Anna, citando a modista francesa Maggy Rouff:¹¹ “A mulher elegante que Rouff propõe é uma mulher moralizada, não pela tradicional visão cristã, mas pela doutrina que em torno de Paris havia sido fundada do bom gosto, do chique e do belo.” (SANT’ANNA, 2014, p.48-49). Esse pequeno depoimento, vindo de uma famosa modista parisiense, pode comprovar a influência religiosa dentro da criação da moda.

¹⁰ O Estado, 18 de set. 1954, p. 1 in Sant’Anna, p. 49.

¹¹ Maggy Rouff. 1896-1991. Estilista francesa dedicada à alta-costura de Paris. Vestiu nomes importantes de *jet-set* internacional.

Partindo de um pensamento teológico, sobre a verdadeira elegância, esta definição do costureiro Christian Dior, (1905-1957) responsável pela manutenção da França, como líder mundial da moda, no pós-segunda guerra, pode nos oferecer alguma contribuição: “Apenas direi agora que a elegância deve ser a combinação certa de discrição, naturalidade, cuidado e simplicidade. Fora isso, acredite, não há elegância, apenas ostentação” (DIOR, 2009, p. 37).

Daí resulta a qualidade de bem parecer como qualidade de bem ser. “para aparecer, ela deve ser interior e invisível, vindo de dentro para fora, pela graça de uma divina troca”. Sendo desse teor, a verdadeira elegância, exerce sua ação pela alma, ela a eleva e a fortifica, ela a obriga a rejeitar, em um esforço natural, tudo o que não é moralmente elegância. (SANT’ANNA, 2014, p. 470)

1.2. O final da Idade Média e a Renascença

Antes de adentrar no objeto deste estudo, que são as mudanças comportamentais e mesmo sociais, acontecidas na França, do ponto de vista da educação feminina no século XVII, e lembrar como isso influenciou a questão da moda no Brasil. É importante fazer uma análise de alguns acontecimentos no terreno da moda e do comportamento na Europa antes de ingressarmos no espaço das relações da elegância, da etiqueta e da religião francesa no século XVII, o século de Luís XIV. Será preciso fazer, algumas observações, sobre a classe trabalhadora, ou seja, a classe denominada *populus*, no final do século XIII:

Durante o século XIII, muitos tipos de adjetivos surgem para designar as classes menos favorecidas: *humiles*, *ignobiles*, *parvuli plebei*, [...] *Minores*, *vulgares*, *populares* (*turba vulgarium...*), *vulgus*. Tomás de Aquino usa *infimis populus*, *vilis populus*, (ou *vilis plebs*). Nem é preciso dizer que essas designações de povo, muitas vezes pouco lisonjeiras, são encontradas nas penas das elites, em fontes narrativas, homiléticas ou normativas. É impossível investigar como os *populares* se autodenominavam e sentiam sua identidade social. (MENANT, 2019, s.p.)¹²

Falar em elegância, partindo das camadas mais pobres, se torna difícil, pois só foi durante o século XIX, que surgiu a ideia do *vulgus* (povo) sendo colocado no centro da história, tendo, como objetivo final, o seu triunfo, ou seja, quando as reivindicações do povo

¹² Todos os livros e artigos franceses estudados para compor esta tese, foram traduzidos pelo autor.

em geral passaram a ser ouvidas: “Mas antes a representação do povo parece muito negativa, e as classes dominantes até experimentam certa dificuldade em tomar consciência de sua existência como grupo social relacionado ao seu.” (Ibidem, s.p)

Portanto, a questão da elegância e mesmo da moda, até o século XIX, quando o povo, ou *vulgus* passou a ter representatividade social, seu estudo fica restrito às camadas mais elevadas: “Se a Idade média não ignorou o luxo manifestado nas artes, reservou-o para a glória de Deus, como evidenciado pelo esplendor das catedrais ou ornamentos litúrgicos e, no domínio mundano, [...] como uma indicação de superioridade hierárquica.” (TROUSSON, 2006, s.p.)

De acordo com as leis e costumes do sistema feudal não era possível a mobilidade social e o lugar de cada pessoa na sociedade era entendido como algo atribuído por Deus:

O limite inferior da elite evolui nos últimos séculos da Idade Média, pela inclusão, individual ou coletiva, aceita ou coagida, pela camada superior do povo: o critério mais claro é o político, quando os populares mais ricos conseguem ingresso, podendo participar nas decisões...na Itália, o movimento começa no final do século XII e intensificou-se no século XIII, até que muitos municípios fossem governados por uma elite composta em grande parte pelo *popolo grassor*¹³ - mercadores, empresários, profissionais do comércio de alto nível – que poderia até mesmo excluir a camada superior da velha elite, (os muito poderosos) e, em qualquer caso se misturar a eles. (MENANT, 2019, s.p)

No decorrer do século XII, surge no norte do continente europeu, onde hoje se localiza a França o estilo gótico¹⁴. Surgido primeiramente, na arquitetura, motivado pela criação dos arcos de sustentação (arcobotantes) permitindo uma grande elevação das catedrais, que passaram a ser construídas na forma ogival, indicando um direcionamento para o céu: “A arte gótica é considerada como uma expressão do triunfo da Igreja Católica durante a idade média, já que era uma expressão artística notadamente religiosa” (PINTO, s.d, s.p). Esse estilo perdurou até o século XV.

Durante o período gótico, pelo fato de ter surgido dentro da religião católica, esse estilo, influenciou também o vestuário. Fato importante:

¹³ Popolo grassor, significa neste caso, pessoas ou grupos em ascensão social. (*Grassor, aris,atus sum, ari, v.t.e i. dep. Grassar, roubar, caminhar, investir, saltar.*)

¹⁴ Segundo Tales dos Santos Pinto, o nome, “gótico”, usado pelo pintor italiano Giorgio Vasari, (1511-1574) que o considerava monstruoso. Esse nome, “gótico” é provavelmente derivado dos Godos, povo bárbaro que invadiu o Império Romano no período de sua decadência.

Foi no decorrer do período gótico, que a mulher foi definida, como sendo o lado frágil e romântico da natureza humana: “A cultura e o estilo gótico se exprimiram na moda feminina, mostrando a mulher como um ser delicado, dando pela primeira vez uma definição desta, idealizando-a como criatura aristocrática e inacessível”. [...] A família veio a ser o núcleo dessa nova forma de sociedade, onde a mulher tem uma participação determinante. A ela é confiada a “propriedade” do marido: os filhos, a casa e o patrimônio. Da moral à religião, da poesia à pintura, a cultura da época coloca-se a serviço para fundamentar esta imagem da mulher, ao mesmo tempo mãe e dona de casa. (BUTAZZI, 1983, p.186)

Desde a época em que a mulher foi definida como sendo o lado frágil e delicado da natureza humana, sua posição, em sociedade, passou a ser ambígua. Ela estava em segundo plano, com relação ao homem, mas também, possui um papel ativo através dos valores que transmite e responsabilidades que deve assumir. Apesar dessa contradição, esse modelo feminino atravessou os séculos seguintes: “Esta ambiguidade se traduz, na moda, pela importância dada, alternativamente a cada um desses dois aspectos em função dos esquemas sociais e das situações históricas variáveis segundo as épocas”. (BUTAZZI, 1983, p.186)

À medida que a classe trabalhadora, vai adquirindo poder financeiro e mesmo a educação, no final do século XIII estes novos enriquecidos, agora burgueses, passam a fazer parte das castas superiores, se separando dos estratos inferiores (homens sem profissão). Embora, já existindo dentro da classe burguesa os enriquecidos, principalmente advindos do comércio e do artesanato, a diferença entre plebeus e a nobreza era um fator preponderante.

Durante os anos de 1400: “a aristocracia, vai deixando de confeccionar suas roupas dentro das próprias casas, e as confiam, agora, aos “mestres alfaiates” das cidades”. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.113). Durante o século XIII, corporações de artesãos começam a se estabelecer no oeste da Europa. Desde que essas associações foram fundadas, começaram a aparecer as diferenças entre as roupas civis e clericais, também das roupas usadas cotidianamente. Podendo ser visível o fato de uma dama ser celibatária, ou mulher casada pelas variações em seus vestuários:

Os alfaiates das corporações, não só produziam roupas muito bem-feitas para a época, mas também, contribuíram a diversificar e variar o vestuário medieval, ajudando assim o desenvolvimento da moda em geral. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.113)

Podemos perceber, neste texto, que muitos dos costumes sociais, nascidos no período medieval, vigoram até os dias atuais.

Durante os séculos XII e XIII, o vestuário, além de hierarquizar as classes sociais, tinha já a função de definir a população, segundo os critérios da época. A distinção de classes

era uma grande preocupação, ou seja, categorizar ou marginalizar. Fatos esses escrupulosamente controlados pelas autoridades:

Os judeus, que costumavam cobrir a cabeça com o tradicional chapéu pontudo eram obrigados pela Igreja a usá-lo o tempo todo, assim como o véu para as mulheres judias.

As prescrições sobre a prostituição visam diferenciar mulheres “honradas” de mulher “depravadas”, forçando as prostitutas a usarem um boné vermelho (Zurique, 1319). O mesmo vale para seus cafetões (os “cafetões”) que devem, na Basileia a partir de 1417, usar um boné amarelo. Portanto, aqueles que ganham dinheiro com a “infâmia” da prostituição não podem ser confundidos com pessoas “honradas”. (SEM AUTORIA DEFINIDA)¹⁵

Do ponto de vista histórico: “Quatrocentos e Quinhentos: dois séculos sem solução de continuidade, que deram origem à Idade Moderna. O sentido da realidade e o domínio da razão demoliram o misticismo teológico” (CONTINI, 1965, p.87). Esse acontecimento causou uma renovação nas artes e no pensamento em geral. Período conhecido como Renascença¹⁶. Essa nova forma de pensar, livre de condições religiosas, trouxe em seu bojo, o humanismo que buscou, na literatura e nas artes da antiguidade clássica, grega e romana a sua fonte de inspiração, causando uma grande renovação artística e no pensamento humano em geral. Um fator preponderante foi descobrir a beleza física do homem e da mulher:

Mas pelas grandes façanhas desse individualismo, a Renascença pagou um alto preço: “A decadência moral”. A Itália do século XVI afigura-se aos historiadores país de criminosos inteligentíssimos. A autobiografia do grande ourives e escultor Benvenuto Cellini (1500-1571), um dos documentos mais característicos da Renascença, descreve a vida de um homem genial e sem nenhum escrúpulo. O próprio Burckhardt¹⁷, humanista pouco cristão, sente um calafrio ao falar em Maquiavel, e olha com horror fascinado os crimes do grande indivíduo Cesare Borgia. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1983. vol. 18, p.9777)

Outro, fato importante são os Papas que a historiografia hoje denomina os Papas da renascença:

A História fez bem em dar-lhes esse título, que lhes confere mais vergonha do que glória. Numa época de inquietudes, mas que fazia aflorar tantas riquezas, eles se apegavam aos gostos artísticos e às preocupações políticas, quando deveriam ter assumido totalmente os sofrimentos e as aspirações

¹⁵ Disponível em: <https://www.suisse-romande.com/histoire-mode-suisse.html>

¹⁶ Segundo a *Encyclopaedia Britannica* a Renascença designa o poderoso movimento artístico surgido na Itália, nos séculos XV e XVI. Esse movimento acabou por influenciar, uma renovação no pensamento, nas artes e na política em geral.

¹⁷ Jacob Christoph Burckhardt foi professor e historiador suíço da arte e da cultura. Nasceu em 1818 e faleceu em 1897.

espirituais. [...] Em 1449: abdica Félix V¹⁸, o último antipapa da história. (PIERRARD, 1982, p. 165)

Estes acontecimentos mostram o espírito de grandeza que pairava nas castas mais elevadas da época, inclusive dentro do próprio clero. Em um período em que a moda e mesmo a elegância, era confinada dentro dos limites dos castelos, o luxo e a ostentação, eram fatores preponderantes. As leis suntuárias,¹⁹ promulgadas sucessivamente, na maioria das vezes, tinha por intenção, coibir a burguesia de vestirem-se, com roupas e cores, limitadas aos de sangue azul: “Ao curso do século XIV, a ascensão das novas classes, cuja prosperidade, (como já foi dito), repousa sobre o comércio e o artesanato. Classes estas, postas em evidência, pela aplicação de leis suntuárias. Estas regulamentam o código social, demonstrado pelo estilo do vestuário, de tal sorte que os elementos específicos de uma classe, não sejam usurpados por outras” (BUTAZZI, 1983, p.186)

Podemos perceber como os costumes sociais, entendidos como elegância, permaneceram até o final do século XVIII, atrelados à questão da possibilidade financeira, ou seja, grandes gastos com o supérfluo. O vestuário foi um fator predominante neste quesito, por revelar a classe social que seus portadores pertenciam:

Giacomo Trotti, cronista minucioso das núpcias de Ludovic Sforza e de Beatriz D’este, celebrado em 1491, descreveu o esplendor das vestimentas que, além da decoração, foi implantado, nesta ocasião, nas salas do palácio Sforza em Milão. A propósito do hábito que tinham os convidados de mudar continuamente as toaletes, ele nota com delicadeza: Além disso, não se deve chamar de roupa, no verdadeiro sentido da palavra. Na medida em que se muda (de vestuário) quatro ou cinco vezes mantendo o mesmo luxo. (BUTAZZI, 1983, p.10)

Durante o século XIV, os burgueses copiavam cada vez mais os costumes, em especial o vestuário, da nobreza: “por sua parte, a nobreza, ‘emprestava’ vez ou outra, a moda dos burgueses” (KIBALOVÁ et al, 1976, p.127). Neste século, no que concerne à corte francesa, é claro que as diferenças de classe, no vestuário, não eram imutáveis:

O rei é consciente, de que ninguém é mais instável e mutante na maneira de se vestir que os franceses e que no futuro, não seria mais possível distinguir a classe social de uma pessoa por seus vestuários e adornos, seja ele príncipe, nobre, cidadão livre ou artesão, pois é permitido que cada um possa

¹⁸ Félix V, Conde de Saboia, nasceu em Chambéry em 1383 e faleceu em 1449, na cidade de Genebra. É considerado o último antipapa da História.

¹⁹ Leis suntuárias usadas desde a Grécia antiga visavam coibir gastos excessivos com artigos de luxo, vestuário, joias, moveis, etc. Outras vezes tinha a intenção de proteger a produção interna. Porém, na maioria dos casos, trazia um cunho discriminatório, por proibir a burguesia de copiar trajes e cores da nobreza.

se vestir como lhe convier. Em consequência disso, não somente os nobres rivalizam com os burgueses por estar na moda, mas o espírito de competição reinava mesmo entre os nobres. (Ibidem, p.127)

Em meados do século XIV, acontece uma diferença radical entre a moda masculina e a feminina. Sempre as grandes novidades aconteciam, primeiramente, na moda para os homens: “é no século XIV, que os homens passam a adotar as vestimentas com as pernas separadas”. (BUTAZZI, 1983, p.217)

Entre as cortes da França, a mais poderosa era o ducado da Borgonha. A predominância e influência da moda borgonhesa, subsistiu ao longo de todo o século XV.

No suntuoso e esplêndido ambiente da corte de Borgonha, durante a época, romântica, das cavalaria, o ducado vê expirar seus últimos triunfos. Philippe de Commines (1447-1511), testemunha ocular e cronista desta época turbulenta, evoca os grandes dias do ducado de borgonhes nas suas memórias iniciadas em 1489:

Naquela época as pessoas na corte de Borgonha vivem na opulência, graças ao longo período de paz e também porque seus senhores eram bons e por isso, os impostos eram poucos. [...] Eles abundavam e riqueza dentro da maior felicidade, que acabariam perdendo para sempre. [...] Os gastos excessivos das indumentárias, tanto dos homens como das mulheres, as festas e os divertimentos mais suntuosos e opulentos, de que jamais se ouviu falar:

Os tecidos mais custosos, as joias mais preciosas, os enfeites e ornamentos em ouro, eram moedas correntes. [...] Ainda que a preferência da corte de Borgonha e da alta aristocracia eram pelas cores sombrias, os ricos burgueses usavam roupas coloridas e excêntricas. Em 1468, pouco depois de seu acesso ao trono, Carlos o Temerário²⁰, surpreendeu seus cortesãos, ordenando o uso das roupas de aparato na cor negra. (KIBALOVÁ et al, 1976, p.127-128)

À medida que o progresso permitiu que cor preta tivesse bastante profundidade, foi tornando-se a cor dos nobres e sinônimo de elegância. A generalização da cor preta, nos séculos XVI e XVII, como cor do luto, foi iniciada no ducado de Borgonha, como podemos ver no texto acima. Desta corte foi se difundindo para a Europa. No final da Idade Média, a moda se tornou muito extravagante e, portanto, cara, obrigando o governo a promulgar uma série de leis suntuárias. A moda borgonhesa se caracterizava pelas formas alongadas, tanto nos vestidos, como nos sapatos e chapéus. As mulheres usavam vestidos com a cintura sob os seios, caudas longas e véus que chegavam a tocar o chão: “os vestidos com decotes profundos eram acompanhados por chapéus extravagantes, em forma cones, chamados “*hennin*”, que chegavam a ter 60 centímetros de altura” (Ibidem, p.128).

²⁰ Carlos I da Borgonha era conhecido como Carlos o Temerário. Nasceu em 1433 e faleceu em 1477. Reinou no ducado da Borgonha de 1467 a 1477.

A ostentação chegou a tal ponto que os monges franciscanos, vivendo dentro do ascetismo de sua regra recusavam a absolvição às mulheres que usassem longas caudas.

1.3. A moda europeia do século XVI

Até por volta de 1540, a moda da realeza europeia, era dada pelas cortes italianas: “a influência estética daquele país, penetra na corte (francesa) desde a expedição de Carlos VI²¹ e sobretudo sob o reinado de Francisco I,²² com as meias de seda e os veludos vindos de Gênova, Florença, Veneza e Milão” (LEBRUN, 2014, s.p.). A posição geográfica da Itália, situada entre o ocidente e o oriente recentemente descoberto, facilita o envio de seus navios de comércio a todo mundo conhecido da época: “os ricos comerciantes protegem os artistas, como Leonardo da Vinci, Botticelli, Miguel-Ângelo e Ticiano. Os Médicis e os Borgia estavam, nessa época em todo seu esplendor” (SELBIE, 1978. p.38).

Os italianos da renascença, amavam o aparato, construíram palácios, pintaram quadros monumentais e adotaram o teatro. Usavam as melhores roupas e compravam numerosos e caros vestuários. Ainda que influenciados por numerosas correntes estrangeiras, a moda italiana sabia, mesmo assim, preservar uma característica individual na escolha do estilo e das cores. [...] No início da Renascença, a moda exigia uma silhueta magra, e roupas flexíveis que facilitassem os movimentos e por esse motivo, era usado, relativamente, pouco tecido para sua execução. Porém durante o século XVI, grandes mudanças no gosto do vestuário aconteceram. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.139)

A mudança mais importante no terreno da moda foi a nova silhueta, alargando-se consideravelmente e as vestimentas passaram a ser feitas com tecidos pesados: “caindo em grossas dobras, que arrastavam pelo chão” (Ibidem, p.139)

No século XVI as cidades de Veneza, Florença, Milão e Luca, produziam tecidos de alta qualidade: brocados, veludos, cetins e seda. A moda era muito influenciada pela magnificência dos tecidos. Motivado por esta suntuosidade: “Os movimentos passaram a ser necessariamente lentos e cerimoniais, todas as atitudes e gestos foram impregnados por uma aparente dignidade” (Ibidem, p.139).

No correr do século XVI, os rapazes esguios dos séculos XIII e XIV, tornaram-se homens fortes e resolutos de ombros largos; as moças frágeis e delicadas, em mulheres

²¹ Carlos VIII, Rei da França, foi coroado em 30 de maio de 1484. Nasceu em 30 de junho de 1470 e faleceu em 07 de abril de 1498.

²² Francisco I, Rei da França, Foi coroado em 25 de janeiro de 1515. Nasceu em 12 de setembro de 1494 e faleceu em 31 de março de 1547.

adultas e vigorosas: “Como podemos ver nas obras de Leonardo da Vinci, Rafael, Miguel-Ângelo [...] e outros” (Ibidem, p.139).

O renascimento, todavia, não acarretou apenas uma reviravolta política (de resto limitada à Itália, porque nos outros países começaram a delinear-se as nações a partir dos feudos e principados), mas também uma enorme difusão da cultura clássica, latina e grega. A cultura tornou-se um ponto de encontro entre a aristocracia e a burguesia. (CONTINI, 1965, p. 87)

O problema da higiene pessoal, foi sempre permeada de motivações errôneas, com sentido à saúde: “a limpeza não estava na moda nos princípios do século XV, embora nos toucadores femininos, fossem exibidos frascos de ouro e prata, para os cosméticos e cremes, limpa-orelhas, limpa-dentes, limpa-unhas e raspa-línguas”. (Ibidem, p. 94)

Podemos concluir, que durante o Renascimento, a mentalidade cavaleiresca da época gótica foi paulatinamente mudando a sua configuração humana. Levando a crer que, as facilidades da imprensa, as grandes navegações e a descoberta da América, além das mudanças de paradigmas por toda Europa, trouxe para a Espanha, um poder quase absoluto. Por esse motivo se torna evidente, que o estilo suntuoso e religioso, dos vestuários usados pela nobreza espanhola, influenciará a maioria das casas reais da Europa.

1.4. O período espanhol

Após o período em que as cortes europeias foram muito influenciadas pelo estilo italiano, o centro gerador da moda passa a ser a Espanha:

A predominância da moda espanhola tem um fundamento político. Sua hegemonia está ligada à poderosa posição do império espanhol, que chega ao seu apogeu sob o reinado de Carlos V. Coroado imperador da Alemanha, (1519-1556), ele governa não somente seu próprio reino, mas também os Países-Baixos, a Áustria e as imensas possessões espanholas na América e na África. (Kybalová et al, 1976, p. 163)

A descoberta da América e as imensas riquezas trazidas do Novo Mundo tornariam a terra de Cervantes o país mais poderoso do Mediterrâneo: “depois de 1525, a Espanha gradualmente simplificou o traje. [...] Os homens começam a introduzir em suas roupas detalhes da moda flamenga e espanhola em detrimento da moda italiana (LEBRUN, 2014, s.p.).

A chegada de Cristovão Colombo, ao novo continente em 1492. Que seria posteriormente chamado de América, trouxe novidades das quais a moda se apoderou, além

da quantidade de ouro e prata, vieram as: “plumas de pássaros exóticos que os indígenas teciam para suas vestes e que os elegantes do século XVI empregaram para ornar principalmente seus cabelos[...] e ainda lápis-lazúli e jades, pérolas e madrepérolas” (CONTINI, 1965, p.113):

Até a metade do século XVI, a Corte espanhola dava o “tom” ao estrangeiro, tendo apenas por rival, a Corte da França. A Espanha era ainda o mais poderoso dos países mediterrâneos e dispunha das imensas riquezas extraídas das minas de ouro e prata da América do Sul. Os soberanos espanhóis, os Habsbourg, tinham parentes na nobreza austríaca, por esse motivo a moda espanhola se difunde através da Europa. Filipe II, que sucedeu seu pai Carlos V, foi um dos mais ardentes defensores da Contrarreforma, e as toaletes particularmente severas de sua corte, refletem seu gosto pela etiqueta e pela tradição. [...] Os espanhóis eram um povo sensual, porém extremamente religioso. Estes contrastes, levam as vestimentas a ser de um luxo extremo, mas de relativa simplicidade de linha. (SELBIE, 1978, p.50)

Por esse motivo: “a Contrarreforma católica, encontrou sua expressão na moda espanhola severa e incômoda do século XVI”. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.163). As vestimentas escuras, normalmente de cor preta, ornamentadas com ricas passamanarias em ouro e prata. As roupas eram rígidas e desconfortáveis. Essas indumentárias eram o reflexo do estilo da época. O colarinho prendia os movimentos e tolhiam a alegria natural. Esse vestuário, a conversação e mesmo o modo de viver tornavam os espanhóis carrancudos: “o aspecto prático do vestuário era secundário, apenas contava seu efeito decorativo. As roupas da corte espanhola não tinham flexibilidade e mascaravam totalmente as formas femininas” (Ibidem, p. 163).

Em 1554, Carlos V é sucedido por seu filho, Filipe II: “ardente defensor da Contrarreforma” (SELBIE, 1978, p.50). Esse monarca obrigava os povos de seu imenso domínio a adotar a severa e suntuosa moda espanhola:

O fato de adotar uma tal moda, parecia transformar as ideias e os costumes dos povos estrangeiros, tornando-os menos susceptíveis às “ordens” da Espanha. [...] A distância entre a moda da corte e as roupas do povo, nunca foram tão profundas. [...] Durante seu governo, a liberdade relativa que tinham os burgueses, foi abolida. A reserva fria da aristocracia, bem como, o caráter fechado e inacessível do complicado cerimonial da corte espanhola, prevaleceram por toda parte. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.163)

Durante a Renascença, as diferenças entre as classes sociais diminuíram muito, essa nova tendência, foi refreada pela corte espanhola: “o poder espanhol era inimigo jurado de toda orientação em direção ao progresso e das novidades” (Ibidem, p.163). O primeiro a

introduzir na corte, uma etiqueta inflexível, foi Carlos V, ele mesmo um grande mestre de cerimônia. Apenas Luís XIV, pode ser comparado a ele neste ponto (Ibidem, p.163).

No final do século XVI, em lugar do saiote de tecido engomado, surge a moda do *vertugado*²³, armação feita com círculos de ferro ou de osso aumentando a amplidão das saias. Essas armações, ao que parece, eram usadas apenas pelas aristocratas que viviam nas cidades. Na moda espanhola, as caudas não existiam: “A moralidade exigia que as pernas e o pescoço estivessem sempre cobertos (Ibidem, p.164).

Durante esse período, como já dito, a distância entre a roupa da nobreza e da população em geral foi sempre muito grande: “o vestuário dos mais desafortunados, eram sempre versões pobres e despojadas, daquilo que os nobres e a alta burguesia haviam usado a cinquenta ou sessenta anos atrás” (SELBIE, 1978, p.4).

O primeiro livro de tratado básico de corte e costura *Geometria, Pratica y Traça* foi publicado em Madri, em 1580, pelo alfaiate Juan de Alcega. Esse artesão teve dificuldades em editar este livro de aprendizado “devido à resistência da ‘Guilda dos Alfaiates’²⁴, por medo de que fossem revelados os segredos da arte. Esse tratado de corte e costura foi republicado em 1589. No ano de 1618 surgiu em Madri o segundo livro de alfaiataria: “*Geometria y Traça*, do também espanhol Francisco de La Rocha de Burguen” (BARBOSA; SANTOS, 2017, s.p.).

Podemos perceber, por intermédio dessas publicações, o interesse que a moda e sua execução despertavam na alta esfera espanhola. Elas também demonstram a preocupação em atender às demandas da clientela:

O alfaiate que deseja cortar bem suas roupas, seja para um homem ou para uma mulher, deve tomar medidas cuidadosas de seus clientes. Ele também é avisado dos caprichos dos referidos clientes, que muitas vezes quando um vestuário está sendo cortado pede para ele ser feito dois ou três centímetros mais curto e mais estreito, e quando a peça do vestuário está feita, quer mais comprida e larga, o que significa que muitas peças de vestuário são desperdiçadas, e o alfaiate deve permitir isso. (WAUGH apud BARBOSA; SANTOS, 2017, p.3)

Os tratados de corte e costura espanhóis deixam claro dois aspectos da moda, ou seja, o sistema de alta costura, a roupa feita especialmente para determinada pessoa que

²³ Vertugado ou *vertugadim* entre os vários nomes que essa armação possui, se tratando de uma palavra de origem espanhola é: “Guardiã da Virtude”. Este grande saiote ressurgiu na moda várias vezes na segunda metade do século XIX, durante o período romântico. No século XX, ressurgiu na moda para noivas, após as bodas de Lady Diana Spencer, como príncipe Charles da Inglaterra, em 1980.

²⁴ Guildas medievais eram associações de profissionais, surgidas na Baixa Idade Média (séculos XIII ao XV). Existiam guildas de alfaiates, sapateiros, ferreiros, artistas plásticos, e outras. O objetivo era defender os interesses de seus associados.

vigorou pelos séculos seguintes. Sabemos também que os profissionais desta área eram homens e somente no século XVII, Luís XIV, na França, autorizou a implantação de associações de costureiras.

Em 1588, a marinha inglesa vence a “invencível Armada” e esse fato abala a supremacia política do poder espanhol, causando a queda da superioridade da moda espanhola na Europa.

1.5. O domínio francês da elegância

A moda e o comportamento social impostos pelas cortes europeias, partiram de vários “centros de atenção”. Durante a renascença, as cortes italianas davam o tom às outras cortes. Na época dos grandes descobrimentos, foi o poderoso reino espanhol e seu rigorismo religioso que influenciava a forma de vestir da nobreza.

Durante o século XVII, a França, em seu período de maior brilho, trouxe para si a ideia de ser o centro irradiador da elegância e das etiquetas mundanas para as outras cortes: “Durante a guerra dos ‘Trinta Anos’²⁵, não havia unidade na forma de vestir. O estilo das roupas mudava de um país ao outro e mesmo entre cidades” (KYBALOVÁ et al, 1976, p.189).

Esta centralização de Paris, como ponto convergente e irradiador da moda para outras cortes europeias, foi feita com tal maestria por Luís XIV e seus ministros, e a influência francesa na moda e na elegância perdurou pelos séculos seguintes não se abalando, inclusive, pela revolução de 1789, a Revolução Francesa.

A partir de 1660 a França passa a dominar a questão da elegância entre as cortes europeias: “o traje veste a história, respondeu Luís XIV a quem lhe censurava o excessivo luxo imperante na corte de França. Nunca frase alguma foi tão exata: de fato, o traje não tem apenas a função de cobrir o corpo, tem também a atribuição de definir o caráter dos povos” (CONTINI, 1965, p.145).

O palácio de Versailles começa a impor as leis da moda, não só para si, mas para todas as cortes europeias, de forma tão organizada, que era muito difícil resistir às suas novidades:

Paris faz conhecer sua moda com grande vigor. Todos os meses, bonecas em escala humana vestidas pela última moda, eram enviadas a Londres, e mais tarde a outras capitais europeias. As “*poupées fameuses*” cumprem a missão

²⁵ Guerra Dos Trinta Anos (1618 a 1648): eclodiu, após uma série de conflitos, religiosos e políticos, entre os príncipes alemães católicos e protestantes. Se estendeu rapidamente por toda Europa, causando a morte de milhões de pessoas.

tão importante de expandir a moda francesa, que nem mesmo as guerras conseguem cessar.

(KYBALOVÁ et al., 1976, p 189).

O rei Sol, tornando seus ministros, homens vindos da alta burguesia e não da nobreza., diferente da Espanha, abriu a questão da elegância para fora dos limites da corte. Essa medida fez com que a França se tornasse líder da elegância para toda Europa. A moda era na época, baseada no luxo das indumentárias, tanto para mulheres e para os homens.

Estas *poupées fameuses*, eram bonecas de madeira, de tamanho quase natural, vestidas pela última moda. Estas pandoras (assim eram chamadas) foram as únicas a ultrapassar as barreiras erguidas pela guerra entre a França e a Inglaterra, para levar à corte inglesa as últimas novidades da moda. Últimas novidades que a partir de 1672, foram publicadas até num jornal, *Le Mercure Galant*²⁶, para dar a conhecer aos e às elegantes de todo mundo as últimas novidades da moda francesa. (CONTINI, 1965, p.153-156)

Assim que Luís XIV, o Rei Sol, ascendeu ao trono, no ano de 1661, começa a saga do absolutismo: “O estado sou eu”. Uma das primeiras medidas, tomadas pelo novo monarca, teve uma profunda repercussão entre a nobreza e a alta burguesia. Diferente da poderosa corte espanhola, onde os nobres se afastavam da burguesia enriquecida, o rei da França, para não depender apenas da casta nobre, fez com que ricos burgueses fossem seus conselheiros: “com esta providência a nobreza deixa de ter a primazia no campo político. Mas reserva para a classe dos nobres as mais altas dignidades militares e eclesiásticas” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.8). Com esta medida, podemos crer que Luís XIV expandiu a moda para ambientes fora dos limites da nobreza: “Paris faz conhecer sua moda com muito ardor[...] Não somente a moda francesa unifica a roupa, dos poderosos da Europa, nobres ou não, mas passa a influenciar, também, a moda de toda a população” (KYBALOVÁ et al, 1976, p.189).

O palácio de Versailles, foi construído com a intensão de mostrar ao mundo a grandeza que a França atravessava naquele período: “em 1662, a monarquia transfere-se para Versailles” (GAXOTTE, 1946, p.203). Por esse motivo tudo o que circundava o Rei Sol, incluindo seus nobres, deveriam patentear essa magnitude. Assim a etiqueta torna-se um detalhe importantíssimo dentro da corte. Quais as dignidades que poderiam usar veludo preto, quem poderia ou não, sentar-se diante do rei e em que tipo de cadeira. Dependendo do

²⁶ *Le Mercure Galant* foi fundado em Paris no ano de 1672 por Jean Donneau de Visé (1632-1710). Teve início como um periódico voltado às artes e sociedade e passou depois para publicação das novidades da moda. É considerado o primeiro jornal de modas da história.

grau de parentesco, influência social, ou influência exercida sobre o monarca, a poltrona de braços, seria a categoria mais alta:

Na presença de Luís XIV e em certas circunstâncias, apenas a rainha da França[...] ou seja, a Maintenon – tem direito escandalosamente a uma cadeira de braços, isto é, a uma poltrona de *facto*; mascara-se esse abuso por uma razão de saúde. [...] O delfim inclusive, está excluído dessa honraria. (LE ROY LADURIE, 2004, p.47)

No entanto podemos crer que esse rigorismo na etiqueta, era apenas exigido dentro do palácio de Versailles pois: “Em contrapartida, zonas anárquicas, existem fora de Versailles, notadamente em Marly e no Trianon, onde cortesãos e mesmo faxineiros sentam-se não importa onde nem como” (MADAME Apud LE ROY LADURIE, 2004, p. 47).

As mulheres eram o enfeite da corte. Mas a atenção não era dada pelas nobres de antiga tradição e sim pelas amantes do monarca. Estas eram, geralmente, de origem nobre: “A aristocracia reinante considerava a fidelidade conjugal, como uma virtude “ordinária”, própria de gente do povo” (KYBALOVÁ et al, 1976, p.189). Ser amante do rei, era uma distinção de honra, as famílias brigavam por isso.

A moda na corte do Rei Sol era conduzida pela amante de Luís XIV, Madame de Montespan, de família nobre, cuja posição ofuscante a permitia eclipsar todos ao seu redor.

Françoise Athénaïs de Rochochuart de Mortemart, por seu casamento assumiu o título de Marquesa de Montespan:

Ela era espirituosa, o espírito orgulhoso dos Mortemart, engenhoso, cáustico. Por fora, ela era linda, orgulhosa, perdulária, deslumbrante.” Assim Madame de Sévigné²⁷, descreve uma toalete usada por Madame de Montespan, a favorita do Rei: “Vestido de ouro sobre ouro, bordado com ouro e, acima, um ouro frisado, extraído de um ouro misturado com certo ouro, que faz o tecido mais divino que já se imaginou: foram as fadas que fizeram em segredo aquele trabalho. (GAXOTTE, 1946, p.19)

Um detalhe, que marca a história da elegância durante o século XVII, é o uso de perucas para os homens: “somente durante o ano de 1655, Luís XIV, licencia a abertura de quarenta e oito ateliês de execução de perucas em Paris. Usada pelo próprio monarca: “A peruca se tornou um símbolo da aristocracia da época. Ela dignificava os homens e parecia caracterizar tudo aquilo que as classes dirigentes pretendiam”. (KYBALOVÁ et al, 1976, p. 189)

²⁷ Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), neta de santa Joana de Chantal, ficou conhecida na historiografia francesa como Madame de Sévigné. Deixou grande quantidade de cartas onde é possível acompanhar os acontecimentos da época. Grande parte desta correspondência era destinada à sua filha.

Nos séculos XVII e XVIII, no que diz respeito à moda, os homens muitas vezes mostravam-se mais vaidosos de que as mulheres. Além de roupas profundamente enfeitadas, usavam apenas brocados bordados em ouro e prata e sedas: “que custavam um olho da cara, como escreveu Madame de Sévigné, ao descrever um traje encomendado por seu genro.” (CONTINI, 1965, p.153). Na verdade, o lado feminino da moda, como entendemos hoje, foi fartamente usada pelos homens. Em meio a tantos enfeites, bordados, rendas e volumosas perucas cacheadas, o único detalhe masculino desse período era um pequeno bigode, pois a barba não estava em moda.

1.6. A moda francesa dos séculos XVIII e XIX

Após a morte do Rei Sol, em 1715, uma nova forma de vida, mais leve e menos protocolar, se faz sentir na corte de Versailles. Na pintura nasce o estilo rococó que vai buscar mais leveza nas cores e nos temas, diferindo assim, da dramaturgia cênica do estilo barroco. A moda acompanha essa trajetória, tentando escapar do rigor imposto na corte de Luís XIV:

Um dos traços característicos deste período, (1715 a 1789) chamado “galante” foi a falta de moderação. Um realismo excessivo, um absolutismo excessivo, um culto excessivo da aristocracia, um militarismo excessivo, fornecem a imagem desta época. Os arquitetos enfeitam muito seus monumentos, o erotismo tinha um grande valor e a moda se excede. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.207)

A questão do luxo, durante o século XVIII, era um fato tão exagerado que vários escritores da época escreveram sobre o excesso imperante nessa questão. Quando esse exibicionismo se expandiu da nobreza para as aldeias francesas, o filósofo holandês Bernard de Mandeville (1670-1733) publicou, em 1714, a obra *La Fable des abeilles*. Esse livro criou uma grande celeuma, sobre o tema, uns prós, pois achavam que o luxo promovia o comércio e outros contras, por acharem que o luxo, levava as pessoas à ruína. Esse debate envolveu os grandes pensadores da época, inclusive Voltaire e Rousseau.

Na questão da moda feminina, as armações das saias tornaram-se tão exageradas, que era quase impossível o andar das mulheres elegantes. As velas dos castiçais poderiam, a qualquer momento incendiar os altos penteados. A maquiagem, os talcos, que empoavam as perucas, as pintas falsas e que serviam também para mascarar uma ou outra imperfeição da pele do rosto, foram usadas sem nenhuma parcimônia. Podemos perceber o alto grau a que

chegou a frivolidade mundana pelas palavras de Madame de Stael²⁸ em carta para uma de suas amigas:

Imaginemos uma mulher deliciosamente amável, magistralmente vestida e cheia de graça. Se com todas essas vantagens, ela apenas saber usar o leque de maneira burguesa, sempre terá que temer tornar-se objeto de ridículo. Há tantas maneiras de usar esse precioso adorno, que é possível distinguir, por um golpe do leque, a princesa da condessa e a marquesa da plebeia. O leque abre e fecha, levanta ou abaixa, segundo as circunstâncias. (CHALLAMEL, 1875, p. 126)

A mulher de cabelos empoados de branco, com a saia fartamente armada, enfeitada com flores artificiais e rendas em tons suaves, muito maquiada, é a imagem que temos da mulher do século XVIII.

No final deste século, a elite francesa passou a adotar novos hábitos para as refeições e padrões de conduta para lugares públicos e convivência social, assim como normas de cortesia no trato imediato:

É certo que tais regras não têm origem nesse momento e apenas na corte francesa, mas é lá que em nome da etiqueta e da civilidade, começou-se a normatizar dos grandes aos pequenos detalhes da vida social cotidiana. O guardanapo substituiu o lenço durante as refeições. [...] Os pratos são trocados com maior regularidade, [...] A faca é introduzida para cortar carnes previamente trinchadas, [...] e o hábito de trazer à mesa grandes pedaços de animais passa a lembrar canibalismo. (SCHWARCZ, 1998, p.195)

1.7. A grande renúncia masculina

Por volta do final do século XVIII: “ocorreu um dos mais notáveis acontecimentos em toda história das vestes, sob cuja influência ainda estamos vivendo e que, sobretudo, atraiu menos atenção do que merece” (FLÜGEL, 1966, p.100). Os homens abdicaram de todos os seus direitos às fantasias da moda deixando-as para o elemento feminino. Após a Revolução Francesa a riqueza foi deixando de estar associada ao lazer e ao luxo nas indumentárias masculinas. O lema revolucionário “liberdade, igualdade e fraternidade” deixava claro que a fraternidade humana não toleraria mais trajes que por sua própria natureza, demonstrassem as diferenças monetárias e de posição social, entre um homem e outro.

Foi só no século XVIII que o sujeito masculino, retirou-se do foco das atenções, entregando seu manto ao sujeito feminino. Durante a segunda metade desse século as volumosas vestimentas e as rebuscadas perucas dos nobres foram pouco a pouco se reduzindo, até o que eventualmente se tornou

²⁸ Anne-Louise Germaine de Stael-Holtein (1766–1817) foi uma Intelectual e romancista francesa.

o terno respeitável e a “*coiffure à la naturelle*” dos cavalheiros, enquanto o vestido e os penteados femininos atingiam proporções épicas. (SILVERMAN, 2002, p.201)

Com o recrudescimento da classe média, a moda para o homem, passou a estar associada à produtividade e direção dos negócios, ou seja, ao trabalho. Essa nova maneira de pensar, motivou a necessidade de sobriedade e uniformização da roupa masculina. Passou, então, à mulher, com sua vida ainda voltada ao cuidado da casa e dos filhos, demonstrar através das roupas, dentro do restrito campo social em que vivia, a riqueza de seus pais ou maridos. Flügel chama esta mudança acontecida na indumentária do homem de “A Grande Renúncia Masculina.”

Por volta dessa época, (final do século XVIII) ocorreu um dos mais notáveis acontecimento em toda história das vestes, sob cuja influência ainda estamos vivendo e que, sobretudo, atraiu menos atenção do que merece; os homens abdicaram de seu direito a todas as formas mais claras, mais alegres, mais elaboradas e mais variadas de ornamentação, deixando-as inteiramente para o uso das mulheres, fazendo assim o seu corte de roupa a mais austera e ascética de todas as artes. [...] O homem abandonou sua reivindicação de ser considerado belo. Objetivou, assim, ser considerado somente útil. [...] Até aqui o homem tinha competido com a mulher no esplendor de suas vestes, residindo a única prerrogativa da mulher no “*decolleté*” e outras formas de exibição erótica do próprio corpo; desde então até os dias presentes, a mulher deveria gozar o privilégio de ser a única possuidora da beleza e da magnificência. (FLÜGEL, 1965, p.100)

Diferente da nobreza, a mulher burguesa tornou seu estilo de moda e de vida, discretamente elegante. Essas mudanças comportamentais surgiram na França, na segunda metade do século XIX, quando a alta burguesia, após a Revolução de 1789, havia se tornado a detentora do poder político, assumindo também o poder econômico:

A regra oficial desta(nova) burguesia é de se erigir em ordem moral, por oposição ao caráter libertino do comportamento da corte imperial. O vestuário vai imediatamente se ressentir deste fato: A crinolina é abandonada e nasce uma nova moda infinitamente mais sóbria, porém ainda, consideravelmente sofisticada, mas que os autores da época descrevem como de grande austeridade. [...] A partir desse momento vão se desenvolver dois tipos de vestuário, bastante diferente um do outro: o traje de passeio e o traje de noite. A austeridade da roupa de passeio é infinitamente maior, pois os vestidos são fechados até o pescoço e as mangas são justas e compridas. O traje para a noite permite decotes mais amplos e a nudez dos braços. (DU ROSELLE, 1976, p.1)

Ainda segundo Bruno du Roselle, a diferença surgida entre a roupa feminina usada durante o dia e a roupa para ser usada fora de casa, à noite, demonstra que essa nova

burguesia enriquecida, vive, na realidade, sobre dois planos. O primeiro seria de ordem moral e religiosa, a forma vivida com suas esposas, mães de família, destinadas a dar continuidade através de seus filhos, a essa nova dinastia industrial. Na França, os vestidos da noite eram feitos para vestir as mulheres que não pertencem ao mundo das mães de famílias. Elas são cognominadas, “mulheres do meio mundo”, as grandes amantes. Serão elas que, praticamente, até 1910, vão ser os verdadeiros protótipos da moda:²⁹ “De qualquer forma, essas mulheres, serão as auxiliares desta burguesia moralizadora, pois permite aos homens salvar as aparências, mas deixando uma saída à sensualidade masculina.” (Ibidem, p.1)

Essa forma de vida, assumido pela alta burguesia francesa, para as mulheres, era a de ser esposa e mãe de família, mantenedora dos laços religiosos e morais, agregadores do núcleo familiar. Para os homens, era o trabalho externo e um comportamento mais liberal. Tudo leva a crer que motivado pela forte influência francesa na cultura social brasileira, este foi o modelo adotado, pela oligarquia, como padrão de conduta durante o século XIX.

A respeito da elegância masculina do século XX em nosso país, é interessante o que atesta o costureiro Dener, em seu livro de memórias, pelo fato de seu pai ter sido médico:

Meu pai ficou no Pará, e não era rico. Família de cientistas faz o charme em outro gênero, até hoje. Nos últimos vinte anos é que começaram a aparecer médicos milionários que frequentam a sociedade de dinheiro. Por causa de meu pai, sempre prestei atenção a famílias de médicos. Reparem que os grandes professores de mais de sessenta anos são de grande classe e pobres. Depois é que surgiu a geração [...] grandes médicos e grandes bolsas. Os juveníssimos (que estão acabando a faculdade) estão voltando ao tempo de muito estudo sem dinheiro. (ABREU, 1972, p.18)

²⁹ Segundo Du Roselle, a Alta-Costura francesa, nasce oficialmente em 1858, com a abertura da casa de modas em Paris, do costureiro inglês, Charles Frédéric Worth (1825-1895). Worth foi o primeiro costureiro a usar manequins vivos em seus desfiles. Sua casa de modas, após sua morte, foi comandada por seus filhos, Gaston e Jean Philippe. A casa Worth encerrou suas atividades em 1956.

CAPÍTULO II

FÉNELON E SUA ÉPOCA

O século XVII significou para a França seu período de maior grandeza: “é o século que, pelo brilho de sua literatura, das artes em geral, e mesmo militarmente, o país domina a Europa.” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.07)

Luiz XIV, o introdutor do regime absolutista, conduziu a França ao predomínio ocidental, não só das artes e das armas, mas também da moda e da etiqueta, sendo estes dois últimos fatores que dominariam a cultura na Europa, América e mesmo de alguns países orientais pelos séculos seguintes.

Tanto empenho para engrandecer a nação francesa, fez com que o país fosse o berço de grandes nomes, não só nas letras e artes, mas também na renovação do ensino das meninas, pois até aquela data eram encerradas na vida doméstica ou nos conventos. No que concerne à educação feminina, duas grandes personalidades trabalharam neste sentido, o Arcebispo de Cambrai, François de Salignat de la Motte Fénelon e a esposa morganática de Luis XIV, Marquesa de Maintenon, hoje considerada a primeira educadora secular da França.

Para os estudiosos e historiadores, o século XVII se inicia em 1610, com a morte de Henrique IV, e termina em 1715 com a morte de Luís XIV, assim o século da “razão lúcida” compreende a regência de Maria de Médicis, o reinado de Luís XIII e a dominação do Cardeal Richilieu, a regência de Ana de Áustria e o poder do Cardeal Mazarin, inutilmente combatido pela Fronda Parlamentar e pela Fronda dos Príncipes; e com a morte de Mazarin, em 1661 o longo reinado pessoal de Luís XIV. O Cardeal Richilieu pela lucidez de sua genialidade política e intransigência de seu caráter e o Cardeal Mazarin por sua diplomacia insinuante prepara a conclusão de um trabalho secular, o estabelecimento da monarquia absoluta. [...] Sob Luis XIV a burguesia dá a França todos os seus grandes ministros, assim como seus maiores gênios literários. O elam feudal enfraquece pouco a pouco: O fracasso da Fronda³⁰ (1652) marca uma virada nas artes e na história da França. (Ibidem, p.07)

A derrota da Fronda dos Príncipes marca o fim da idade feudal, onde o rei era apenas o *primus inter pares*, governando por escolha e consentimento da nobreza para todas as medidas administrativas e mesmo para fazer guerra.

³⁰ Houve dois movimentos revolucionários, na França, entre 1648 e 1652. A Fronda Parlamentar, que visava a luta contra o aumento de impostos pedidas pelo Cardeal Mazarino e a Fronda dos Príncipes, que visava a limitação do poder absoluto do Rei, portanto a manutenção do espírito feudal.

O absolutismo marca o momento da virada na história da França. Assim, apoiado por ministros sábios e poderosos é completado o poder totalitário do monarca. Sustentado por legisladores e teólogos: “representante de Deus sobre a terra, o rei não é responsável frente a nenhum poder humano. Os teólogos completam: O rei é responsável perante a sua própria consciência e perante Deus. É a monarquia de direito divino.” (Ibidem, p.8)

Luís XIV foi um exemplo de monarca do Absolutismo.

O século XVII foi o último dos três séculos de ouro, e foi o século da razão. Preanunciado pelo Renascimento, que redescobriu e difundiu a cultura clássica, preparado pelo século XVI, que encontrou na crítica e na liberdade de pensar os valores do espírito. O século XVII foi apenas a conclusão de uma época de despertar para a humanidade. As próprias guerras que o perturbaram, as rebeliões religiosas que o dividiram, as revelações científicas que o iluminaram deram-lhe o direito de chamar-se “o grande século”, principalmente para o povo francês e por mérito de dois reis (Luís XIII e Luís XIV) e de três ministros (Richilieu, Mazarino e Colbert). (CONTINI, 1965, p.168)

2.1. Luís XIV

Luís XIV (Figura 1) foi preparado por seus tutores e ministros, para transformar a França, em um reino de governo absolutista. Centralizando o poder nas mãos do rei. Apesar das críticas, o Rei Sol, levou seu país a ser o mais importante do continente europeu.



Figura 1. Luís XIV³¹

Naquele tempo todos queriam estar bem em seu leito de morte. O Cardeal se fez barbear, frisar o cavanhaque, colocou “rouge” nos lábios e empoou a face. Depois sobe em sua liteira, que estava já aberta a sua frente, e seus

³¹ Disponível em: *Encyclopédie illustrée du costume et de la mode*, 1970.

lacaio o levam a passear em seu jardim. Teve um desmaio, que o fez deitar-se de novo, [...] e finalmente voltou às mãos do padre Joly, pároco da Igreja de Notre-Dame-des-Champs, que tinha reputação de assistir, com leveza, os mais ilustres moribundos. [...] O Cardeal lhe diz: confessei meus pecados a meu confessor; espero o perdão de Deus. Só me fale, eu te peço senhor Joly, da misericórdia Divina, pois, pelo julgamento final já estou profundamente tocado. (GAXOTTE, 1946, p.09)

O cardeal Mazarino falece no dia 09 de março de 1661.

Na manhã seguinte, 10 de março, Luís XIV, aos 23 anos de idade, reúne seus conselheiros, tira e recoloca o chapéu à guisa de cumprimento e em pé comunica, dirigindo-se a seu chanceler:

O senhor está aqui, junto a meus ministros e secretários de estado para vos dizer, que até este momento eu quis deixar o governo de meus trabalhos a cargo do senhor Cardeal Mazarino, agora é tempo que eu os governe por mim mesmo. Os senhores me ajudarão com seus conselhos, quando eu os pedir.

A “face do teatro” vai mudar. Vou procurar outros princípios para governar meu Estado. Vocês sabem minhas vontades. Serão vocês, senhores, que as deverão executar.

Ele não diz mais nada e o conselho se separa.

Pouco depois o Rei se encontra com o Arcebispo de Rouen, presidente do Clero que pergunta ao monarca:

Vossa Majestade ordenou que eu me dirigisse ao Cardeal Mazarino para todas as minhas dúvidas. Agora, ele está morto, a quem devo me dirigir?

A mim, senhor Arcebispo. (Ibidem, p.10)

Começa assim, de forma definitiva a saga do absolutismo na França: “o Estado sou eu.” Esse novo regime de governo não contemplou as classes mais pobres, pois mesmo durante a época mais brilhante do reinado do Rei Sol, a fome provocava uma assustadora mortalidade, era o “avesso do grande século”. Um vasto movimento de caridade desenvolveu-se impulsionado por São Vicente de Paulo.

Contudo, o clima de ostentação e grandeza que Luís XIV implantou desde o início de seu reinado de caráter absoluto, teve repercussão profunda nas castas mais elevadas, a alta burguesia e a nobreza. Para afirmar a dependência dos grandes senhores, o monarca faz com que ricos burgueses fossem seus conselheiros, e, desta forma, a nobreza deixa de ter a primazia no campo político. Porém o rei reserva para a classe dos nobres os mais importantes cargos militares e as mais altas dignidades eclesiásticas.

A vida dos nobres se dividia entre as armas e a corte. No palácio de Versailles, a sutil hierarquia da etiqueta lhes dão a satisfação do amor-próprio e a possibilidade de

conservar seus cargos honoríficos. Mas a pessoa do Rei Sol é envolta em tal culto, que, ao seu redor, todos os privilégios e títulos nobiliárquicos, são, de certa forma equiparados.

Um nobre preocupado em manter sua posição não poderá viver longe da corte: Versailles é o centro de atração para onde convergem todos os olhares, todas as ambições, todos os talentos. Para ser qualquer coisa na França, é preciso ser apresentado ao rei, notado por ele. [...] É a corte que impõe a moda, o gosto e o bom tom. Não ter o “ar” da corte, é ser ridículo. Mas a corte é antes de tudo o rei, é a ele que a corte procura imitar de todas as formas. (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.8)

Assim a corte chama para si a função de “árbitro da elegância”, antes presente nos salões da alta burguesia e das famílias nobres.

Como sabemos, Luís XIV subiu ao trono em 1661 e a mudança da família real para o palácio de Versailles aconteceu em 1682. Porém, na metade do século XVII, aconteceu um fato importante para a história da moda, da elegância e traz a noção do que se poderia chamar de *l'honnête homme*. Foi na atmosfera da corte e seus salões, que os comportamentos preciosistas, complicados e pedantescos, foram se transformando no ideal do homem honesto. Este novo comportamento o levava a ser: “culto sem ser pedante, distinto, comedido, galante, sem fricotes e bravo sem ostentação. Não importando o fato de ser burguês ou nobre. São comportamentos que só se concebe em uma sociedade civilizada” (Ibidem, p.08).

A questão da etiqueta palaciana, que havia se desenvolvido a partir do reinado de Francisco I³², atinge com o Rei Sol a sua forma mais rígida e codificada. Essas normas participam do culto monárquico, pois permite ao rei manifestar sua satisfação ou descontentamento diretamente aos nobres. Em suas memórias Luís XIV revela o motivo do luxo e ostentação e sua concepção de etiqueta. Dizia, que os povos sob seu domínio, mesuravam o poder, pelo que viam de fora, portanto, a grandeza e o luxo eram necessários para manter o respeito e a obediência de seus súditos.

No século XVII, a noção de magnificência, já tinha seu cunho político e dava *Éclat* ao rei. *Éclat* era outra palavra-chave da época, com significados que iam desde lampejo de luz ao estrondo de um trovão, referia-se também a algo inusitado e impressionante: “A magnificência era considerada impressionante, no sentido literal de deixar nos espectadores uma impressão, como um sinete num pedaço de cera” (BURKE, 2009, p.17).

Seria sensato ampliar essa abordagem a todo resto da vida cotidiana do rei – sua missa diária, suas reuniões com seus conselheiros, e até campanhas, suas

³² Francisco I (1494-1547). Reinou de 1515 a 1547.

expedições de caça e suas caminhadas por seus jardins. Talvez se pense que estender assim a análise seria diluir o termo “ritual” até esvaziá-lo da maior parte de seu sentido. No entanto os observadores registravam que todos os atos do rei eram planejados “até o mínimo gesto”. Os mesmos eventos se produziam todos os dias nas mesmas horas, a tal ponto que uma pessoa poderia acertar seu relógio pelo rei. [...] Havia normas formais para a participação nesse espetáculo – quem tinha direito de ver o rei, a que horas e em que parte da corte, se tal pessoa podia sentar num tamborete (*tabouret*) ou tinha que permanecer em pé. (Ibidem, pp.99 e 101)

O monarca dava ou retirava a honra de servi-lo de perto. A etiqueta permite aos cortesãos, marcarem seus lugares na hierarquia palaciana, sempre de caráter provisório, frente à concorrência dos outros membros da corte. Na época, para ser alguém na França: “você deve ter sido apresentado ao rei, notado por ele. [...] É a corte que impõe a moda, o gosto, o bom tom. Não ter o ar da corte é ser ridículo”. (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.08)

Um detalhe importante, que marca a moda do século XVII, foi o uso de perucas. O Rei Sol, por sua estatura, 1,60 m, nunca seria visto sem peruca. Ele passou a usá-las após uma doença que o fez perder grande parte dos cabelos. Como na época o uso de perucas era moda entre a nobreza, seria difícil afirmar se o monarca estava lançando ou seguindo a moda, mas a peruca assim como sapatos de salto, que chegaram a ter oito centímetros de altura, deram a Luís a altura necessária para impressionar as pessoas:

A questão das perucas, foi tão importante na época que: “Somente no ano de 1655, Luís XIV, licencia 48 fabricantes de perucas na cidade de Paris”. [...] A peruca se tornou um símbolo da aristocracia. O custo deste enfeite era proibitivo. [...] Os pobres nem sonhariam em possuir perucas de qualidade. Para estes as perucas eram feitas, em lã, pelo de cabra, ou crina de cavalo. [...] As mulheres também usavam falsos cachos longos em seus penteados, porém, nunca alcançaram o esplendor das caras perucas masculinas. (KYBALOVÁ et al, 1986, p.189)

Nesta época, as roupas masculinas têm um desenvolvimento mais importante que a feminina. A leveza e uma certa liberdade pitoresca caracterizam o vestuário de ambos os sexos durante a primeira metade do longo reinado de Luís XIV: “após 1690, vem a ser moda usar uma gravata feita de renda ou de tecido com aplicações de renda. Esse “*jabot*” foi o ancestral da gravata, masculina, ainda usada nos dias atuais” (Ibidem, p.189).

Quando o rei atravessava os salões, os senhores se acotovelavam em sua passagem para verem e serem vistos. As damas ficavam na ponta dos pés para estar em primeiro plano na visão do monarca e ouvir de sua boca, qualquer elogio com que ficarão encantadas por

longo tempo: “O rosa vos cai divinamente, minha prima; Madame estimo muito em vê-la; Visitou meus jardins, senhorita? (CHANDERNAGOR, 1981, p.316)

A corte é, antes de tudo, o rei. Assim, todos se esforçam para imita-lo a qualquer custo. Em 1664, Luís XIV, distribui tecidos a todas as pessoas da corte, pois os cortesãos não estão mais livres de se vestirem de acordo com seu gosto pessoal. O próprio rei dita as leis. A corte se dobra às fantasias do monarca, e a cidade segue a moda dos nobres na medida do possível. (CHALLAMEL, 1875, p.108)

O rei Sol, não escapou de críticas ferozes. Em sua obra póstuma, *As memórias de Saint-Simon*, obra de Louis de Rouvroy, o memorialista, assim se refere a Luís XIV: “a retórica os eufemismos, os arranjos pomposos da história oficial, são lamentáveis falsidades [...] O Rei Sol? Um espírito abaixo de medíocre, ignorante a mais não poder, caindo nos absurdos mais grosseiros” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.391). Também do ponto de vista religioso, o monarca foi alvo de muitas censuras: “para alguns críticos ele não era Augusto, e sim Nero. Para os protestantes, inspirados na Bíblia, não era Salomão nem Davi, e sim Herodes ou o Faraó.” (BURKE, 2009, p.147)

O ocaso do Rei Sol, aconteceu em meados de agosto de 1715, após as festividades em honra ao embaixador da Pérsia; precisou ficar de cama, a febre não o deixava. No dia 25 de agosto recebeu a extrema-unção. Falece no dia 1 de setembro.

Apesar dos pareceres negativos, o reinado do Rei Sol marcou a história e Voltaire cunhou a frase “o século de Luís XIV”; “a verdade é que o século XVII foi um século francês também no plano religioso” (PIERRARD, 1982, p.197).

2.2. As grandes festas

Somos levados a crer, que o palácio de Versailles, foi um lugar desejado pelo Rei Sol, para mostrar a grandeza que a França atravessava durante seu reinado. Não só no sentido protocolar de Estado, como também grandes festas, normalmente com temas específicos, para celebrações familiares e pessoais:

Luís XIV organizou festas suntuosas, todas temáticas, celebrando uma ocasião especial ou por um motivo mais ou menos oculto. Os maiores artistas e compositores, da época, participaram desses eventos. Espetáculos e recepções são organizados para ocupar o pátio, agora distante do agito de Paris. Três vezes por semana, durante a noite, dentro dos apartamentos reais, são oferecidos concertos, danças e jogos. Essas grandes e magníficas festas,

duraram, apenas, durante o reinado de Luís XIV. (SEM AUTORIA DEFINIDA)³³

Com o monarca e sua corte, já instalando-se em Versailles, o Rei decide organizar grandes celebrações. Uma delas, realizada de 07 a 13 de maio de 1664, homenageou duas rainhas: sua mãe, Ana de Áustria, e sua esposa, Maria Teresa³⁴. Mas na verdade esta primeira festa, também é dedicada a Melle de La Valliere, sua amante. O tema desta grande festividade foi: os prazeres da Ilha Encantada.

Durante três dias 600 convidados assistiram desfiles equestres, jogos e foram levados a um lanche: “feito de uma montanha de carnes, frutas e licores diversos. As festividades continuam na noite de 12 de maio, com a estreia da peça de Moliere, Tartufo. [...] No dia seguinte a corte voltou a Fontainebleau” (SEM AUTORIA DEFINIDA)³⁵

No dia 18 de julho de 1668: “para celebrar a glória do rei após a paz de Aix-la-Chapelle, que marcou a adesão de várias cidades flamengas à França, o rei oferece esta segunda festa”. (Ibidem). Esta grande celebração é também por ter conseguido levar para seu leito, a magnífica dama de honra da rainha, Françoise-Athénais de Montemart, que por seu casamento havia assumido o título de Marquesa de Montespan. O monarca, julgou seu dever celebrar esta dupla vitória, com uma festa cujo esplendor suplantaria as anteriores. Assim é descrita pela amante e futura segunda esposa do Rei Sol, Madame de Maintenon:

O “grande divertimento real foi digno do mais magnífico dos contos. Para começar, foi representada, sob um caramanchão forrado pelo lado de dentro com ricas tapeçarias e iluminado por trinta e dois lustres de cristal, uma comédia de Molière. [...] Depois do teatro, as damas, acompanhadas pelos vinte e quatro violinos do rei e dezenas de oboés, dirigiram-se à mesa do festim, abrigada sob outro caramanchão coberto por uma cúpula pintada e dourada.

Altos tripés de prata suportavam candelabros onde ardiam centenas de velas de cera branca. Grinaldas de flores corriam ao longo da cornija, entre vasos de porcelana e bolas de cristal. No meio da sala, erguia-se o “rochedo do Parnaso”, do qual desciam, com grande ruído quatro rios, o nos cantos do caramanchão, postas em cima de pilastras, conchas de mármore jorravam lençóis de água. Era impossível saber o que mais admirar, se as cores surpreendentes das flores raras que cobriam as mesas de prata ou as dos vestidos que as damas ostentavam, à volta dessas mesmas mesas, tão magnanimamente como um pintor em sua paleta; era impossível saber quais as mais belas, se as pérolas que as duquesas usavam em seus colos ou as que brotavam das cascatas, nem o que mais inebriava, se os vinhos da Alsácia

³³ Disponível em: <https://www.histoire-de-france-pour-tous.fr/histoire-de-france/3381-les-plus-greandes-fetes-de-versailles.html>

³⁴ LUÍS XIV, casou-se, por motivos políticos, com a infanta Maria Teresa da Espanha, no ano de 1660, o que não o impediu de ter várias amantes e muitos filhos fora do casamento.

³⁵ Disponível em: <https://www.histoire-de-france-pour-tous.fr/histoire-de-france/3381-les-plus-greandes-fetes-de-versailles.html>

que enchiam os copos ou os perfumes de almíscar e de manjeronas que emanavam das rendas. (CHANDERNAGOR, 1981, p. 176)

Uma esplêndida queima de fogos de artifício encerra a festa. Do fundo da grande perspectiva, avista-se o castelo iluminado por dentro, precedido: [...] por vasos pintados e iluminados. A magia é total.

No verão de 1674, os jardins de Versailles estão sendo, paulatinamente, terminados. O rei usa como pretexto o sucesso de seus exércitos em Franche-Comté: “muitos reis franceses quiseram apoderar-se de Franche-Comté ao longo da história. [...] Foi o mais ilustre deles, Luís XIV, que teve sucesso em uma conquista em duas fases” (BOUSREZ, 2015, s.p.).

A vitória francesa de 1668, não teve longa duração, pois, pouco depois, o território voltou às mãos da Espanha, embora a disputa continuasse. Porém, em 4 de julho de 1674, após um massacre final pelo exército do Rei Sol, a região é anexada à França.

Embora de cultura e costumes, Franche-Comté se torna, pela primeira vez em sua história, uma província do reino da França. Mas seus habitantes têm dificuldade em resignar-se. [...] Eles lamentam sua autonomia perdida. Nos conventos, as orações pelo Rei da Espanha eram organizadas clandestinamente ao longo do século XVII. Por muito tempo, os mais ferozes adversários dos franceses pediram para ser enterrados de bruços, para não olharem para o sol. (referência ao Rei Sol). (Ibidem, s.p.)

A anexação do território de Franche-Comté, motiva outra grande festividade, mas também o monarca quer mostrar para o exterior que a França “não está de joelhos”. Entre 4 de julho e 31 de agosto de 1674, grandes celebrações são feitas para marcar essa vitória. Lanches, teatros, jantares. Passeios de gôndola pelo grande canal, e fogos de artifício:

Durante a última festa, o grande canal, os canteiros e as fontes são iluminados para passeios. As mesas de festa são decoradas com tigelas de frutas, cestos de massa doce, xícaras de cristal para sorvetes e decantadores de licores julgados por estrangeiros como a excelência da arte francesa. A Itália adota a “*decorazione alla francese*”. (SEM AUTORIA DEFINIDA)³⁶

³⁶ Disponível em: <https://www.histoire-de-france-pour-tous.fr/histoire-de-france/3381-les-plus-greandes-fetes-de-versailles.html>

2.3. A religião e o luxo

Desde muito tempo, a corte francesa, trouxe para si a ideia de ser o centro gerador do requinte e refinamento: “a França torna-se, durante os séculos XVII E XVIII, com poder e brilho, o modelo de civilização e de luxo, útil ou fatal. Capital da Europa francesa, Paris é o centro de gravidade deste novo mundo e Versailles o símbolo de luxo e de sua influência” (PLUQUET, 07/07/2021). Esse ideal é exportado para as outras nações. A demonstração de grandeza já caracterizava o reinado de Luís XIII, porém:

Sabemos até que ponto o reinado de Luís XIV, é marcado com o selo da pompa, exibido por ocasião das celebrações da Corte acontecidas no Palácio de Versailles ainda em construção; o luxo passa a fazer parte de uma estratégia política e econômica destinada a impressionar as grandes famílias do reino, mas também as nações estrangeiras. (PLUQUET. 07/07/2021)

Durante o reinado de Luís XIV, foram promulgadas múltiplas leis suntuárias contra o luxo³⁷. Várias delas foram motivadas pela defesa da indústria interna, principalmente aquela de produção de rendas. Outras visando coibir o exagero de materiais suntuosos, nos vestuários, bordados metais preciosos, passamanarias etc.

A ostentação alardeada pelas elites em plena guerra de religião (1562-1598) entre católicos e protestantes, durante a guerra dos trinta anos (1618-1648), após a revogação do Editto de Nantes, pelo Editto de Fontainebleau (1685) e as guerras que se seguiram, se torna ultrajante. A Igreja da Contrarreforma, não renuncia ao ouro e as pedras preciosas, usadas em sua liturgia para a glória de Deus, mas reprova os excessos de luxo na vida normativa. Esse exibicionismo de fausto choca-se diretamente com a virtude cristã.

O abade Fénelon era um dos grandes inconformados com o estado de miséria da população. Quando se torna preceptor do duque de Borgonha, escreve *As aventuras de Telêmaco* em 1694, com intenção pedagógica, para educação do duque, neto de Luís XIV, e herdeiro do trono francês.

O texto é um romance edificado em forma de aventura, próprio para o gosto dos adolescentes e baseado na *Odisseia* de Homero. Nessa jornada perigosa, ele encontra todos os povos da antiguidade. O romance oferece uma luta entre o bem e o mal, apresentando ao aluno, diferentes tipos de governo. Apesar de baseado na mitologia, também

³⁷ Durante o século XVIII, aconteceu uma grande discussão sobre o luxo: a “querela do luxo”. Prós e contras foram debatidos, envolvendo os maiores pensadores da época, inclusive Voltaire e Rousseau.

permite a evocação de figuras bíblicas: “É a sabedoria que conduz o herói e o convida a estabelecer a paz entre os povos.” (LES ESSENTIELS LITTÉRATURE. 29/07/2021)

Publicado em 1699, sem o consentimento do autor, *As aventuras de Telêmaco*, se torna um livro de grande sucesso. Visto como uma crítica ao absolutismo, foi uma das causas do abade Fénelon cair em desgraça. Neste livro, ele: “especifica que o governo dos povos deve enfrentar dois males para os quais não há remédio: a autoridade injusta e violenta dos reis, e o luxo que corrompe a moral. Fénelon associa o luxo a uma doença incurável, reduzindo o povo à miséria, para a nobreza poder exibir sua riqueza” (Diemer. 07/07/2021).

A pobreza e a miséria era tanta, que no mês de maio de 1662, os pobres de Paris, sem trabalho devido à retração do comércio, enviam uma petição a Luís XIV. Inserimos aqui, um pequeno trecho: *Petição dos pobres de Paris ao Rei. (maio de 1662):*

Senhor, os pobres de Paris, são muitos e também em grande necessidade. Eles suplicam a Vossa Majestade de ter piedade deles. Sua miséria faz parte do pouco trabalho no comércio e em todos os outros afazeres. Eles venderam até as próprias roupas. A vergonha e o medo de exibir suas misérias aumentam o langor que os mantém em seus quartos, onde as mulheres e as crianças, redobram as suas dores, com seus gritos e gemidos de noite e de dia, o que os reduz ao desespero.
As Instituições de caridades das paróquias, Senhor, não podem mais ajudar, estando sobrecarregadas com enfermos, inválidos e órfãos.
As casas particulares, embora poderosas, cortam suas despesas e trabalhadores, em geral e os artesãos, ficam sem poder ganhar a vida....
(PERSÉE, s.d., s.p.)

Os grandes gastos, em supérfluos, inclusive nos vestuários, estavam se tornando, como já foi dito, ultrajante: “de sua parte, o rei assina medidas contra o luxo que ele próprio encoraja por meio de festas inauditas. Só os burgueses aplaudem essas medidas. (CHALLAMEL, 1875, p.109)

Os trajes competiam em luxo entre homens e mulheres. Nas residências reais, observa Voltaire, um dos grandes pensadores da época, todas as mulheres encontravam toaletes completas. Era suficiente que uma princesa se apresentasse com algo novo em seu traje, para que cada dama de qualidade procurasse se adaptar à essa novidade ou mesmo supera-la. Quantias enormes eram gastas nestas inovações, sempre eclipsadas por algo mais novo. Segundo La Bruyère³⁸, “Nunca as delicadezas tinham ido tão longe, nunca antes os refinamentos foram tão notáveis.”³⁹ (Ibidem, p. 109)

³⁸ Jean de la Bruyère (1645-1669). Moralista francês.

³⁹ Tudo leva a crer, no que diz respeito ao vestuário, La Bruyère se refere a detalhes da moda, leques, luvas, pintas falsas, (*mouches*) rendas, enfeites de cabelo, máscaras etc.

Interesses políticos e religiosos mesclaram-se no governo do Rei Sol, exemplo desse fato fica claro no decreto de 21 de agosto de 1665. Esse mandado judicial: “proibia qualquer menina ou mulher, de dedicar-se ao comércio ou venda de roupas brancas, se ela não professasse a religião católica, apostólica e romana” (Ibidem).

No dia 17 de outubro de 1685, através do Editto de Fontainebleau, o monarca revoga o Editto de Nantes,⁴⁰ tornando a França um país exclusivamente católico.

As conversões forçadas causam revoltas, como o levante dos camponeses na região montanhosa de Cévennes entre 1702 e 1704, e um novo movimento de exílio de duzentos mil huguenotes. O protestantismo na França já estava enfraquecido com a renovação do catolicismo pelo Concílio de Trento e pela contínua perseguição aos huguenotes, apesar do Editto de Nantes exigir tolerância.

Desde o início de seu reinado o Rei Sol combate o jansenismo, pois tanto ele como o Cardeal Mazarino consideravam seus adeptos como pessoas que poderiam fazer frente ao poder real.

Proposta pelo Bispo de Ypres, o holandês Cornelius Otto Jansen, a sua tese *O Augustinus* apareceu em 1640, após a morte de Jansênio, mas reabriu a querela sobre a graça, principalmente na França” (PIERRARD, 1982, p.198), onde encontrou seu foco de esteio no monastério de Port-Royal em Paris, que acabou por formar em torno desse monastério cisterciense, um partido jansenista:

Composto por gente que – como as irmãs cistercienses de Port-Royal – levava uma vida santa, ainda que estimulada por um secreto orgulho, de piedosos leigos amiúde seguros de si mesmos, [...] como de clérigos galicanos. Isso porque o jansenismo não foi apenas uma teologia e um rigorismo; foi também uma eclesiologia, que exaltava o episcopado em detrimento das ordens religiosas e do Papado e cujas tendências presbiterianas eram evidentes. Com efeito, aquilo que surpreende no jansenismo é a ativa participação de leigos; sua luta por uma vida espiritual pessoal, alimentada pela Bíblia. [...] É com efeito um paradoxo, pois, inicialmente lançando-se em guerra contra o homem para melhor exaltar a majestade divina, o jansenismo passou a trabalhar pela afirmação de uma consciência individual, [...] fortalecendo assim seu anseio de obter a salvação por caminhos individualistas.

(PIERRARD, 1982, p. 199 e 201)

Não só do ponto de vista temporal, mas também religioso, o Rei Sol quer a unidade em torno de sua pessoa e luta contra toda oposição e correntes minoritárias, como o Partido dos Devotos, o Quietismo e a Companhia do Santo Sacramento: “Luís XIV era católico, sob a

⁴⁰ Editto de Nantes, promulgado em 30 de abril de 1598, pelo rei Henrique IV, permitia aos huguenotes professar livremente a sua religião após 36 anos de lutas e perseguições.

condição de dominar tudo, mesmo a Igreja e o Papado, ao qual ele não poupou humilhações” (Aquino, 15/11/2019)

Sob esse monarca e sua defesa da centralidade absolutista, desenvolveu-se na França, um forte nacionalismo eclesiástico visando a separação de Roma, ou seja, a eliminação do ultra montanismo. O estopim deste fato foi a eleição da superiora do convento de São Pedro Fourier, nos arredores de Paris. Essa escolha era feita dentro da própria ordem. Porém Luís XIV exigia a colocação de uma superiora de outra ordem. As irmãs apelaram para Roma e o Papa Inocêncio XI, mandou proceder a eleição dentro da própria ordem, como constava em seus estatutos. Outra querela com Roma foi motivada pela: “pretensão real à *regalia universal*, o rei pretendia receber as rendas de bispados vacantes e de nomear beneficiários dependentes.” (PIERRARD, 1982, p.202)

Diante das resistências do Papa, Luís XIV fez com que Bossuet⁴¹ redigisse uma declaração em quatro artigos, proclamando principalmente a absoluta independência dos reis do ponto de vista temporal e a superioridade do Concílio Ecumênico sobre o Papa. Em 12 de maio de 1682, essa declaração foi aceita pela assembleia do clero francês; no mesmo dia, o rei prescreveu seu ensino a todos os seminários. Tinha ido longe demais: em 1693, Luís XIV teve que se retratar. (Ibidem, p.202)

Luís XIV era um católico de comunhão diária e não queria separar-se de Roma; sua fé católica não permitia que seu absolutismo fosse tão longe: “diz-se mesmo que declarou a galicanos que impeliam a novas violências: “Se quisesse seguir essas violências, deveria por turbante sobre a cabeça, (isto é, eu me faria turco muçulmano)” (Aquino, 15/11/2019)

Durante o século XVI e mesmo durante o século XVII ainda pairava na Europa cristã o medo de bruxarias: “muitos ainda, mostravam-se penetrados por uma mentalidade animista; os encantamentos e os ritos de feitiçaria e de magia ocupavam um amplo espaço em seu “cristianismo” mais ou menos folclórico.” (PIERRARD, 1982, p.164.)

Apesar de cognominado o século da razão, o século XVII, foi também de grande misticismo. Não só do ponto de vista religioso, mas inclusive no que diz respeito à bruxaria. Em 1678, um grande caso de missas negras e envenenamentos vem à tona envolvendo pessoas da nobreza. A própria favorita do rei, Madame de Montespan é comprometida neste grande escândalo.

Após séculos de perseguições e condenações à forca ou à fogueira, no século XVII essa penalidade foi extinta. A Igreja, ao que parece, já havia deixado de ocupar-se com esse

⁴¹ Bispo Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) foi um dos teóricos do absolutismo.

problema. A esse respeito, Voltaire deixou escrito em seu Dicionário Filosófico, publicado em 1764: “Já se disse que mais de cem mil pretensas feiticeiras foram condenadas à morte na Europa. Somente a filosofia curou finalmente os homens dessa abominável quimera e ensinou aos juízes que não se deve queimar os imbecis.” (MANDROU, 1979, p.15-16). Em 1682, o ministro Colbert, numa solução radical, transforma a bruxaria em delito de fraude.

2.4. A marquesa de Maintenon

Françoise d’aubigné (Figura 2), segunda esposa, morganática de Luís XIV, talvez pelo fato de sua infância ter sido quase miserável apesar de seu sangue nobre, e por nunca ter tido filhos, teve uma predileção especial pelo ensino de crianças. É considerada a primeira educadora secular da França.



Figura 2. **Françoise d’aubigné: Madame de Maintenon**⁴²

Madame de Maintenon, mais conhecida por ter sido amante do rei da França e mais tarde sua mulher, foi uma grande educadora, de ideias claras, inovadoras e progressistas para a época. Largamente inspirada em Fénelon. Mme. de Maintenon teve o mérito de fundar o primeiro grande estabelecimento secular para educação de raparigas. (LEÇA, 2001, s.p.)

Ela nasceu no dia 27 de novembro de 1635 na prisão da cidade francesa de Niort, onde seu pai, Constant d’Albigné, estava encarcerado. Os objetivos didáticos de Mme. de Maintentenom eram: “dar graça, ornar a memória, elevar o coração e dotar o espírito de coisas belas.” (Ibidem, s.p)

Seu pai era filho do soldado e poeta Théodore-Agrippa d’Aubigné, um calvinista convicto, sobre qual sua neta, em uma de suas cartas, faz um quadro muito pouco lisonjeiro. Este poeta e militar havia amaldiçoado seu filho, pai de Françoise, proclamando,

⁴² Disponível em: Mulheres imortais. Volume II. 1973.

publicamente, ter ele destruído a fortuna e a honra da família, assassinado sua primeira esposa e por ter abjurado a fé protestante. A futura marquesa de Maintenon, assim deixa escrito:

O meu pai, Constant d'Aubigné, residia nos calabouços [...] da cidade de Niort. Havia cerca de um ano que lhes tateava as sombras, depois de ter conhecido os cárceres de Paris, La Rochelle, Angers, Bordéus, La Prée e Poitiers, sem contar algumas masmorras de menor importância, estrangeiras a este reino. A prisão de Niort lhe parecera de todas, a menos agradável. [...] O edifício, já era nesta altura uma construção malconservada e insalubre, cuja exiguidade condenava os prisioneiros a uma promiscuidade chocante. [...]

Nasci, pois, no meio de um despojamento tal que bem se pode dizer que nasci na palha, sem que, todavia, qualquer rei mago se apressasse a me visitar neste presépio. [...] Se meu avô d'Aubigné havia sido um dos calvinistas mais ardentes, a minha mãe era fervorosamente católica e o meu pai um perfeito ateu: fazia-se papista ou huguenote conforme as circunstâncias, nunca se esquecendo de tirar proveito de suas abjurações. [...] no fim de sua vida, tinha feito o projeto de ir aos turcos e se fazer maometano, esperando que a conversão de um cristão pudesse se vender caro naquelas regiões. A morte o priva desta aventura e por acaso, morreu huguenote em 1647, dentro da religião em que havia nascido. (CHANDERNAGOR, 1981, p.20-21)

Em seu batismo, pelo fato de sua família ser de origem nobre, a futura esposa do rei da França teve por padrinhos “pessoas de qualidade”, como era costume dizer na época. Foram eles François de La Rochefoucauld e Suzanne de Beaudean, na época com nove anos de idade. Pelo mesmo motivo, a presença de outros nobres: “estes senhores ‘Altos e poderosos’, Madame de Neuillan, o governador e os La Rochefoucauld, só apareceram a meu lado como as pessoas aparecem nos batizados dos filhos de seus criados ou de algum parente pobre: por condescendência” (Ibidem, p.22).

Foi assim, vestida pobremente em roupas sem rendas ou qualquer outro enfeite, como uma criança abandonada, que a pequena Françoise, foi batizada em 28 de novembro de 1635, um dia após seu nascimento, na pia batismal da Igreja de Notre Dame da cidade de Niort. Para Jeanne de Cardilhac, sua mãe, já tendo dois meninos, o nascimento de outra criança, não era o mais desejável diante das circunstâncias financeiras em que vivia, motivadas pelos problemas do marido.

Uma irmã de seu pai, Madame de Villette, que habitava a duas léguas da cidade, no castelo de Mursay, certo dia em que visitava a cunhada, vendo a penúria em que se encontrava a pequena sobrinha e com a aquiescência da mãe, levou a criança para morar no castelo da família.

Madame de Villette, assim como seu marido eram huguenotes, por esse motivo, apesar de batizada a pequena Françoise: “aprendeu desde os seus primeiros anos, a pensar em Deus como eles pensavam: como reformada” (Ibidem, p.29).

Aos domingos ia visitar o pai na prisão de Niort, o que era um suplício para a menina. Não tinha muito o que dizer a ele:

Se eu fazia alguma referência piedosa, como estava acostumada a fazer na casa dos Villette, segurava-me entre os joelhos e dizia-me gravemente: Não posso suportar, Bignette, assim me chamavam em criança, que lhe digam tais baboseiras. Será possível que a menina sendo inteligente, acredita naquilo que lhe ensinam no catecismo? [...] Não sabendo o que dizer ou fazer, meu pai me enviava a brincar com a pequena Barvache, filha do carcereiro, no pátio da prisão, o que era para mim um novo suplício. Ela não tinha boas maneiras nem bondade. Esta menina tinha ganhado de um dos prisioneiros de seu pai um pequeno utensílio caseiro de prata. Quando fiz um elogio a esse objeto, com a intensão de cair em suas boas graças, respondeu-me que sem dúvida, vestida como eu estava, não poderia ter um igual. Não, disse eu, mas eu sou nobre e você não é. (Ibidem, p.35-36)

Este fato nos oferece uma noção do que significava ser nobre naquela época.

No início de 1644, seu pai, que fora anistiado, embarcou com a esposa e seus três filhos para a Martinica, nas Antilhas. Estabeleceram-se na ilha de Marie-Galante, onde pretendia iniciar uma plantação. No início de 1645 ele retorna a França, para solicitar à Companhia das Índias Ocidentais⁴³ o cargo de governador da ilha. Deixou a família nas Antilhas, o que fez sua mãe encher-se de dívidas, por não conseguir levar a frente a pequena herdade que haviam conseguido:

Minha mãe já não tinha forças para controlar sozinha a cáfila de aventureiros e miseráveis que constituía a nossa comunidade: muitos deles puseram-se a abusar da aguardente de cana e do “tafia”, licores de açúcar, abundantes naquelas ilhas. As plantações foram abandonadas, alguns escravos fugiram para as florestas. E por final a ameaça de ataque, por parte dos irlandeses, acabou, em poucos meses, por dissolver a colônia. (CHANDERNAGOR, 1981, p.47)

Após o retorno de seu pai à Martinica, ele fez uma nova tentativa de fixar-se nas Antilhas, desta vez na ilha de Sain-Cristofe, fato que também não se concretizou. Após essa

⁴³ Companhia das Índias Ocidentais realizava o comércio entre países europeus e a China com a finalidade de adquirir peças em porcelanas, bibelôs, jogos de jantar etc. O primeiro país a fazer contato com esse fim foi Portugal, em 1514 e depois Holanda e Inglaterra. A Companhia das Índias Ocidentais Francesas, apesar dos esforços de Colbert, só começou a dar resultados em 1698. A primeira venda de porcelanas chinesas, 167 caixas, aconteceu na França em 1700. Durante o século XVIII, todas as famílias importantes passaram a ter suas louças personalizadas, hábito que se tornou comum no Brasil durante o século XIX. O termo Companhia das Índias, se deve ao fato de que nos séculos XVII e XVIII, se chamava de Índia tudo que situava-se no oriente após a Pérsia.

segunda tentativa, seu pai, sob qualquer pretexto, retornou à França. Nunca mais a família o viu.

Após algum tempo de espera pelo marido, sua mãe resolve voltar à França com os filhos. Desembarcaram em La Rochelle no outono de 1647. Nesse retorno, a mãe de Françoise estava tão abalada financeiramente que foi obrigada a pedir ajuda em um convento da cidade. Ela ainda devia dinheiro que havia pedido a algumas pessoas, três anos antes, para embarcarem para as Antilhas. Por esse motivo, Françoise e seu irmão Charles, que pediam esmolas:

De dois em dois dias ia, com uma panela de barro, mendigar a nossa sopa à porta do colégio dos jesuítas. O porteiro, apesar de instruído pelo padre, [...] nunca me dava o pão e a sopa sem os fazer acompanhar de muitos resmungos. [...] Um dia não percebi que tinha acabado a sua tarefa e podia ir-me embora com a comida, deu-me uma grande bofetada na cara para me despertar do meu devaneio: “Saia rapidamente, menina esfarrapada.” (Ibidem, p.53)

A pequena Françoise levaria por toda vida aquela bofetada e os olhares de piedade ou de desprezo das pessoas nas ruas ao olhar aquela menina, descalça, suja, com os cabelos molhados pelas ruas inverniais, regressando para casa com o caldeirão de sopa nas mãos.

Sua tia, Madame de Villette, novamente surgiu na vida de sua família e vendo a penúria em que se encontravam, levou ela e os irmãos para o castelo de Mursay. Sua mãe iria a Paris encontrar o marido; logo depois ficam sabendo que há dois meses havia morrido. Seu irmão Charles, foi servir como pajem do conde de Paràbere. Seu irmão Constant, com dezesseis anos, iria para a guarnição do exército. Antes disso, porém, naquele mês de outubro de 1647, ele seria encontrado afogado no fosso do castelo, poucas semanas após terem lá chegado.

Um ano depois, Françoise, foi levada por sua meia madrinha, baronesa de Neuillan para morar em sua casa. Essa mudança teve o intuito de tirar a menina do meio protestante em que vivia. Após uma estadia em um convento, agora com dezesseis anos e já tendo voltado às práticas católicas, foi levada por Madame de Neuillan para Paris: “a baronesa queria mostrar aos parisienses a bela afilhada, que ela havia salvo do “diabo”. (GAXOTTE, 1946, p.206)

Françoise casa-se, em 16 de abril de 1652, aos dezesseis anos e meio com o poeta Paul Scarron, bem mais velho e paralítico, porém muito bem relacionado. Um casamento de conveniência, motivado pela vontade que tinha de fugir do destino do convento. Esta era a sina de moças pobres e nobres, o casamento ou o claustro. Pouco tempo após seu enlace, a jovem Françoise, agora, Madame Scarron é notificada da morte da mãe.

Scarron falece em 1660 e, nos anos que foi casada, Françoise travou e guardou importantes relacionamentos com pessoas de qualidade que frequentavam os salões de seu marido. Com a morte deste, diante da falta de herança, a jovem viúva guardou as amizades.

A duquesa de Montausier, uma das frequentadoras do salão de seu marido, consegue para ela uma pensão da Caixa Real, com a qual poderia viver sem luxo, mas dignamente.

Durante oito anos, Madame Scarron, conduziu com infinita discrição e habilidade, este papel de ser uma jovem viúva e sozinha. [...] Ela viveu tão discretamente que foi considerada digna de educar os filhos bastardos que o rei Luís XIV, havia tido com Madame de Montespan. (Ibidem, p.207-208)

Ao se tornar a discreta educadora dos filhos do Rei com Mme. de Montespan, sua vida começa a mudar. Mme. Scarron, nesta altura com trinta e cinco anos, muda de residência; “nesta pequena casa, a não ser a criadagem e a governanta, ninguém é recebido. Mme.Scarron tem cavalos, uma carruagem e vestidos, ao mesmo tempo, simples e magníficos, ‘como uma mulher que passa sua vida em meio de pessoas de qualidade’”. (Ibidem, p.209)

Nesta época, Mme. Scarron, já tinha se tornado uma das amantes do monarca.⁴⁴ Eram três, nesta condição: a favorita, Mme. de Montespan, uma jovem dama da corte; Mlle. Fontanges e ela própria. A respeito deste fato, a própria madame de Maintenon, deixa escrito em suas memórias, o que lhe disse a favorita:

Pode fingir que me é dedicada, mas sei com segurança, que é amante do Rei. Para não mentir, lhe respondi: então tem que haver três. Mas sim, respondeu-me ela com violência, eu pelo nome, essa garota pelo corpo e a senhora pelo coração. (CHANDERNAGOR, 1981, p.307-308)

Quando Luís XIV, começou a legitimar seus filhos, os primeiros a 20 de dezembro de 1673, os permitiu a saírem da clandestinidade e instalarem-se definitivamente na corte, assim como sua governante.

O castelo de Saint-Germain-em-Laye, situado nos arredores de Paris, era uma das residências reais, antes do Rei Sol, transferir a corte para o Palácio de Versailles em 1682. Madame de Maintenon, assim descreve essa moradia real:

⁴⁴ Até os dias atuais, nenhum historiador conseguiu estabelecer, com exatidão, a época em que Luís XIV, iniciou sua ligação amorosa com Mme. de Maintenon. A maior parte, aponta uma data indistinta entre, 1684 e 1685.

Na corte, fora o rei e seus ministros, os cortesãos não tinham o que fazer. Se entretinham com astrologia, leitura das mãos, filtros do amor e todos os processos de adivinhação e magia. [...] Os mexericos sobre a família real, acabavam de preencher aquelas cabeças. Um olhar, um sorriso do Rei, eram motivo de conversa para toda semana. [...]

As festas brilhantes que lá aconteciam o tempo todo, para divertir a corte, os bailes, as óperas, os fogos de artifício, as peças de teatro, não conseguiam esconder o que aquele castelo tinha de nojento, depois que as luzes se apagavam. Entrava-se no pátio, passando pelas barracas, onde os copeiros do castelo vendiam as sobras da mesa do Rei. [...] Para chegar aos magníficos aposentos reais, era preciso passar pela massa de cortesãos empobrecidos e de gente comum que se acotovelavam em torno dessas barracas. [...] Subir pelas escadas cobertas de dejetos dos cães e dos fidalgos, que lá iam se aliviar. (Ibidem, p.220-221)

Já habitando no castelo de Saint-Germain-en-Laye, Françoise d'Aubigné descreve uma de suas toaletes, quando sai para tomar ar nos jardins do palácio, por volta das seis horas da manhã: “enfiei em vestido de veludo negro com galões de ouro, joguei um mantô curto de pele sobre meus ombros, peguei um regalo e saí” (Ibidem, p.236).

Ainda que a viúva de Scarron já tivesse abandonado seus vestidos mais coloridos, seu próprio confessor a havia pedido ainda mais austeridade em sua postura:

Com efeito, abandonara os vermelhos, os rosas e os verdes, ficando reduzida ao preto, ao branco e a todos esses tons incertos que são, o folha morta, o ameixa, o fogo, o azul-noite e os cinzentos, aos quais, em todo caso, acrescentava, como compensação, sobre o pretexto que seriam metais e não cores, vestidos bordados em ouro e prata. Não queria me vestir como uma velha. (Ibidem, p.241)

Pelo cuidado com os filhos do Rei, a viúva de Scarron, recebe um prêmio em dinheiro. Com esse valor, Françoise adquire as terras e o castelo de Maintenon. Depois de um certo tempo, o próprio Rei a chama, em público, pelo nome de Madame de Maintenon. Daquele momento em diante a viúva do poeta Scarron, deixaria de existir. Ela era agora, Marquesa de Maintenon.

No fim de dezembro de 1679, Françoise foi designada dama de honra da Delfina⁴⁵ e este cargo lhe assegura um posto oficial na corte. Os favores que o Rei lhe concede, tornam-se públicos, ela participa de todas as festas e de todas as viagens.

Diferente das outras amantes do Rei, a “bela indiana⁴⁶”, não fazia exigência alguma: “o Rei escreve Mme. de Sevigné, descobriu um país totalmente novo; amizade sem restrições ou correntes. Ele parece encantado” (GAXOTTE, 1946, p.210).

⁴⁵ Princesa Maria Adelaide de Savoia (1685-1712) esposa do Duque de Borgonha, Delfim da França, neto de Luís XIV. Assim como seu pai, não chegou a subir ao trono, faleceu aos 29 anos, poucos dias após sua esposa.

Madame de Maintenon foi naquele momento uma influência positiva ao lado do monarca. Ele se desembaraça de suas amantes, inclusive de Mme. de Montespan, sua favorita, que já havia caído em desgraça ao ser envolvida no escândalo de bruxarias e envenenamentos que explodiu em meio à sociedade:

Luis XIV, se volta para a Rainha Maria Tereza, que tem alguns meses de perfeita felicidade. E de Roma, o Papa Inocêncio XII, celebra essa virtude reencontrada pela influência de Mme. de Maintenon, enviando a ela, um escapulário de suas próprias mãos e as relíquias de um santo. (Ibidem, p.211)

Porém, no dia 30 de julho de 1683: “a Rainha Maria Teresa, morre quase subitamente ao retornar de uma viagem. Por remorso ou arrependimento, o monarca renúncia definitivamente às suas ligações amorosas” (Ibidem, p.211).

Mesmo com a linha sucessória estando assegurada, Luís XIV deveria se casar novamente. Um casamento político com a vinda de uma nova rainha não era útil nem desejável. Por esse motivo, talvez, o monarca escolheu uma de suas amantes, a “bela indiana”. O Rei tem cinquenta e cinco anos e ela três mais que ele. Assim, Mme. de Maintenon, se torna esposa morganática do Rei da França: “o casamento foi celebrado no início do outono de 1683, embora não se saiba oficialmente a data exata. Um casamento de razão e um casamento secreto” (Ibidem, p.211).

Ainda que não haja certeza, muitos atribuem a Françoise d’Aubigné as mudanças que se operaram no palácio de Versailles. A respeito dessa influência, sobre as medidas tomadas pelo monarca em todas as áreas, temos como exemplo a pergunta feita pela duquesa de Borgonha em pleno rosto de Luís XIV: “sabes porque os povos são mais felizes sob o reinado de rainhas do que de reis? É porque com os reis, quem governam são as mulheres, e com as rainhas, são os homens” (LYRA, 1939, p.76):

Depois do casamento secreto, registrou-se uma radical mutação na vida da corte. À era das festas, divertimentos e aventuras galantes, sucedia a era da austeridade, do rigor moral e da hipocrisia. O jovem e amoroso semideus, que fora o Rei nas décadas de 1660 e 1670, estava transformando-se num velho ídolo lenhoso, isolado do mundo no magnífico palácio real de Versailles. [...] à sua volta, naquela moldura de fausto e nas restrições impostas por mil regras absurdas, giravam os nobres reduzidos à posição de pensionários da coroa, e ocupados de manhã à noite numa despuddorada luta pela conquista de favores. (RUSSO et al. 1973, p. 217)

⁴⁶ Bela Indiana, Madame de Maintenon, recebeu esta alcunha na alta sociedade francesa, por ter vivido na Martinica em sua infância.

A marquesa de Maintenon, apesar de ter sido criada pela família paterna como huguenote, estava agora totalmente dedicada ao catolicismo materno, a Sra. De Maintenon, huguenote na juventude, segundo as tradições familiares, [...] tinha agora o zelo religioso próprio dos convertidos.

Luís XIV, falece no dia primeiro de setembro de 1715. Porém, assim que o Rei entra em coma, Françoise temendo as desforras que os cortesãos tomariam dela pelos anos de atitudes a que foram forçados, retirou-se para Saint-Cyr, o colégio que fundara. Nesta época, já com 80 anos, foi lá que viveu os últimos quatro anos de sua vida. Faleceu no dia 15 de abril de 1719. Foi enterrada na capela de Saint-Cyr.

Quando da revolução de 1789, os revolucionários exumaram o seu corpo ainda perfeitamente conservado e arrastaram-no vários metros pelas ruas. Os seus restos mortais, recolhidos por mãos piedosas, foram escondidos em Saint-Cyr. Muito depois, em 1945, enquanto da demolição de um edifício, foi encontrada uma caixa com a inscrição, “ossos de Madame de Maintenon”. Os seus restos mortais foram então inumados no Palácio de Versailles. A esposa morganática dos Rei Sol foi a única da família real que teve o privilégio de reencontrar o esplendor deste palácio, visto que, com a revolução, os despojos reais das três dinastias foram lançados em cal viva para desaparecerem para sempre. (LEÇA, 2001, s.p.)

A respeito da segunda esposa do Rei Sol, Madame de Sevigné, sempre atenta em acompanhar todos os movimentos da corte, escreveu: “O papel de Madame de Maintenon é único no mundo, não houve e nem haverá outra igual” (BUISSON, s.d, s.p.).

2.5. Fénelon, o gênio desconhecido

Além da história da vida do Arcebispo de Cambrai, neste capítulo, destacaremos que, sendo teólogo, escritor, preceptor e grande observador de sua época, Fénelon, oferece em seu Tratado de Educação para Meninas. Em especial no capítulo X, quando o religioso se debruça, sobre a vaidade e a elegância. Devido à grande opulência da época, a educação feminina das meninas nobres, quando mal dirigida, poderia, a seu ver, levar as famílias à ruína.

François de Saligmat de la Mothe-Fénelon (Figura 3) nasceu em 1651, no dia 06 de agosto – que também pode ser a data de seu batismo – no castelo de Fénelon, situado na pequena vila francesa de Sainte-Mandaine, no Perigord negro, região da Dordonha: “no seio de uma família que já havia dado à Igreja nove Bispos ou Arcebispos a ao Estado grandes

servidores, mas que apesar de sua nobreza e tantos nomes ilustres, não havia enriquecido.” (LEBRUN, 2014, s.p.)

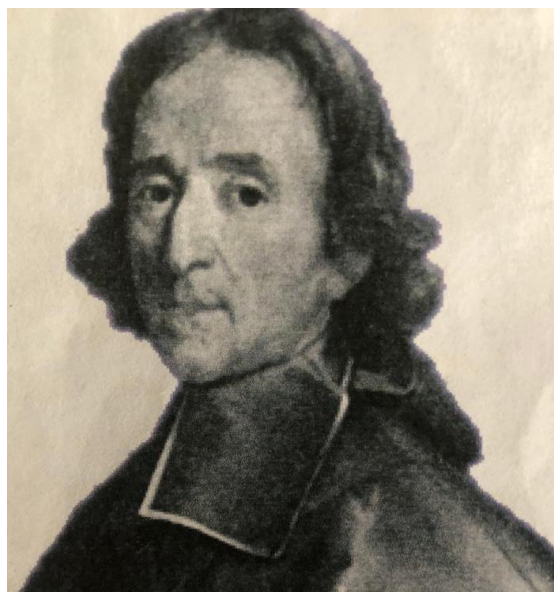


Figura 3. **François de Salimat de la Mothe-Fénelon**⁴⁷

Filósofo, escritor, teólogo, místico, Fénelon é um desconhecido. Dele temos, *As aventuras de Telêmaco*, publicado em 1699, requisitório contra o governo de Luís XIV, apresentado sob a forma de uma utopia política. É conhecida, uma parte de sua, *Carta sobre as ocupações da Academia Francesa*, de 1714, onde ele deplora o empobrecimento da língua francesa. É com a mesma modernidade que defende a necessidade de uma educação, específica para meninas, que ele redige um tratado pedagógico, visando a fazer as mulheres mais sábias, *Traité de l'éducation des filles*, em 1687.

Boa parte de seus princípios didáticos se encontrarão em *l'Émile* de Rousseau. Porém, Fénelon é também filho de seu tempo e recebe as influências de São Francisco de Sales, da filosofia de Malebranche e de Descartes, da teologia de São Tomás de Aquino e da espiritualidade de Santo Agostinho. Seus talentos se exercem, ao mesmo tempo, em retórica, filosofia e teologia. Ele é diretor espiritual, acadêmico; e também preceptor do duque de Borgonha, neto de Luís XIV. Fénelon representa o que nós chamaríamos em nossos dias um “intelectual”. (DEVILLAIRS, 2012, p.7-8)

Também alcunhado como o “Cisne de Cambrai”, pertenceu à Academia Francesa de Letras. Foi um dos maiores pensadores de sua época. Podemos ter uma percepção de sua personalidade mística e religiosa pelo que escreveu em sua *Carta à Academia*: “o belo que é apenas belo, é belo pela metade.” (Vidal, 11/05/2019). Por motivo deste misticismo religioso, ele se preocupa, inclusive com a beleza, fatuidade e modo de vestir das jovens. Fato que pode ser comprovado, no capítulo X, de seu Tratado de educação das meninas:

⁴⁷ Disponível em: <https://bityli.com/fNINHm> Acesso em: 09/01/2018

Nada é mais negligenciado do que a educação das meninas, geralmente o costume e o capricho decidem tudo. [...] Mas elas não precisam cumprir os deveres que são fundamentais a vida humana?...Mas os homens, eles esperam para si alguma doçura da vida, se a sociedade mais próxima, que é o casamento, se transformar em amargura?...Mas os filhos, que serão a partir de então toda raça humana, o que será deles se as mães estraga-los desde os primeiros anos? (Gréard, 14/03/2020)

Seu pai, Pons de Salignat, oriundo da antiga nobreza perigordiana, como muitos de sua classe, já não possuía grandes lastros financeiros, porém motivado pela sua linhagem, era muito bem relacionado. Já velho e viúvo, tendo filhos adultos, casou-se novamente com uma jovem nobre, também sem fortuna, Louise de La Crompte de Saint-Abre. François nasce dessa união. O menino, mesmo sendo destinado à Igreja, foi muito mal-recebido pelos irmãos. Seu pai, tivera nove filhos com a primeira esposa, Isabeau d’Esparbes de Lussan, e três com a segunda, incluindo François.

Essa situação tão dolorosa para ele não contribuiu para lhe dar gentileza, mas deu-lhe uma certa habilidade de lidar com o próximo. De seus ancestrais paternos, todos diplomatas, recebeu uma certa astúcia, para lidar com o ser humano e suas incertezas. De sua mãe, recebeu os dons da amabilidade e uma certa forma enigmática de ser. Ele era de constituição frágil e sempre cortês: “Mas desde o início ele anunciou um coração valente, uma mente viva, sutil e contente” (Gréard. 14/03/20).

Seu tio, François de Salignat era bispo de Sarlat, cidade do Perigord Negro. Era um bispado modesto, mas que ajudou Fénelon, a bem assumir, mais tarde, o importante bispado de Cambrai: “outro tio, o Marquês de Fénelon-Magnac, era membro eminente da oculta, mas ativa, Companhia de Santíssimo Sacramento, ponta de lança da militância devota das elites, e intimamente ligado ao seminário de Saint-Sulpice” (Daregnacourt; Guignet. 14/07/2021). Este seminário, fundado em 1641 pelo padre Jean-Jacques Olier, torna-se matriz do clero francês desde essa data. O marquês de Fénelon, é amigo do padre Jean-Jaques e de São Vicente de Paulo. O que facilitaria o acesso de Fénelon a esse seminário.

O seminário de Saint-Sulpice, significava, no século XVII, o século dos santos, um trampolim para uma carreira clerical bem-sucedida ou mesmo brilhante. Independente de seus méritos pessoais, Fénelon foi precocemente preparado para chegar a Saint-Sulpice e ter acesso ao episcopado.

Seus estudos iniciaram-se no castelo paterno. Seu preceptor, grande conhecedor das letras gregas e latinas, o fez conhecer o melhor da cultura antiga. Aos 12 anos, foi enviado à Universidade de Cahors, uma das primeiras universidades fundadas na França em 1331,

pelo Papa João XXII. Ao ingressar para o estudo das humanidades, o jovem já possuía grande conhecimento dos autores clássicos.

Seu tio, marquês de Fénelon, foi informado de seu zelo e distinção nos estudos e, em vista disso, traz seu sobrinho a Paris, para o colégio du Plessis, fundado em 1322, cujos alunos de teologia recebiam a mesma educação que os da Sorbonne. Neste colégio, termina seus estudos de filosofia e inicia Teologia. Finalmente, em 1672, chega ao seminário de Saint Sulpice, onde teve o padre Luís Tronson, superior daquele estabelecimento, por diretor de consciência. É ordenado padre, no ano de 1675, aos 24 anos de idade.

Nos próximos três anos, Fénelon desempenha suas funções eclesiásticas ao lado de outros sacerdotes na paróquia de Saint-Sulpice, sendo encarregado de explicar os textos evangélicos, aos paroquianos nos domingos e nos dias santos de guarda. Participava ativamente no ensino do catecismo. Fato que já demonstrava sua preocupação com a educação de meninos e meninas. No dia 26 de maio de 1677, doutorou-se em teologia na Universidade de Cahors.

O Cisne de Cambrai, como seria futuramente alcunhado, a princípio, se interessou por missões no oriente e na Grécia:

mas seu ardor missionário, encontrará no que dedicar, seu ardor missionário, em seu próprio país. Em 1678, Fénelon é nominado superior das *Nouvelles Catholiques*, meninas protestantes recentemente convertidas que é necessário introduzi-las fé católica. Ele se incumbe, desta missão com a destreza e docilidade de um verdadeiro, diretor de consciência. (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.423)

Entre 1685 e 1687, a pedido do bispo Jacques-Bénigne Bossuet, Fénelon assume a difícil tarefa de converter os protestantes das províncias de Saintonge e Aunis, que foram submetidas exteriormente ao catolicismo, após Luís XIV ter revogado o Editto de Nantes. O Cisne de Cambrai age com doçura preferindo usar seus conhecimentos teológicos e sedução natural, pois, como sempre, duvida da eficácia do constrangimento. Ele age nesta missão dentro do melhor que a religião possa oferecer e guardando os interesses reais: “porém, sua forma de dirigir esses novos católicos, tenha sido interpretada, por alguns, como sinal de simpatia pela corrente jansenista” (Daregnacourt; Guinet. 14/07/2021).

Nesta época, seu tio, Marquês de Fénelon-Magnac e o padre Luís Tronson, superior do Seminário de Saint-Sulpice, introduzem-no no círculo social do genro do ministro Colbert⁴⁸ o duque de Beauvillier, nobre oriundo de notável linhagem, devoto e pacifista. O duque possui, desde 1689, o honroso cargo de governador do duque de Borgonha, neto de

⁴⁸ Jean-Baptiste Colbert (1619-1683) foi Ministro de Estado e da Economia de Luís XIV.

Luís XIV e herdeiro do trono francês. Graças a essa amizade, Fénelon é nomeado preceptor do jovem príncipe: “seu aluno, era violento, orgulhoso, excessivo, mas sensível e muito inteligente. [...] Fénelon redige obras pedagógicas, melhor adaptadas ao espírito de um adolescente, As Fábulas, Diálogos dos Mortos e sobretudo, As aventuras de Telêmaco” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.423).

Várias grandes obras de Fénelon, que deveriam assegurar sua notoriedade, (os Diálogos dos mortos, as Fábulas, as Aventuras de Telêmaco...), foram inicialmente concebidas ou destinadas à educação do Duque de Borgonha, independente da data de publicação. [...] Estas obras foram escritas mais ou menos na contramão da evolução social, econômica e cultural do “Grande Século”: exaltação da nobreza, liberalismo aristocrático, ideal pacifista, reservas no que diz respeito ao mercantilismo, perspectivas agrárias e populistas, desejo de promover os princípios da moralidade e da religião, como o amor à virtude e a arte de fazer as pessoas felizes, fora da guerra e na prosperidade. (Daregnaucourt; Guinet. 14/07/2021)

Antes de 1689, quando veio a ser preceptor do duque de Borgonha, Fénelon publica em 1687, *De l'Éducation des filles*. Porém sua nomeação ao cargo de tutor do delfim da França, foi uma grande consagração, faltando apenas o que viria depois, um episcopado de prestígio.

CAPÍTULO III

FÉNELON, O MÍSTICO E SUA TEOLOGIA DA MODA E DA ELEGÂNCIA

O abade Fénelon, apesar de seus escritos, de sua cultura e da nobreza de sua origem, era, sem dúvida, um grande místico. Tendo conhecido o quietismo, que desenvolveu conhecimento mais profundo por conta da amizade que teve com Madame Guyon, grande defensora deste movimento religioso. Isso acabou por prejudicar a promissora carreira eclesiástica de Fénelon, pois foi considerada heresia pelo Papa Inocêncio XI em 1687.

É evidente que essa atitude de abandono a Deus, pregada pelo quietismo, penetrou na alma do Arcebispo de Cambrai influenciando sua visão sobre a elegância e a moda da época. Podemos perceber em seus julgamentos, a perspectiva de que a elegância e a moda transcendem o corpo e podem ser ligadas à busca espiritual de Deus.

3.1. Fénelon e o Quietismo

A doutrina religiosa denominada Quietismo pode ser entendida em dois sentidos diversos. De forma mais abrangente, sua concepção atinge a filosofia indiana, o neoplatonismo alexandrino e o misticismo cristão, na preocupação de elevar o ser humano à contemplação pura de Deus, pelo desapego à própria vontade, chegando à paz e à quietude da alma. Um novo sentido, mais simplificado ou objetivo, ressurge na segunda metade do século XVII, pelos escritos e pregações de vários religiosos, mas sobretudo pela obra do padre espanhol Miguel de Molinos⁴⁹, intitulada: *Guia espiritual para afastar a alma dos objetos sensíveis e a conduzir à contemplação perfeita e à paz interior* surgida em Roma em 1675. Essa noção de completa quietude e passividade da alma, para alcançar, desinteressadamente, a graça de estar com Deus: “assim como exposta em seu *Guia Espiritual*, promoveu uma verdadeira revolução espiritual no meio cristão sessentista” (SOUZA, s.d., s.p.):

Quietismo, termo polêmico surgido em francês, em italiano e em latim por volta de 1680, designa uma escola mística caracterizada pela oração de quietude, por oposição ao ascetismo e ao encaminhamento discursivo da meditação. Ela (essa escola mística) tem suas fontes nas escrituras (Paulo em particular) e nos Padres (Clemente de Alexandria); podemos segui-la na Idade Média e no Renascimento (Maria Madalena Pazzi). A renovação mística contemporânea das reformas tridentinas acarretou, no século XVII,

⁴⁹ Padre Miguel de Molinos. Nascido na Espanha em 1628. Falecido em Roma no ano de 1697.

uma difusão da “heroica indiferença” (Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, 1619), em que a vontade humana tenta se confundir com a de Deus, sem no entanto desaparecer: é precisamente num contexto salesiano que se desenrola em 1641 uma primeira querela do “puro amor” (O jesuíta Sirmond, com *A defesa da virtude*, se opõe a um discípulo de Francisco de Sales, O bispo de Belley Camus, em, em *A defesa do puro amor*). (LACOSTE, 2004, p.1477)

Condenada como herética pelo Papa Inocêncio XI, em 1687: “esse misticismo levava a uma total união com Deus, a ponto de fazer a alma, tão estranha ao próprio corpo, que este não seria mais responsável pelos pecados que pudesse cometer” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.423). Apesar de ter sido absolvida várias vezes, a doutrina quietista do Padre Miguel de Molinos, acaba sendo condenada e proibida a sua leitura: “no decreto papal de 1687; assinado pelo Papa Inocêncio XI, consta que “aquele que for apanhado de posse desse *Guia Espiritual*, será excomungado” (SOUZA, s.d., s.p)

Na França esta corrente mística encontrou uma grande defensora que iria representar um papel de grande importância na vida de Fénelon. Era Jeanne Marie Bouvier de La Mothe, nascida a 13 de abril de 1648, na cidade de Montargis, região central do vale do Loire. Ela se casa aos 17 anos com um homem bem mais velho, monsieur Guyon. Esta união perdurará por 12 anos, até a morte do marido.

Aos 19 anos, Mme. Guyon descobre na mesma época, duas coisas que a encantarão: que ela “perturba” fortemente, os jovens religiosos quando lhes fala como rezar – rezar era a palavra-chave da devoção naquela época – e que Deus não deve ser procurado no céu, ou em qualquer outra parte a não ser em sua própria alma, onde Ele está presente em todos os momentos como “Amor que ama”, que fala e se faz sentir através de deliciosos impulsos. (NANTES, 1975, s.p.)

Madame de Guyon, doentia e mal-amada, desde sua infância, tem o hábito de ler romances e as vidas dos santos. Essa mistura de leituras nunca a abandonará. Esse fato aumentará sua sensibilidade, seu temperamento passional e sua imaginação. Dentre estes, os autores quietistas: eram autores que tinham formado e nutrido a piedade [...] da jovem viúva, Jeanne de Guyon (1648-1717).

Aqui está esta jovem em chamas com um duplo fogo espiritual e sensual, que ela procura despertar novamente e de todas as maneiras, penitências, humilhações, leituras, conversas espirituais. Finalmente ela encontrou o marido de seu ardor e de suas delícias, é Deus. Intoxicada por um amor delicioso, ela o ama “mais do que um amante apaixonado ama sua amante.” (Ibidem, s.p.)

No ano de 1668, ele conhece o padre da ordem dos barnabitas⁵⁰. François de La Combe, que conhecia, profundamente a nova mística do padre Miguel de Molinos em Roma. Essa amizade mística, ou fusão espiritual, com o padre La Combe, se prolongará por vinte anos.

Obcecada pela personagem de Santa Joana de Chantal, “experimentando estados místicos, [...] ela redige entre 1681e1682, *Les torrents*”. (Lacoste, 2004, p.1477) Este seria o primeiro de uma série de escritos. O mais célebre destes será *Moyen court et très facile de faire oraison*⁵¹ de 1685.

Neste livro, Mme. Guyon expõe um tipo de quietismo atenuado:

Sem admitir a irresponsabilidade da alma nas desordens do corpo, ela considera a perfeição espiritual em um ato contínuo de contemplação e de amor, um abandono total a Deus que leva ao “estado de oração”. Este estado de “quietude” perfeita encerra nele mesmo todos os atos da religião: dispensando toda reflexão sobre Deus, sobre seus atributos, sobre Jesus Cristo; exclui o desejo da salvação, da santificação e da crença no inferno: tornando inútil e mesmo prejudicial à perfeita contemplação, a prática de preces vocais, da confissão, da mortificação e de todas as boas obras. (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.423)

Além desta obra, Mme. de Guyon escreve espontaneamente numerosos artigos, todos de inspiração mística. Este apostolado, feito em suas viagens chama a atenção das autoridades eclesiásticas, sobre sua pessoa de forma preocupante.

No mês de outubro de 1688, foi organizado no Castelo de Beynes, por amigos e orientandos espirituais, um encontro entre Fénelon e Madame Guyon. Ele tem 37 anos e se recomenda por seus dons naturais, pela nobreza de seu nascimento e por sua carreira eclesiástica. Ele é um homem que desponta, muito bem, em sua trajetória dentro da Igreja e para quem se voltam todos os olhares admirativos e todas as esperanças. Tudo o predestina às mais altas lideranças, sua origem, seus próprios dons e méritos e sobretudo sendo discípulo e protegido do Bispo Bosseut.

Essa teoria do amor puro e desinteressado a Deus, despojado de todas as amarras terrestres, encontrou grande abertura na alma mística do padre Fénelon. O misticismo é a verdadeira procura da união com o transcendente. O “puro amor” ponto fundamental do pensamento feneloniano, define-se como a morte de si mesmo: “É pela aniquilação do meu próprio ser limpo e limitado que entrarei na imensidão Divina” (NANTES, 1975, s.p.).

⁵⁰ Ordem dos padres Barnabitas, fundada em 1530 pelo médico e padre italiano, São Antônio Maria Zaccaria.

⁵¹ Tradução livre: Meio rápido e fácil de rezar.

Madame de Guyon já há muito conhecia Fénelon antes desse encontro pessoal. As atribuições em que vivera faziam dessa mulher uma personalidade forte. Em 1687 havia sido presa sob as ordens do Arcebispo de Paris: “aos 40 anos, suas aventuras, suas brigas com os inquisidores, uma espantosa faculdade de apropriação e adaptação literária, e todos os dons de sensibilidade, intuição e sedução de uma mulher singular, compõem sua pessoa.” (Ibidem, s.p.)

Neste encontro ela será seduzida por Fénelon e ele por Madame Guyon, pois contata com admiração. Este fato será o início, em outubro de 1689, de uma longa e rica correspondência. Desde a época em que foi encarregado da educação do duque de Borgonha, neto do rei, ele já tem contato com Madame Guyon e a introduz no pequeno círculo religioso das duquesas de Beauvilliers e de Chevreuse. Mme. de Maintenon, participante deste círculo, também é seduzida por esse “novo” quietismo. Por esse motivo, a esposa do Rei, abre a Mme. Guyon as portas do Colégio de Saint-Cyr, o que faz suas alunas tornarem-se também próximas do quietismo.

Assim descreve Madame de Maintenon, a forma como travou conhecimento, com Mme. Guyon, claramente, segundo ela, influenciada por Fénelon:

Uma senhora, que foi introduzida em nosso “convento”, assim a esposa do Rei, se referia a esse grupo, me forneceu os meios e o exemplo para alcançar e meta que, segundo o senhor Fénelon propus a mim mesma. Esta senhora chamava-se Jeanne Guyon du Chesnoy, morava no interior, era viúva e riquíssima. As minhas amigas falavam-me em seu favor desde 1689, encontrava-se aprisionada a mais de um ano em Paris, por ordem do Arcebispo Harlay de Champvallon, que a acusava de heresia por causa de algumas frases que dissera em público. (CHANDERNAGOR, 1981, p.392)

Advertida por várias pessoas de minha relação de ser injusta a prisão, mandei liberar Mme. Guyon, com grande escândalo do Bispo de Paris.

Saída da masmorra, Madame de Guyon foi muito naturalmente agradecer-me em Saint-Cyr: vi uma mulher de idade indefinida, constituída como um homem, com o rosto marcado pelas bexigas e olhos vesgos; mas falou-me santamente de sua prisão e pareceu-me tão inflamada por Deus como a sua palavra ardente dava a entender e como minhas amigas me haviam assegurado. [...] Falava de Deus como o “puro amor” e dizia que era um amor que ama sem sentir, como a pura fé crê sem ver; pregava a perda de todo e qualquer interesse próprio da vontade, e até da reflexão; queria que estivéssemos nas mãos de Deus “como um farrapo na boca de um cão”. Ela própria conseguia, graças a uma oração contínua e silenciosa, chegar a estados de êxtase em que transmitia a graça a quantos a rodeavam. [...] o

senhor de Fénelon ficou conquistado; os espíritos de ambos, encantaram-se mutuamente, a parte sublime de uma e de outro amalgamaram-se. Iam lado a lado ao encontro de Deus. (Ibidem, p. 392)

O Bispo de Meaux, Jacques Benigne-Bossuet, um dos maiores defensores do absolutismo muito ligado a Luís XIV, se insurge contra a “mística do puro amor”. Inicia, em 1695, um debate contra o quietismo que afetará Fénelon diretamente. Esse debate entre Bossuet e Fénelon:

Abre um parêntese na política unificadora de Luís XIV, entre a revogação do Editto de Nantes em 1685 e a destruição de Port-Royal em 1710. Quanto ao Quietismo, reputado como um germe de sectarismo prejudicial à ordem pública do Estado e à hegemonia da igreja galicana, o Rei adotou os preconceitos de Bossuet. [...] Já tutor na família real desde 1689 e acadêmico em 1693, Fénelon comete um grave erro naquele ano, (1693) aconselhando Madame Guyon a enviar seus escritos a Bossuet (Dole, 23/08/2021)

O bispo Bossuet tinha o apoio do Arcebispo de Paris e de outros nomes importantes. No entanto o novo Arcebispo de Cambrai, nomeado no mês anterior, em 04 de fevereiro de 1695, ignora um fato importante, que a esposa do Rei, Madame de Maintenon, defende as queixas de Bossuet junto ao rei; mas sobretudo que estes artigos que Bossuet e seu grupo de estudos reunidos em Issy redigem: “confirmam a censura romana de 1687, pronunciada contra o quietismo de Molinos.” (Dole, 23/08/2021)

Esses 34 artigos, defendido por Bossuet, foram também assinado por Fénelon. O Cisne de Cambrai os assinou, declarando que: “estava pronto a subscrevê-los, por deferência e os acreditava serem verdadeiros”. (HISTORIM, 2012, s.p.)

Após serem expostos esses artigos, Madame Guyon foi encarcerada em Vincennes no dia 27 de dezembro de 1695, depois na Bastilha até 1703.

Fénelon insiste em defender a doutrina do “Amor puro” e publica uma defesa em janeiro de 1697 chamada *Explicação das máximas dos santos*. Esse manifesto será o ponto final da carreira do Cisne de Cambrai. Em 1699 o Papa censura suas Explicações das máximas dos santos. Ele perde a tutela do delfim e seus apartamentos em Versailles, sendo exilado por Luís XIV em sua diocese na cidade de Cambrai.

O prelado jamais retornará à corte. Se dedica totalmente à sua diocese, a Igreja e à defesa dos miseráveis. Falece no dia 07 de janeiro de 1715, sem dever um único tostão e sem ter nada de si.

3.2. Maison Royale de Saint Louis: o Colégio de Saint-Cyr

Após ter se tornado esposa morganática de Luís XIV, a Marquesa de Maintenon, funda em 1686, com o apoio do Rei, seu marido, a Maison Royale de Saint-Louis mais conhecida como Colégio de Saint-Cyr (Figura 4): “largamente inspirada em Fénelon, Madame de Maintenon, teve o mérito de fundar o primeiro grande estabelecimento secular para a educação de meninas”. (LEÇA, 2001, s.p.)



Figura 4. Colégio de Saint-Cyr⁵²

Foi neste educandário que Françoise d’Aubigné mostrou o melhor de si. Passando para a história como sendo a primeira educadora laica da França. Seus objetivos de ensino, como já citados, eram neste estabelecimento: “dar graça, ornar a memória, elevar o coração e dotar o espírito de coisas belas”. (Ibidem, s.p.)

Talvez olhando para a sua própria infância, o Colégio de Saint-Cyr, foi fundado com o intuito de acolher meninas de origem nobre, cuja famílias tinham empobrecido.

Françoise d’Aubigné, assim que saiu da situação de pobreza, pelo reconhecimento que Luís XIV tivera por ela ter sido educadora dos filhos que ele tivera com Madame de Montespan: “ela achou que deveria retribuir, de alguma forma, aos menos a ascensão conquistada. Primeiramente ela começou a pagar as estadias de meninas no convento das ursulinas em Montmorency, depois nas cidades de Rueil e Noisy.” (GAXOTTE, 1946, p.211)

⁵² Disponível em: <https://bitly.com/fNINHm> Acesso em: 09/01/2018

Depois de casada com o Rei da França, Madame de Maintenon costumava fazer caridade no convento de Noisy, onde viviam cerca de quarenta crianças pobres e abandonadas. Aos poucos François foi recolhendo outras crianças e enviando-as para lá, ao ponto de se tornarem demasiadas para as pequenas instalações do convento. Foi assim que lhe surgiu a ideia de formar um colégio maior onde se educassem crianças pobres sim, mas provenientes da nobreza arruinada. (LEÇA, 2001, s.p.)

Em suas memórias a Marquesa de Maintenon, já esposa morganática de Luís XIV, deixa documentada a sua vontade de fazer alguma coisa, de mais sustentável, a respeito do ensino, de crianças, na França:

Amava as crianças, e tinha ali quarenta para amar. Como não era fácil satisfazer-me o apetite, aumentava constantemente esse número, recolhendo meninas pobres e meninos abandonados que me enviavam dos quatro cantos da França, até ao ponto que o convento de Noisy, já não ter capacidade de abrigá-los. Assim veio-me o desejo de fazer qualquer coisa mais considerável. (CHANDERNAGOR, 1981, p.354)

Quando a marquesa de Maintenon, no ano de 1684, apresentou seu projeto ao Rei, seu marido, ele não se mostrou muito interessado, dizendo a ela: “este estabelecimento educativo que a senhora propõe, custará muito dinheiro, eu o acho bem singular: nunca outra rainha da França tentou fazer algo parecido”. (Ibidem, p.355). Porém, passado algum tempo, o próprio monarca, por iniciativa própria ou talvez incentivado pela esposa, foi visitar as crianças internas no convento da cidade de Noisy. Já havia, nesta época, cento e vinte quatro alunas e, entre elas, um número crescente de meninas nobres. Após essa visita, Luís XIV, encantado com a forma com que eram educadas, aceitou fundar um internato, com a condição de que não fosse um convento: “porém Madame, ponho como condição, que não seja um convento, pois estou farto de ver nascerem esses estabelecimentos, que se enchem de bens de que só se aproveitam pessoas inúteis ao Estado” (Ibidem, p.356).

A esposa do Rei abandonou logo a ideia de ensinar meninos e meninas do povo. Em uma de suas cartas deixa escrito que ensinar crianças camponesas seria perda de tempo, pois uma vez aprendido a ler, escrever e contar, além dos trabalhos manuais, a única coisa a fazer seria mandá-los trabalhar. O que não a impediu de fazer uma grande obra de ensino e caridade:

Tornei-me de uma avareza sórdida, mas, dos noventa mil francos de renda que me davam as terras de Maintenon e o Rei, conseguia desviar todos os anos sessenta a setenta mil francos para minhas esmolas. Fundei por todo lado Misericórdias para os doentes pobres; participei de todas as obras que que Madame de Miramion⁵³ fazia em Paris, Versailles, Compiègne, em Fontainebleau. Enfim, eu mesmo ia à casa dos pobres, sem que eles soubessem quem eu era, [...] para dar-lhes o que lhes faltava. (Ibidem, p.361-362)

A marquesa muitas vezes deplorou o luxo das construções e as grandes despesas que o Rei fazia em seus palácios; exemplifica esse fato pelas reformas na antecâmara do monarca: “para falar só da lareira, que a vi dar a volta completa à sala, não por magia, mas devido às sucessivas alterações do projeto, terminando isso em 1700, com sua demolição completa, para ser ligada à câmara do Rei” (CHANDERNAGOR, 1981, p.364). Françoise estava mesmo decidida a fazer alguma coisa pela melhoria do ensino na França:

Pensei [...] que desperdiçávamos as nossas capacidades com aquelas pequenas camponesas, uma vez que, depois de as termos ensinado a ler, a contar, a coser e a fiar, nada mais se podia fazer senão pô-las a trabalhar; não havia ali matéria para uma dessas obras primas de educação que se podem produzir a partir de almas de escol e de sujeitos bem-nascidos; [...]. Outros pobres pareceram-me merecer mais atenção: encontrava-se na época por todo reino um grande número de nobres sem um centavo, que viviam à custa de empréstimos e de caridades; muitos deles, filhos mais novos, não tinham terras nem gados e viviam miseravelmente [...], seria possível, com aquela matéria prima, levar mais longe a obra da educação: formar belos espíritos, talvez, mas sobretudo regenerar a nação inculcando na sua elite máximas de virtude e princípios de ciência. Educar os mais pobres dos nobres do mesmo modo que os mais ricos dos burgueses. (LEÇA, 2001, s.p.)

Surgiu então a dúvida se este internato educativo deveria acolher rapazes e meninas ou apenas estas últimas. Na solução encontrada por Madame de Maintenon nota-se a influência do *Tratado de educação para meninas* de Fénelon.

Nada é mais negligenciado que a educação das meninas, eu disse a Madame Brinon⁵⁴: Dizem que elas precisam apenas aprender à obedecer seus maridos, no entanto são elas que arruinam ou sustentam suas casas, que educam os filhos. [...] a ignorância das mulheres da nobreza é precisamente a causa da ruína deste grupo de escol. (CHANDERNAGOR, 1981, p.355)

⁵³ Marie Bonneau de Rubelles. (1629-1696) Viúva e imensamente rica, torna-se freira. Consagrou sua imensa fortuna a obras de caridade. Escolas, hospitais, orfanatos, etc.

⁵⁴ Marie de Brinon, (1631/1701) foi uma religiosa de origem nobre e que pertencia à Ordem de Santa Úrsula. Essa congregação foi fundada na Itália por Ângela Merice, cujo carisma principal já era a educação de meninas. Madame Brinon, foi a primeira diretora do Colégio de Saint-Cyr. Nomeada em 26 de junho de 1686 e, por ser adepta ao quietismo, foi exonerada em 1688.

Assim se iniciou a Maison Royale de Saint-Louis, mais conhecida historicamente, por Colégio de Saint-Cyr.

Ficou então estabelecido que este instituto de educação teria duzentas e cinquenta meninas nobres, órfãs ou sem recursos, de seis ou sete anos, educadas às dispensas do Rei, até a idade de vinte anos. As educadoras, em número de trinta e seis, não seriam religiosas. A única freira seria a superiora, Madame Brinon, filiada à Congregação das Ursulinas da União Romana. Luís XIV não tinha em boa conta a educação ministrada nos conventos, por esse motivo pediu que as alunas fossem educadas para estar no mundo e não para a clausura.

O Rei contratou Mansart⁵⁵ para executar a obra, e foi esse arquiteto que encontrou o lugar para construir os prédios do colégio. Esse local era um espaço nos fundos dois parques de Versailles nominado Saint-Cyr. No dia primeiro de maio de 1685 foram contratados dois mil e quinhentos homens para edificar o internato feminino. O prédio foi construído em quinze meses. “Enquanto o edifício era construído, eu me ocupava em desenhar os trajes das mestras e alunas. Vendo que esse trabalho me distraia, o Rei quis dar sua atenção, pedindo para ver os trajes das professoras, aos quais fez uma alteração na touca” (CHANDERNAGOR, 1981, p.356-357)

Durante a idade média, alunos de escolas anexas a uma catedral, onde as crianças eram treinadas em música e cantos religiosos, usavam um vestuário, que seria possível assimilá-los a um uniforme.

Mas é na Inglaterra que o uniforme escolar, como tal, aparece pela primeira vez. Essas escolas eram chamadas “*blue coat schools*”, pelo fato de seus alunos usarem um casaco azul, (redingote) escuro, cor “digna e honesta” adequada para caridade.

A primeira escola “Christ’s Hospital School”, foi fundada pelo Rei Eduardo VI, em 1552, para tratar e educar as crianças pobres de Londres. Esses estabelecimentos de ensino existem até os dias atuais. (LES PETITES MAINS)

Até o século XVIII, não existia uma moda para crianças e elas eram vestidas como adultos. Os uniformes para as alunas de Saint-Cyr, seguiram esse conceito, sendo desenhados de acordo com a moda feminina da época, mas foram acrescentados, segundo suas idades, laços de fitas de cores distintas. Para as menores da primeira classe, laços azuis, para a segunda classe, amarelos, para a terceira classe, verdes, para quarta e última classe, vermelhos.

⁵⁵ Jules Hardouin Mansart (1646/1708). Arquiteto, foi um dos responsáveis pelo estilo de arquitetura barroca francesa do século XVII. Na construção do edifício de Sain-Cyr, ele teve como parceiro o arquiteto François Michel Le Tellier de Louvois.

No fim de julho de 1686, a comunidade inteira se transferiu de Noisy para Saint-Cyr nas carruagens do Rei escoltadas por sua guarda suíça. As meninas ficaram encantadas ao verem os dormitórios, com seus leitos brancos e as cortinas presas com laços de seda, verdes, amarelos, vermelhos, e azuis de acordo com a cor de suas classes. Cada aluna tinha seu baú e seu toucador. As quatro classes estavam atapetadas segundo as cores que as alunas usavam. Nas paredes estavam presos mapas geográficos por laços das mesmas cores. Em algumas dessas paredes estavam pintadas uma floresta para a classe das alunas que usariam verde; o mar para as azuis, campos de trigo para as amarelas, com crianças na paisagem. O jardim e os bosques eram encantadores, [...] em alguns caminhos havia balanços. [...] Aquelas crianças, que nem em suas pobres famílias, nem nos conventos, haviam sido acostumadas a tanta abundância, batiam palmas de prazer. (CHANDERNAGOR, 1981, pp.357-358)

O ensino era programado com exatidão. Se iniciando logo cedo com a participação na missa e em seguida o café da manhã. Além do aprendizado normativo, ortografia, aritmética, leitura, história e declamação, eram também ministrados lições de bordado, canto, desenho e pintura. Embora sendo um colégio laico, o catecismo e os deveres religiosos católicos eram observados com bastante rigor.

Ficou gravado na história do Colégio de Saint-Cyr as peças teatrais que foram encenadas, obras: “que Monsieur Racine compunha a meu pedido para dar às alunas o gosto da boa linguagem, que terminou por agradar o próprio Rei.” (Ibidem, p. 59)

O sucesso alcançado por essas peças teatrais, acabou por fazer as alunas tornarem-se vaidosas e procurarem os pós, os perfumes e todas as frivolidades que as tornariam mais notadas. Atitudes muito diferentes daquilo que Madame de Maintenon esperava de suas pupilas.

Além deste problema de vaidade no comportamento de algumas alunas, algo mais grave aconteceu quando suas alunas tentaram envenenar uma das professoras por tê-las repreendido por trocarem cartas secretas entre si. Além disso, as questões causadas pelo Quietismo, introduzido na instituição por Mme. Guyon, e pelo abade Fénelon, estava muito difundido entre as alunas. Várias delas foram encontradas em estado “letárgico”, dizendo que estavam na graça de Deus. Madame Guyon seria proibida de frequentar o colégio definitivamente em 1694.

Após todos esses dissabores, religiosos e comportamentais, no dia 30 de novembro de 1692, o Colégio de Sint-Cyr passa a ser um convento regular da Ordem de Santo Agostinho. Algumas professoras aceitaram essa mudança iniciando o noviciado, outras preferiram deixar a instituição.

A Maison Royale de Saint-Louis não escapou de críticas. Para o padre escritor Castel de Saint-Pierre (1658-1743), pertencente à Academia Francesa de Letras, quando as jovens, aos vinte anos deixavam o colégio, ignoravam as coisas mais importantes da vida comum. Outros ainda apontavam que as alunas de Saint-Cyr, eram criadas de tal maneira que todas deveriam ser transformadas em damas do palácio, caso contrário, se tornariam infelizes e impertinentes. Para Madame Campan⁵⁶ escrevendo sobre a educação ministrada naquela instituição declara:

Um belo estabelecimento, que seria mais adequado para princesas do que “freiras provinciais”. O sistema educacional dado pela fundadora e religiosamente mantido pelas damas (educadoras) de Saint-Cyr, acaba envelhecendo demais dentro dos limites desta casa e se encontrando muito longe da educação dada no mundo. (PICCO, 2007, s.p.)

Porém, a forma de ensino proposto por Madame de Maintenon produziu seus frutos. Várias de suas alunas, foram mais de três mil, ao deixarem o colégio fundaram instituições de ensino baseados nas propostas pedagógicas do Colégio de Saint-Cyr.

Luís XIV foi sucedido no trono por seu bisneto, Luís XV. O novo monarca havia prometido à fundadora manter a instituição após a morte desta, e assim foi feito. O colégio permaneceria em funcionamento, mesmo após a revolução de 1789. Porém um decreto da Assembleia Legislativa de 1792, encerra essa escola que fecha suas portas definitivamente em 1793.

3.3. Os eixos da teologia da moda e elegância de Fénelon

Como já dito neste texto, François de Salinac de LA Mothe-Fénelon foi, sem dúvida, filho de sua época, ou seja, do século XVII, cognominado pelos historiadores como o “Grande Século”. Foi o momento: “em que a França se coloca sob o signo da grandeza. É o século, no qual, pelo brilho das letras e das artes e mesmo que pelas armas, a França domina a Europa” (LAGARDE; MICHARD, 1985, p.07).

Fénelon toma parte em todas as discussões de sua época, sejam religiosas, políticas, filosóficas ou mesmo educacionais. Portanto, não poderia ficar fora de sua visão a forma como eram educadas as jovens de seu tempo: “sem pôr em causa a sua função social exclusivamente familiar e doméstica, Fénelon insurge-se contra a educação dada às raparigas,

⁵⁶ Jeanne Louise Henriette Campan. (1752/1822) foi escritora e dama de companhia de Maria Antonieta e a primeira diretora da Maison des Demoiselles de la Legion d’Honneur, fundada por Napoleão Bonaparte em 1805, nos moldes do Colégio de Saint-Cyr..

o seu fechamento em conventos, e apresenta um dos primeiros programas de estudo para mulheres” (LEÇA, 2001, s.p.). As obras que escreveu para a educação do duque de Borgonha⁵⁷, futuro Rei da França, em especial *As aventuras de Telêmaco*, onde o autor preconizava, entre outras medidas, o fim da produção de artigos de luxo, para a melhoria da vida do povo em geral. Esse detalhe “o fim da produção de artigos de luxo”, nos autoriza a crer que Fénelon se referia à escravidão das mulheres aos artigos supérfluos e despesas desnecessárias.

Do ponto de vista feminino, Fénelon era contra a forma que a educação era dada às garotas. Um aprendizado, vindo através dos séculos, que não percebia o valor fundamental das mulheres:

O homem, nos ensina o Gênesis, foi criado antes das mulheres e para ele, no curso dos séculos, se apropriou, antes da mulher, todas as coisas belas e agradáveis deste mundo. Primeiramente para ele o uso das plumas, dos enfeites ou troféus conquistados sobre a prole humana ou animal. Ele mostra assim sua superioridade de chefe aos outros homens e sua autoridade de macho à mulher, onde os enfeites são aceitos apenas sob um plano de coqueteria e mesmo de subordinação.

Para o homem, em primeiro lugar, o uso de perfumes, de peles, de joias de tecidos suntuosos e mesmo de perucas. Para ele a glória hierárquica que era mostrada pelo traje, glória civil, militar e religiosa, deixando apenas às mulheres, com exceção feita a uma ou outra soberana – o lado mais fútil da moda, aquele que a permitia exprimir sua sedução.

(Kybalová et al, 1976, p. 07)

Tudo leva a crer que visão humanística e didática de Fénelon, o leva a criticar a exagerada frivolidade, existente entre as mulheres da nobreza e alta burguesia, preparadas apenas para uma “educação de sala”. Embora esta situação feminina só passe a mudar, paulatinamente, após a primeira grande guerra, já no século XX.

Podemos comprovar essa má consciência coletiva dentro dos mais altos extratos sociais, se quisermos acreditar em certas descrições e memórias de século XVII. Em uma carta de 24 de abril de 1671, Madame Sévigné, neta de Santa Joana de Chantal, mostra sua dúvida entre o gosto por uma elegância refinada, e a escolha em que se possa perder algum encanto.

Comprei para fazer um *robe de chambre* um tecido para a parte de cima, ele é admirável. Há um pouco de verde, mas o violeta domina, em uma palavra, eu sucumbi. Queria que eu o forrasse com uma cor de fogo, (deveria ser um tecido com uma certa transparência) mas achei que isto me

⁵⁷ Duque de Borgonha. (1682/1712). Neto do Luís XIV, tendo falecido antes de seu avô, seu filho subiu ao trono em 1715, sob o título de Luís XV.

daria um ar de impenitente final. O tecido é pura fragilidade, mas o forro seria uma vontade determinada, que me pareceu contra os bons costumes. (COURSE, 2005, s.p.)

Essa mentalidade, ou situação de vida, em que se encontravam as mulheres, mesmo no século XVII, já era muito antiga. Antes de Fénelon outros grandes pensadores já se debruçavam sobre esse problema. Em todas as épocas sempre existiu uma ou outra mulher a se destacar, normalmente oriundas da nobreza, mas sempre casos pontuais. “na renascença, raros são os humanistas como J.L. Vives ou Tomas Morus a defender uma educação igual para homens e mulheres” (BASTOS, 2012, s.p.).

Durante o século XVII, o debate muda de caráter, ou amplia-se de alguma forma: “é nas academias, nos salões e nos becos que Mlle de Gournay⁵⁸ e Mlle Scudéry⁵⁹ aspiram abrir espaço para o sexo feminino, todas prontas a conquista-lo pelo trabalho” (GREARD. 14/03/2020). aperfeiçoando a mente e a razão de seu sexo. Ou seja, tendo acesso a um estudo mais completo e não restrito ao aprendizado feminino da época, limitado à capacidade de ler o livro de orações e às prendas domésticas.

Fénelon era um religioso de grande erudição, mas tinha o olhar de sua época, de sua classe social e sobretudo de sua visão católica:

Ele é inimigo de superstições e das devoções introduzidas indiscretamente, mas quer que as mulheres sejam compenetradas na religião, e expõe a elas todos os pontos da doutrina católica com uma clareza admirável. Se ele censura certas práticas de pietismo ou os élan de uma imaginação excessivamente terna, ele não desaprova a instrução, os conhecimentos, os talentos de atrativos necessários às mulheres para aumentar, com sucesso, todos os deveres impostos por sua natureza e pela sociedade. (BONNEFON, 2013, s.p.)

O *Tratado de educação para meninas* claramente influenciou a marquesa de Maintenon ao fundar o Colégio de Saint-Cyr, pois, neste tratado o prelado não esquece de: “dar lições de bom gosto sobre os costumes e a moda, ele afirma que o luxo arruína as famílias, que certos enfeites inventados ou aceitos pela vaidade das mulheres as fazem perder seus atributos naturais” (Ibidem, s.p.).

⁵⁸ Marie de Gournay Le Jars (1565-1645) Escritora e filósofa francesa. Foi uma “protofeminista”. Seus textos tratam da luta pela igualdade entre os sexos.

⁵⁹ Madaleine de Scudéry (1607-1701) Romancista francesa, dedicada ao estilo literário “preciosista”. Manteve um salão de debates artísticos em Paris. Foi primeira mulher a receber um prêmio da Academia Francesa de Letras.

As mulheres exercem aos olhos de Fénelon um papel civilizador dentro da sociedade. Portanto não seria mais possível condená-las a uma ignorância absoluta, sob o pretexto de que se tornariam arrogantes, por motivo de seus conhecimentos. Essa sabedoria feminina, segundo ele, naquela sociedade, tão obcecada pelos aparatos externos, inclusive do vestuário, poderia ajudar a seus familiares e maridos, a não dissipar fortunas desnecessárias: “dando, também lições de bom gosto sobre os costumes e a moda; ele afirma que o luxo arruína as famílias, que certos enfeites inventados ou aceitos pela vaidade das mulheres, as fazem perder seus encantos naturais” (Ibidem, s.p.).

As irmãs da Congregação das Ursulinas da União Romana: “traçaram por três séculos o programa comum de ensino para mulheres, ‘ler, escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa, para formar boas mães cristãs, na falta de fazer piedosas noviças’” (BASTOS, 2012, s.p.). Fénelon e a Marquesa de Maintenon não mudaram essa orientação. As questões de gênero não existiam na época. Portanto, essa forma de ensino para as meninas, não sem grandes mudanças, seriam aprimoradas dentro do espaço que lhes competia.

Mas Fénelon é o primeiro que, abraçando o assunto em um exame geral, uniu em uma espécie de código as prescrições adequadas para criar a garota desde o momento em que seus instintos são despertados até a idade em que o desenvolvimento de suas faculdades permite entregá-lo com segurança à vida comum; o primeiro, especialmente quem fundou esse código em um estudo psicológico da criança. (Gréard, 14/03/2020)

CAPÍTULO IV

O TRATADO DE EDUCAÇÃO PARA MENINAS

O *Tratado de Educação das Meninas*, de Fénelon, se tornou um clássico sobre a educação feminina. Foi um trabalho particular a pedido do Duque de Beauvilliers, membro da corte de Luís XIV, para a educação de suas filhas. Seis capítulos da obra são dedicados à religião. Porém no capítulo X, o Cisne de Cambrai, se dirige às meninas. Neste capítulo o acadêmico, não esquece a moda e a elegância. Foi publicado pela primeira vez em 1687, alcançou sucesso imediato, se tornado base para críticas aos costumes da realeza.

4.1. O Tratado de Educação para Meninas

Durante o renascimento, o humanista espanhol Juan-Louis Vives⁶⁰, afirma, na sua obra *Instrução da mulher cristã*, que o ensino é necessário às meninas, às esposas e às viúvas. Embora seja um ensinamento específico, no qual os trabalhos domésticos têm procedência sobre e a escrita e sem o estudo do latim que era, na época, a língua que abria as portas do conhecimento.

Erasmus de Roterdam afirmou que “as meninas devem ser instruídas, ao menos porque os homens e as mulheres são destinados a viverem juntos” (PERRET, 2015, s.p.)

Um autor observou com algum excesso a “insignificância” do tipo (literário) da menina durante o período clássico [porque ela] não tem lugar na família, nem na sociedade, nem nas letras ou no código de boas maneiras, ela não tem um lugar invejável mesmo no coração da mãe ou pai. [...] O que sabemos essencialmente diz respeito às classes altas da sociedade. A medíocre atenção dada à educação de meninas provem de sua finalidade, determinada pelo que será sua vida de mulher, sempre limitada ao casamento ou ao convento. (BERNOS, 2016, s.p.)

Entre 1529 e 1531, aconteceu, na França, um período de grande seca. Para ajudar a população faminta que chegava à cidade de Lion, foi criada em 1534, no convento dos franciscanos a Esmola Geral de Lion. Seguindo o mesmo sistema, adotado pelos

⁶⁰ Juan Luís Vives, (1493-1540) foi humanista, teólogo e pedagogo espanhol de origem judaica. Tendo vivido na região de Flandres, foi contemporâneo e amigo do holandês, Erasmo de Roterdan, do inglês, Tomás More, e do português Damião de Góis.

*cordelieus*⁶¹, começam a surgir institutos visando dar uma educação diferenciada a meninos e meninas. Essa Instituição encerrou suas atividades no final do século XVI. (PERRET, 2015, s.p.)

A reforma protestante, difundiu um princípio de acesso às mulheres aos estudos, afirmando o sacerdócio universal dos fiéis, preparando-os para leitura da Bíblia. O sistema medieval onde as escolas dependiam de paróquias e conventos é abandonado, a responsabilidade do ensino passa às autoridades políticas, príncipes e magistrados. Esse direito de saber, para todos, inclui as meninas. Desde 1530, uma escola para meninas foi criada em Wittenberg. [...] As crianças, meninos e meninas, se beneficiam de uma educação básica pública e principalmente gratuita. (Ibidem, s.p.)

Na França, o ensino da leitura e da escrita é concomitante à disseminação da doutrina protestante. Esse aprendizado se organizará rapidamente vindo das camadas mais instruídas, clérigos, magistrados, estudantes, impressores, em direção a grupos sociais variados, artesãos, comerciantes, alfabetizados por necessidade do trabalho, chegando aos camponeses. Nas comunidades menores o próprio clérigo se encarrega do ensino.

Através do Concílio de Trento, a Contrarreforma católica colocou sua resposta no mesmo terreno dos reformados, isto é, na instrução dos fiéis. Seria preciso educar os adultos e sobretudo as crianças. A catequese é organizada, com o fim de criar uma sociedade totalmente conquistada pela doutrina católica: “uma onda de iniciativas se desenvolveu durante a virada dos séculos XVI para o XVII, focadas especialmente na educação feminina, pois as meninas pareciam o melhor alvo para atingir esse ideal” (Ibidem, s.p.). Por esse motivo surge na França, desde os primeiros anos do século XVII, uma onda de escolas gratuitas para meninas pobres e mesmo escolas pagas para meninas de famílias abastadas.

Mulheres de fortes personalidades, laicas ou religiosas, associadas a membros do clero, presidem as instalações dessas escolas nas cidades. Entre esses estabelecimentos podemos citar a Ordem da Visitação de Nossa Senhora, fundada em 1610, por são Francisco de Sales e santa Joana de Chantal. Em 1633, nasce as Filhas da Caridade, fundada por são Vicente de Paulo e santa Luísa de Marillac.

Durante o século XVII, as alunas das classes privilegiadas, geralmente, eram iniciadas apenas à leitura para que pudessem ter acesso ao catecismo e a educação religiosa, prioritária em todos os lugares e não necessariamente lições de escrita ou aritmética. Os

⁶¹ *Cordeliers* era a forma como os franciscanos eram chamados pelo fato de usarem na cintura a tradicional corda com os nós.

trabalhos manuais eram incentivados, normalmente o manuseio da agulha e dos bordados. Esse fato é no sentido de educar as meninas das classes pobres a ganhar a vida honestamente em uma loja ou oficina, longe dos perigos das ruas.

A questão da virgindade era um requisito que tinha o aval, tanto da sociedade civil como do clero. Com a manutenção deste conceito elas conservavam a capacidade de escolher entre ser boas esposas ou honradas religiosas. Escolha essa que não seria necessariamente uma vontade pessoal: “os moralistas concordam que a virgindade exige não apenas a integridade do corpo, mas também a pureza de coração e a santidade do espírito” (BERNOS, 2016, s.p.).

As meninas da aristocracia ou da alta burguesia recebiam nos conventos um ensino de melhor qualidade, escrita, leitura, noções de aritmética. Também de professores e governantas, noções de dança e música.

Desde o século XII, no auge do período gótico a mulher era definida como “criatura aristocrática e inacessível” (BUTAZZI, 1983. p.186). Deste ponto de vista, ficou claro, desde então, que deveria ser o homem a cortejá-la e não o contrário.

Essa divisão entre os gêneros tornou-se ainda maior no século XVIII quando, após a Revolução Francesa, os homens abdicaram do colorido e dos enfeites nas roupas, relegando toda fantasia à mulher.

As preocupações didáticas de Mme. de Maintenon e Fénelon, não contemplavam as reivindicações femininas posteriores.

Hoje, o que poderíamos dizer sobre a leitura de “Da educação das Meninas?” Essa obra é um discurso fundador sobre a educação das mulheres e contribui para a compreensão da historicidade dos processos discursivos sobre como a questão de gênero se relacionam e como contribuem para tecer e homogeneizar a memória de uma época. (BASTOS, 2012, s.p.)

É neste contexto que: “Fénelon insurge-se contra a educação dadas às raparigas, o seu fechamento em conventos, e apresenta um dos primeiros programas de estudo para mulheres” (LEÇA, 2001, s.p.). Pregando que a virtude humana pode ser ensinada e que os vícios, aqueles que mais prejudicam os homens e as famílias, são consequências da ignorância.

Tudo leva a crer, que o homem, motivado pela força física e pelo fato de não engravidar, foi se aproveitando através dos séculos para colocar a mulher no plano inferior e de subordinação.

Essa fragilidade intelectual das mulheres, disseminada em toda sociedade vai contra o pensamento de Fénelon. Para discordar dessa forma generalizada de pensar, esse prelado faz uma concessão retórica, admitindo, taticamente, essa fraqueza da inteligência feminina, porém concluindo habilmente, “quanto mais fracas elas são, mais importante é fortalecê-las”. (BERNOS,2016, s.p.)

Mesmo na época em que o prelado escreve seu *Tratado de Educação para Meninas*, a preocupação com o ensino feminino não era nova. Apesar de outros terem escrito sobre a educação no século XVII, entre eles um trabalho bastante importante do padre Claude Fleury, que apoiado em doze anos de ensino, e por ser sub-preceptor dos netos de Luís XIV, publicou em 1685 seu *Tratado de Educação*, onde a instrução de meninas: “tem no conhecimento religioso o primeiro lugar, após o qual as jovens devem aprender a “pensar imediatamente e raciocinar solidamente.” (PERRET,2015, s.p.)

Fénelon foi o primeiro a reunir, numa espécie de código, as fórmulas para educar as meninas, até o momento que suas faculdades, bem orientadas, permite libertá-las para a vida comum: “foi sobretudo o primeiro a fundamentar seu código de ensino, sobre o estudo psicológico da criança” (Gréard, 14/03/2020). O *Tratado de Educação para Meninas* foi escrito em 1687, quando Fénelon tinha 27 anos, destinado à educação das nove filhas dos duques de Beauvilliers.

Na primeira parte deste estudo, que hoje podemos chamar de pedagógico, ele se dirigia aos pais e professores. Depois leva seus ensinamentos às próprias crianças, estabelecendo seu método de ensino sobre princípios religiosos católicos.

Fénelon fala com as jovens, através de imagens sensíveis, de forma a ser entendido, para isso usa bonecas para incutir nas meninas as primeiras noções de ética e prática religiosa. A seus olhos a mulher, como já foi dito, exerce um papel civilizador na parte que lhe toca enquanto mulher e futura mãe, por esse motivo não devem ser mantidas na ignorância. Desaprova os excessos de um ingênuo pietismo ou uma imaginação excessivamente sonhadora, por esse motivo proíbe a leitura de romances. Fénelon não desaprova o conhecimento e o talento para que a mulher cumpra seus deveres impostos pela natureza e pela sociedade.

Embora exclua os conhecimentos abstratos (as línguas clássicas, a retórica e a filosofia mantêm-se um apanágio masculino), Fénelon tem o mérito de afirmar em alto e bom som a necessidade de um saber feminino: ler e escrever corretamente, aprender gramática, ortografia, as quatro operações aritméticas, um pouco de direito para administração dos negócios, história grega e romana (esta é a parte mais audaciosa) e até mesmo um pouco de

história da França. No que diz respeito à leitura, Fénelon propõe sobriedade, com medo de que se desenvolva um espírito visionário. A filosofia é perigosa. O latim apenas será permitido às jovens “com um julgamento firme e um espírito modesto”. A música é banida como fonte de divertimentos envenenados.

(LEÇA, 2001, s.p.)

A educação proposta pelo Cisne de Cambrai, é ajustada àquilo que no século XVII ainda se achava das mulheres. Fénelon afirma que o ensino das mulheres, é importante pois: “não são as mulheres quem arruinam ou sustentam uma casa, que regulam as miudezas dos caseiros objetos e quem, por conseguinte, decidem do que mais perto diz respeito a todo gênero humano?” (FÉNELON apud BASTOS 1983, p. 157). Pelas palavras do prelado, percebemos, a sua noção do lugar em que a mulher ocupa na formação da família e por conseguinte da sociedade como um todo:

Ela abre, portanto, sua mão àqueles que estão na indigência, ela os entende na sua pobreza. Ela não permite o frio nem a neve, seus domésticos têm vestimentas duplas. Ela teceu um casaco para ela de fino linho, e limpas são suas vestimentas. Seu esposo é ilustrado, isto é, em seus conselhos busca apoio com os homens mais respeitados. [...] A força da beleza são suas vestimentas, e ela rirá no seu último dia. Ela abre sua boca para a sabedoria, e uma lei doce é sob sua língua. Ela observa na sua casa os traços da paz, e ela não come jamais seu pão sem ocupações. Seus filhos são elevados, e ela se sente honrada; seu marido da mesma forma é elevado, e lhe louva: Várias filhas, disse ele, acumulam riquezas; voz a todas sobressaiu. As graças são enganadoras, a beleza é vã: a mulher que crê em Deus, é a que será louvada. Dê a ela do fruto de suas mãos, e que os porta, nos conselhos públicos, ela será louvada por suas próprias obras. (FÉNELON apud BASTOS, 1983, p. 149)

Nesta obra, Fénelon consagra seis capítulos à religião: “para ele a educação das mulheres deveria ser exclusivamente moral e particular, não coletiva, mas com finalidade pública e moral. A mulher deve ser educada para educar os filhos e governar o lar.” (Ibidem, p. 150.) Escreve que mães ignorantes e sobretudo, fúteis e serviçais mal preparados, poderiam tornar os filhos, indolentes, mentirosos e cheios de medo. Para ele, dentro deste antigo conceito bíblico, uma mulher de oração, que dedica seu coração a Deus, e com os ensinamentos necessários poderiam melhorar a sociedade como um todo. Esse argumento, vindo de Fénelon, foi usado por Madame de Maintenon, junto a Luís XIV, para convencê-lo a fundar o colégio de Saint-Cyr:

O que Vossa Majestade acaba de fazer pelos filhos de sua nobreza criando companhias de cadetes, onde são instruídos sem que isso custe um soldo ao país, deve fazê-lo também pelas filhas.

As meninas, disse-lhe, têm, de algum modo, uma necessidade ainda maior de serem ajudadas, devido aos perigos a que o infortúnio pode expô-las. Mostrei todo o bem que se poderia fazer com jovens bem-educadas que em seguida voltariam para suas famílias: - Há aqui com que renovar, em todo o

reino a perfeição do cristianismo, disse eu, em vinte anos vós vereis surgir em vossas províncias uma geração de franceses leais e esclarecidos que levarão a reputação da França acima das nuvens. (CHANDERNAGOR, 1981, p. 355)

4.2. O capítulo X: Vaidade da beleza e atavios

Como já estudado nos capítulos anteriores, foi o homem o primeiro a usar e usufruir: “de todas as coisas belas e agradáveis deste mundo. Foi ele que primeiramente usou joias, plumas, bijuterias e peles, muitas vezes como troféus das conquistas sobre a prole humana ou animal”. (KYBALOVÁ et al, 1976, p.07). Para as mulheres, os enfeites corporais foram: “aceitos apenas sob um plano de coqueteria ou mesmo de subordinação.” (KYBALOVÁ et al, 1976, p. 07)

Embora saibamos, que mesmo na Idade Média, encontramos mulheres cultas como, Cristine de Pisan: “mais conhecida das mulheres letradas laicas da época, autora de numerosas obras magnificamente iluminadas” (LEÇA, 2001, s.p.). Essa grande copista, conseguiu sustentar sua numerosa família, depois de viúva, com os rendimentos de seu trabalho. Durante os séculos XIII e XIV, na cidade de Bolonha, onde funcionava uma importante universidade chegam os nomes de numerosas mulheres: “provenientes de famílias de copistas, calígrafos ou iluministas, que estudavam tanto como qualquer homem da família” (Ibidem, s.p.).

Apesar destes fatos, a desconfiança no saber oriundo das mulheres, remontam à Idade Média, desde essa época elas foram comparadas às flores e outras delicadezas. Este fato sintetiza até que ponto seria suficiente o saber feminino, já que eram destinadas ao casamento ou ao claustro. Podemos entender esse cerceamento, pelo que Erasmo⁶² escreveu sobre as mulheres: Da mesma forma que um cisne é sempre um cisne, uma mulher, seja qual for o papel que ela desempenhe, é sempre uma mulher, ou seja, tola e louca” (BEIRNO, 1940, s.p)

Porém, já existia a preocupação com um ensino de maior abrangência para as mulheres. Louise Labé, uma conhecida *cordière* da cidade de Lion no século XVI, assim escreve a uma amiga: “as severas leis dos homens não impedem mais as mulheres de se aplicarem às ciências e às disciplinas” (Ibidem, s.p.). Apesar desses poucos exemplos em direção a um aprendizado igualitário para ambos os sexos, esse fato estava, ainda, longe de

⁶² Erasmo de Roterdã (1466- 1536) foi humanista, filósofo e teólogo neerlandês.

acontecer: “Malebranche⁶³, o grande orador do século XVII, junto a certos moralistas do século XVII, influenciados pelo jansenismo, não reconhece a igualdade dos sexos perante à educação. Cabe às mulheres, escreve ele, decidir as modas, julgar o linguajar, discernir o bom ar”. (Ibidem, s.p.)

A instrução feminina, nos raros casos em que acontecia, estava reservada às mulheres pertencentes ao clero, ou às classes sociais mais elevadas. Mesmo neste último caso, a instrução era vista mais como um atrativo: uma mulher bonita, elegante, discreta e que soubesse um pouco de arte, literatura e também um pouco de música decorava bem um salão aristocrático. Ou seja, a educação das mulheres era um passatempo para senhoras ricas e sem nada para fazer. (LEÇA, 2001, s.p.)

É dentro desse aspecto que eram consideradas as mulheres, que Fénelon se insurge com o aprendizado dado às raparigas, principalmente o encerramento em conventos.

Não sendo contrário à feminilidade e à elegância, o prelado, em seu tratado, também se debruça sobre o tema da moda e do bom gosto. Porém, deixa claro que educar de maneira frívola, apenas por se tratar de meninas é um grande erro:

A ignorância de uma menina é a causa de seu tédio e de não saber o que ocupar inocentemente. Quando chega a certa idade sem se dedicar às coisas sólidas, não pode ter gosto nem estima, por aquilo que as incomoda. Tudo o que é sério, lhe parece triste. [...] A inclinação ao prazer, que é forte na juventude, o exemplo de pessoas da mesma idade mergulhadas na diversão, tudo serve para fazê-la temer uma vida regulada e laboriosa. [...] a piedade parece-lhe uma ocupação lânguida e uma regra hostil a todos os prazeres. Com o que ela vai se ocupar? A nada útil. (FÉNELON, s.d., s.p.)

No capítulo décimo de seu Tratado, cujo título, “Vaidade da beleza e atavios”, já fornece sobre quais aspectos do agir das meninas Fénelon vai discorrer. Neste capítulo, ele dá lições sobre o bom gosto, sobre os costumes e sobre a moda. Ele ensina que o luxo arruína as famílias, e que determinados enfeites aceitos pela vaidade feminina, as fazem perder seus dons naturais. A esse respeito assim escreve:

Cada um escolhe de acordo com seu dinheiro, ou melhor, sem dinheiro, de acordo com sua ambição e vaidade. Esse esplendor arruína as famílias, e a ruína das famílias leva à corrupção da moral. Por um lado, o esplendor excita em pessoas de baixo nascimento. [...] Por outro lado, as pessoas de qualidade sem recursos, fazem covardia e baixeza horrível para sustentar seus gastos; assim, honra, fé, probidade e boa natureza são imperceptivelmente extintas,

⁶³ Nicolas Malebranche (1638 – 1715) foi padre francês, filósofo racionalista, pertencente à corrente cartesiana.

[...] todos esses males vêm da autoridade que as mulheres vaidosas têm para decidir sobre modas. (FÉNELON, Cap. X, s.d., s.p.)

Deixando claro seu conhecimento sobre a frivolidade que cercava e, cerca ainda o mundo da moda percebemos que o prelado, ensina que o estilo é mais importante que as variações exageradas da moda, assim escreve Fénelon:

Nada é tão temível do que a vaidade nas meninas. Nascem com um desejo violento de agradar. Os caminhos que levam o homem à autoridade e à glória, sendo fechado para elas, tentam compensar-se com as comodidades da mente e do corpo, daí vem sua conversa gentil e insinuante; daí vem que elas aspiram tanto à beleza e a todas as graças externas e são apaixonadas por enfeites; um penteado, um pedaço de fita, um laço de cabelo mais alto ou mais baixo, a escolha de uma cor. Tudo isso são para elas negócios muito importantes. [...] Mas a moda sempre se destrói; em todo tempo busca o perfeito e nunca o encontra; pelo menos ela nunca quer parar por aí. Seria razoável, se mudasse apenas para não mudar mais, depois de encontrar a perfeição pela conveniência e pela boa graça; mas mudar por mudar para mudar constantemente, não é antes procurar inconstância e perturbação do que a verdadeira polidez e bom gosto? (Ibidem, s.d,s.p.)

O Arcebispo de Cambrai mostra nesse estudo um grande conhecimento da psiquê feminina. Como já dito, através dos séculos, o domínio masculino em todas as áreas, deixou para a mulher, salvo uma ou outra rainha ou artista, apenas o campo da sedução e neste quesito ela tornou-se grande conhecedora. Fénelon, tenta retirar esse cerceamento em que foram colocadas, deixando claro que a vaidade e o luxo excessivos arruinam as famílias. Segundo ele, a capacidade real e prática é mais valiosa do que aquela que é mostrada pelo penteado ou riqueza das roupas. A beleza, incluindo a busca incessante por esse quesito, engana mais a menina que a possui do que aqueles que se deslumbram por ela. O prelado afirma que a beleza só pode ser prejudicial, mas ajuda a fazer um casamento vantajoso, porém como a beleza acaba rápido, os casamentos serão felizes se forem sustentados por mérito e virtude.

As pessoas que obtêm toda a glória, através de sua beleza, logo se tornam ridículas: chegam, sem perceber, a uma idade em que a beleza murcha; e ainda são encantadas por si mesmas, embora o mundo esteja longe de pensar do mesmo modo. Por fim é tão irracional concentrar-se apenas na beleza, como querer colocar todo mérito na força do corpo como fazem os povos “bárbaros e selvagens.”⁶⁴ [...] Graças verdadeiras não dependem de adornos

⁶⁴ Adjetivos foram mantidos na forma como está escrito no *Tratado de Educação para Meninas*.

vaidosos e afetados. É verdade que podemos procurar limpeza, proporção e decoro nas roupas necessárias para cobrir o corpo, mas afinal, esses tecidos que nos cobrem podem ser confortáveis e agradáveis e nunca podem ser ornamentos que dão verdadeira beleza. (Ibidem, s.d., s.p.)

Fénelon cita a simplicidade dos vestuários das estátuas gregas e romanas. Segundo ele, os cabelos displicentemente atados à nuca e os vestidos pregueando ao longo das do corpo, são agradáveis e majestosos ao olhar. Deixando claro que seria bom se as jovens francesas do século XVII, ouvissem pintores e outras pessoas que tivessem esse gosto requintado pela antiguidade.⁶⁵ Essa observação não é feita no sentido de que as jovens se vestissem copiando a estatuária grega e romana, mas que entendessem que a verdadeira elegância estava na simplicidade.

Faça-as entender, logo cedo, que a vaidade e a frivolidade de espírito é que fazem a inconstância da moda. É uma coisa bem mal-entendida, por exemplo, inchar a cabeça com não sei quantas toucas empilhadas; as verdadeiras graças seguem a natureza, jamais a torturando. (Ibidem, s.d., s.p.,)

O Cisne de Cambrai mostra as regras da modéstia cristã afirmando que uma jovem não deve arriscar a sua alma, por possuir uma vaidade louca. “então, odeie a nudez da garganta”. Fénelon fala em mostrar partes do corpo, braços e colo, de acordo com o que na época era considerado vulgar. Para ele mesmo que essa falha seja cometida sem nenhuma má paixão, não deixa de ser uma vaidade, pois é um desejo frenético de agradar.

A questão de pontos erógenos do corpo humano, mudam de acordo com os costumes de cada época, Fénelon, toca em um ponto nevrálgico em pleno século XVII. Ao estudar a elegância, mesmo para os dias atuais, este adjetivo não é alcançado quando a roupa tem o sentido único de levar os olhares apenas à fruição sexual.

A verdadeira indumentária, que pode ser classificada de “bom gosto”, transcende a mera exibição carnal. Vai em direção a esse algo inefável, que faz homens e mulheres alcançarem, dentro da simplicidade absoluta, o tão perseguido charme. Quando adjetivo, charmoso ou charmosa, esse conceito quase indefinível, é inerente à educação, à fraternidade e à comunhão. Essa comunhão significa respeito em relação aos demais, principalmente com as diferenças. Fénelon deixa claro no décimo capítulo de seu *Tratado de Educação para Meninas* que a elegância é transcendente e imaterial e independe de poderio financeiro.

⁶⁵ Apesar do domínio do estilo Barroco, o absolutismo de Luís XIV trouxe de volta um período de classicismo nas artes em geral. Talvez esse motivo tenha levado Fénelon à essa observação. Lembrando também que no século XVII, o exagero de detalhes nas indumentárias masculinas e femininas, era sinal de poder aristocrático.

4.3. Os protestantes e a moda

A reforma luterana, auxiliada pela facilidade de difusão de novas ideias trazidas pela imprensa, estendeu-se rapidamente por toda Europa central e à uma grande parte do lado ocidental do continente europeu: “a revolução social e religiosa que traz mudanças fundamentais na vida cultural e social deveria forçosamente afetar o vestuário”. (KYBALOVÀ et al, 1976, p. 153)

Cem anos antes de Lutero, sob a orientação do padre Jan Huss⁶⁶, a reforma protestante varre a Boêmia, antes que outros lugares da Europa, e coloca fora de uso a roupa de estilo gótico: o movimento hussita, condena os enfeites, as cores alegres e toda forma de fantasia, influencia profundamente o comportamento popular com relação à moda.

Huss, denuncia em seus escritos, as mulheres que usam vestidos com decotes tão largos e profundos, deixando visíveis quase a metade de seus bustos e todos podem ver suas peles brilhantes, não importa onde, nas Igrejas, frente aos padres e ao clero, bem como no mercado e mais ainda em casa. A parte de peito coberta é tão destacada e artificialmente aumentada que se assemelham a dois chifres. [...] Finalmente, graças ao formato do corpete e a uma quantidade adicional de roupas, os chifres de seus seios ficam em pé. (Ibidem, p.153)

No tempo de Huss, a silhueta da moda não apresentava diferenças muito grandes, porém as roupas tanto femininas como masculinas, perderam a leveza e a elegância da época precedente: “as custosas e delicadas fazendas, foram substituídas por tecidos baratos, em consequência da situação econômica da Boêmia empobrecida” (Ibidem, p.153).

O movimento da reforma protestante, na primeira metade do século XV, coincide com a época da alta Renascença, portanto quase todos os países da Europa haviam já adotados a moda da Renascença italiana.

Uma contribuição importante para a moda, durante a primeira metade do século XVI, foi dada pelos reformados: “os jogadores de cartas suíços da Alemanha do Sul, na primeira metade do século XVI, foram, provavelmente, os iniciadores de uma curiosa novidade. Suas roupas deviam ser tão justas e desconfortáveis que eles as cortavam onde quer que os incomodassem” (Ibidem, p.153).

⁶⁶ Jan Huss (1369 – 1415) nasceu na Boêmia, onde hoje se encontra a República Tcheca. Foi padre e teólogo, reformador religioso. Foi um crítico da Igreja católica e diante do Concílio de Constança, recusou-se a renegar sua doutrina. Foi considerado herege e queimado vivo em 1415.

Esses talhos mostravam a *chemise*⁶⁷ branca que todos usavam por baixo, mas a moda foi tão assimilada que os alfaiates da época passaram a simular nestas fendas, tecidos que se pareciam com os usados na confecção de *chemises*.

Durante o século XVI, segundo a noção da época, a moda tinha um cunho bastante sensual, as mulheres usavam decotes profundos. Os homens usavam roupas justas e à medida que a erotização da moda continuou e se intensificou (como aquelas conchas para os homens, moscas acolchoadas de grandes dimensões que dão a ilusão de atributos masculinos mais do que generosos. Nos cantões de língua francesa, a reforma protestante muda este modismo:

Proclamada em Genebra em 1536, a Reforma marcou o fim da opulência da indumentária das classes abastadas. Os sermões e ordenanças de Calvino, Zuínglio e Bullinger exigem que os homens, mas ainda mais, mulheres, mostrem “simplicidade, decoro e modéstia”, renunciando a roupas que “chamam a atenção”, mas também despesas “ruins”. Adeus aos decotes profundos, encobrimentos ambiciosos e tecidos caríssimos, Genebra se mantém discreta, chegando a proibir a fabricação de joias, o supremo e ostentoso sinal de riqueza. Os artesãos, portanto, converteram-se à relojoaria, que experimentaria tanto sucesso que a população de Genebra triplicou no final da década de 1680. (SEM AUTORIA CONHECIDA)⁶⁸

Ainda que o vestuário, usado na corte e pelos cidadãos proeminentes, não apresentasse grandes homogeneidades, suas roupas se apoiavam na moda renascentista italiana: “o povo em geral, usava roupas de corte simples, sem preocupações estéticas, não somente por razões econômicas, mas sobretudo porque a população havia assumido as ideias da reforma protestante” (KYBALOVÀ et al, 1976, p.154).

Os puritanos reinaram na Inglaterra durante a primeira metade do século XVII. As rendas, os laços e outros detalhes frívolos foram banidos do vestuário. Tanto para os homens como, também as mulheres. Contrariamente à nobreza que usava cabelos longos e artificialmente cacheados, os reformados cortavam o cabelo muito curto, o que lhes valeu a alcunha de “têtes rondes”⁶⁹. Tanto homens como mulheres, usavam roupas simples em cores escuras.
(Ibidem, p. 177)

Os puritanos ingleses, os mais engajados, não se permitiam nenhum enfeite sobre suas vestimentas. Porém suas roupas de baixo levavam bordadas citações bíblicas. Estas

⁶⁷ *Chemise*, ancestral da camisa atual, usada desde a antiguidade. Sua importância cresce na Idade Média. Era usada como roupa íntima, em algodão ou linho sempre brancos. Protegia o corpo dos tecidos ásperos usados na época. Sofreu muitas mutações durante os séculos.

⁶⁸ Histoire de la mode suisse: des lois vestimentaires du 12e siècle à la révolution. Disponível em: <https://www.suisse-romande.com/histoire-mode-suisse.html> Acesso em: 27/09/2021.

⁶⁹ *Têtes rondes*: Cabeças redondas.

vestimentas, eram sempre, versões mais simples e sérias das toaletes da corte e feitas de tecidos sólidos, usados com muita moderação.

Os vestidos eram usados sobre vários saíotes sendo sempre, como já foi dito, uma versão simplificada das indumentárias dos nobres. A maioria das mulheres detestava os cachos femininos e prendia seus cabelos em um coque fortemente apertado na nuca.

Foi durante essa época, que surgiu o paletó, seu corte era simples, mas necessitava de uma quantidade significativa de tecido: “Esses paletós eram de comprimento médio e tinham as golas quadradas, rebatidas para baixo nas costas” (SELBIE, 1978, p.63).

Assim que termina a Commonwealth⁷⁰ em 1659 a monarquia foi restaurada, os ingleses ricos, se encantaram de colocar um final à sobriedade da época puritana, acontece assim uma explosão de cores e ornamentos nos vestuários. O rei Charles II, que passara grande parte de seu exílio no esplendor da corte de Versailles, trouxe de volta à monarquia e à alta burguesia inglesa uma explosão de luxo e cores. “Apenas os puritanos que em 1660, embarcaram para a América a bordo do Mayflower, escaparam a esses excessos” (Ibidem, p.63).

Os puritanos levam seu estilo de vestuário para a América do Norte. Em 1776, Benjamin Franklin, representante dos Estados Unidos, recentemente constituído, leva esta moda para Paris. O costume à “Franklin”, veio a ser na Europa, o símbolo da liberdade republicana. (KYBALOVÀ et al, 1976, p. 177)

A partir de 1540, a moda vinda da triunfante e riquíssima corte espanhola, passa a liderar em todas as casas reais europeias. Tudo levando a crer que nesta época, onde as mudanças da moda não chegavam ao povo, o estilo do vestuário permaneceu fiel ao gosto espanhol de conotação católica, ou seja: uma elegância ao mesmo tempo austera e faustosa.

4.4. O gesto, a voz e a elegância

A moda e a elegância são reflexos da evolução da sociedade e seus costumes. Até a metade de século XX, a distinção de classes era um fator preponderante. Essa distinção era demonstrada aos demais não só pelo bom gosto do vestuário e pelas atitudes pessoais, mas também pela gestualidade. Portanto, a questão da gesticulação se torna um fator a ser notado.

⁷⁰ No ano de 1649 a chegada de Oliver Cromwell (1599-1658), na Inglaterra ao poder representou a possibilidade de instalação de um governo popular na Inglaterra. Porém a república de Cromwell teve, na prática, a feição de uma ditadura personalista. Com sua morte em 1658, o governo caiu nas mãos de seu filho, Richard Cromwell que, sem apoio político foi deposto em 1659.

Como já dito, um dos objetivos deste texto diz respeito à sua contribuição para formação de um jeito de ser elegante da mulher brasileira. Dessa forma, por motivos históricos essa pesquisa fica claramente restrita, aos grupos de elites, seja nobreza ou alta burguesia dentro de seu espaço e de seu tempo.

Fúlgidos e individuais, aparentemente, os gestos dos seres humanos não parecem capazes de dar lugar a um estudo histórico sério e sistemático. Porém de forma alguma caem apenas no domínio anedótico, porque estão sempre inscritos dentro dos costumes e na profundidade social de cada época. Traduzem com precisão, comportamentos coletivos, culturais, estados de civilização e vão muito além da personalidade única de quem as implementa.

Visto sob este ângulo os gestos são o pretexto para um estudo de antropologia cultural, desde que atenta à maneira onde os corpos humanos socializados ocupam o espaço, em determinado momento em uma época precisa. (MUCHEMBLED, 1987, s.p.)

Segundo o professor Câmara Cascudo, desde os primórdios do conhecimento humano, mesmo antes que a humanidade chegasse à capacidade de abstrair, o que, fatalmente, o levaria à escrita “o gesto, antes das interjeições e onomatopeias, supriria essa deficiência oral.” (CASCUDO, 1987, p.10)

O estudo do gesto, o gesto popular e geral e o gesto dos profissionais, característicos como uma “permanente” etnografia, os típicos ligados à uma ação e os indefinidos, tendentes à abstração negaceante, consistiriam uma sistemática tão preciosa quanto, no campo filológico é a semântica. [...] O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. As áreas do entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal. A mímica não é complementar, mas uma provocação ao exercício da oralidade. Sem gesto a palavra é precária e pobre para o entendimento tem ético. (Ibidem, p.01)

Portanto o gestual, e mesmo a modulação da voz, sempre foram fatores importantes no que diz respeito à elegância. Desde a Idade Média estes quesitos já faziam parte das atitudes das “pessoas de qualidade”. Durante esse período, teve momentos em que era elegante as mulheres nobres evidenciarem a região do estômago e por esse motivo os vestidos eram bem mais longos do que a própria estatura, para que elas pudessem segurá-los, com as duas mãos elegantemente logo abaixo do busto, evidenciando assim o estômago.

Também na Idade Média, surgiram os poemas chamados, *Chanson des Geste*. Estas canções de gesta, as mais antigas remontam à segunda metade do século XI, contam façanhas de guerras e histórias de santos acontecidas em épocas remotas. Acrescentadas de ficções para engrandecê-las, essas antigas cantilenas, precediam e inspiravam gestos e cantos

gestuais. Muitas vezes anônimas, seu autor poderia ser o próprio trovador, que ao cantá-la seria acompanhado musicalmente, diante de um grande público ou nos castelos, para os nobres.

“A modificação dos códigos culturais, só pode ter efeitos sobre os gestos de sociabilidade. [...] é preciso, também, dispor de meios para valorizá-lo” (MUCHEMBLED, 1987, s.p). Dessa forma, poderemos entender como a rigorosa etiqueta imposta por Luís XIV motivou uma forte aplicação dos gestos considerados elegantes até os dias atuais.

A grande bailarina e ilustre acadêmica, Tamara Rojo, embora sabendo que o ballet tenha surgido no século XV, nas cortes da renascença italiana, declarou que, segundo seus estudos acadêmicos, a profundidade dos gestos do ballet surgiram motivados pela rigorosa etiqueta imposta na corte de Luís XIV.

É necessário assinalar que os primeiros a se aproveitarem das posições que se tornaram normais ao ballet foram os homens. É comum perceber nas pinturas dos séculos XVII e XVIII, a nobreza europeia, inclusive o próprio Luís XIV, retratados com as pernas elegantemente posicionadas em posição de dança.

Para as mulheres, o uso das posições e gestos elegantes, vindo do ballet e da corte francesa, foram bem mais tardios. Fato esse motivado pela moda dos vestidos e saias curtas terem sido adotados apenas após o final da primeira Grande Guerra, durante os anos de 1920.

A revolução da moda pressupõe o fato da emancipação da mulher. Durante a primeira grande guerra a mulher deu um grande passo; realizou por necessidade as tarefas próprias do homem...e aprendeu muita coisa! Terminada a catástrofe ela reivindicou o direito do voto e o obteve em muitos países. Decidiu, então, transformar-se em rapaz. Embora não haja abolido a saia, pelo menos encurtou-a até os joelhos. Cortou os cabelos “*a la homme*”, raspou a nuca com navalha e começou a usar chapéu tipo barrete. (Castro, 1956, pp. 96-97, artigo sem autoria)

O estilo *garsonne* revolucionou a moda mundial: “Marinetti⁷¹, o criador do ‘futurismo’ este em lugar de bater-se pelo corte do cabelo, pôs-se a cantar a beleza da longa cabeleira feminina, tornando-se, assim, um propagandista dos cabeleireiros de subúrbio”. (CASTRO, 1956, p.98-99). Entretanto, foram as mulheres que mais aproveitaram-se da gestualidade originária do ballet clássico para compor o seu modo de andar, sentar-se, usar os braços e os ombros para conseguir uma postura elegantemente feminina. Esta gestualidade

⁷¹ Filippo Tommaso Marinetti. Escritor, poeta e dramaturgo, nascido no Egito em 1886, falecido na Itália em 1944. Criador em 1909, do “Movimento Futurista”, influenciando as artes em geral, sobretudo a pintura.

nascida da dança clássica, influenciou fortemente a fotografia de moda e o andar das manequins nas passarelas até meados da década de 1970.

Pode ser comprovada essa demanda por gestos refinados e elegantes pela carta já citada em que Madame de Stael escreve a uma amiga, ainda no século XVII. Nesses escritos, a intelectual francesa fala sobre o uso do leque, declarando que através de seu manejo, seria possível perceber se uma mulher era nobre, educada ou não.

A questão da entonação da voz, também era um fator a se notar. Podemos perceber essa questão pelos escritos da própria Madame de Maintenon. A marquesa fundou, com seu próprio dinheiro, algumas escolas para crianças do povo. Segundo suas memórias, educar filhos de camponeses exigia um maior esforço, pois muitos vinham apenas pela sopa que era servida.

Quem é Deus – perguntava a Lisette, após uma longa hora de eloquência e explicações.

Oui, respondia ela somente (ela dizia “*oui*” com a vozinha flautada, julgando, sem dúvida, que essa maneira de falar seria mais apropriada e deveria encantar as damas da Corte). (CHANDERNAGOR, 1981, p.360)

Por essa descrição, feita pela primeira educadora laica da França, percebemos que o modo de falar também fazia parte da distinção e elegância na corte de Luís XIV.

CAPÍTULO V

O TRANSPLANTE FRANCÊS

Como já mostramos nesta tese sobre a elegância e etiqueta francesa, que encontrou seu auge durante o reinado do Rei Sol, os dois personagens estudados, a marquesa de Maintenon e o Arcebispo Fénelon, de alguma forma deram a sustentação didática e religiosa para a internacionalização dos hábitos sociais franceses. A propagação desta “dádiva” foi feita de tal sorte que nem mesmo a Revolução Francesa conseguiu dar fim a essa característica. Portanto, o estudo deste charme francês, tão politicamente prezado pelo Rei Sol, tem sua relevância ao estudarmos a elegância brasileira, pois uma grande fatia do requinte verde-amarelo, nasceu da etiqueta e modos de sociabilidade franceses.

No Brasil, como pudemos ver pelas palavras de Debret, declarando que a etiqueta francesa estava em todos os lugares, nas residências, teatros, reuniões e principalmente na moda. Declarou também que algumas regiões da própria França, estavam bem mais atrasadas, com relação aos modos e modas parisienses que o Brasil. Estes dizeres provam a inflação, desse apuro social introjetado na oligarquia nacional, durante o século XIX, chegando mesmo até a primeira metade do século XX. Um dos fatores desse afrancesamento, tão facilmente aceito no Brasil, apesar de que a etiqueta francesa dominava outros países, principalmente através da moda, foi a religião católica, pois ambos os países, cada um a seu modo e por seus próprios motivos, lutaram para sua manutenção.

Em 1808, após a transferência da corte portuguesa ao Brasil, foram tomadas por Dom João VI várias medidas importantes para o país: a Imprensa Régia, a abertura dos portos às nações amigas, a criação de Banco do Brasil, entre outras. Porém a chegada em 1816 da Missão Artística Francesa fez com que tivesse início, efetivamente a influência francesa nas artes. Os estilos barroco e rococó foram abandonados entrando em moda, principalmente na arquitetura, o neoclássico em voga na Europa de então.

Tudo leva a crer que esta influência do requinte francês, na corte brasileira, aumentou com a chegada da segunda esposa de Dom Pedro I. Após a morte da Imperatriz Leopoldina, o soberano casou-se novamente com a princesa Amélia Augusta Eugênia Napoleona de Beauharnais, com 17 anos de idade e neta da imperatriz Josefina Bonaparte. Dona Amélia desembarcou no Rio de Janeiro no dia 16 de outubro de 1829, quase três anos após a morte de Leopoldina. Vinha acompanhada de seu irmão, Príncipe Augusto.

Ao desembarcar, usava um vestido rosa adornado de rendas. Dom Pedro ficou tão encantado que desmaiou no convés do navio. Em seguida, criou em sua homenagem uma das condecorações mais bonitas e desejadas do Império brasileiro: a “Ordem da Rosa” cujo lema seria sugestivamente, “Amor e Fidelidade”. (GOMES, 2010, p.276)

Apesar de jovem, a nova imperatriz mudou totalmente a etiqueta do paço imperial. Mandou pôr em execução protocolos severíssimos. Trouxe da Baviera seus mestres de cerimônia, seus cabeleireiros, suas damas e seu confessor. Como não falava português, exigiu que no paço imperial fosse usada a língua francesa. Dona Amélia, diferente de Leopoldina, não pertencia à antiga nobreza, mas sabia o valor da etiqueta para manter o prestígio e a grandeza do Império: “com efeito, por trás do ritual residiria uma concepção profunda de etiqueta, garantia de certa estabilidade de posições, marca visível de relações que se constituem de forma invisível” (SCHWARCZ, 1999, p. 27). A imperatriz não fez mais do que apoiar-se nas conclusões que Luís XIV havia chegado dois séculos antes. Dizia o rei Sol, que os povos sobre os quais reinava, julgavam pelo que viam de fora, portanto, a grandeza era necessária, pois assim, impressionados pelo o que viam, renderiam respeito e obediência.

Espalhou-se a notícia de que a senhora que quisesse saudar a Imperatriz havia de escrever a uma tal baronesa, que veio de Munique em companhia de Dona Amélia, pedindo-lhe dia e hora para ter essa honra. Só depois de dois ou três dias é que tinha então a resposta desejada de poder cumprimentar a difícil Imperatriz do Brasil. (SETÚBAL, 1983, p.61)

Dona Amélia reinou pouco tempo no Brasil, de 1829 a 1834, mas como pudemos perceber, fortaleceu a etiqueta no Paço Imperial. Conseguiu também, mudar o caráter boêmio de Dom Pedro I, afastando do Imperador amizades nefastas e de sua principal amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos.

Voltando a Portugal, por motivos políticos, no dia 07 de abril de 1831, Dom Pedro, abdica do trono brasileiro em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, que aos 05 anos de idade, torna-se príncipe regente. Declarado maior de idade aos 15 anos, Dom Pedro II sobe ao trono brasileiro no dia 18 de julho de 1841. A coroação do segundo imperador de Brasil, foi executada com muita pompa. Essa celebração grandiosa, tinha motivos políticos. O principal era manter unido o vasto império brasileiro além de fazer dos costumes da corte um exemplo a ser seguido por toda a nação.

A coroação de Dom Pedro II, foi pensada nos mínimos detalhes, na busca de efeitos simbólicos que unificasse o povo brasileiro. Era necessário aproveitar o fato do futuro jovem monarca, ser nascido em terras americanas, portanto, genuinamente brasileiro. Na moeda

comemorativa do evento o imperador era coroado por um indígena. O manto que o monarca usaria, foi produzido em veludo verde, com barra bordada, salpicado de estrelas de ouro com o forro em cetim amarelo “e teria sido executado em trinta dias, por senhoras da elite.” (SCHWARCZ, 2010, p.79). Conta-se que sendo raros os cabeleireiros franceses, não conseguiam dar conta de tanta procura. As senhoras que tinham se penteado nas vésperas do grande baile, dormiram sentadas e recostadas em travesseiros para que os belos penteados não se desfizessem.

No dia 24 de julho, nove dias após o início das comemorações, aconteceu um grande baile no Paço da cidade, que terminaria às duas horas da madrugada, finalizando as festividades da coroação.

Os primeiros 1200 convidados chegaram às 17 horas: O Imperador apareceu às oito da noite, acompanhado por suas irmãs e dignitários do Paço. A ceia foi servida à meia noite e em cada pavilhão da varanda foi colocada uma mesa com oitenta talheres, onde os convidados se sucediam. (Ibidem, p.83)

Um dos convidados, pertencente à nobreza europeia, ficou tão impressionado com a beleza e a grandiosidade da coroação que escreveu ao príncipe de Mettenich⁷².

Devo dizer, a bem da verdade, que a corte ostentou nessa ocasião um luxo em *équipages*, em librés e em mobiliário de tosa espécie, realmente espantoso neste país, onde os recursos são limitados, onde outrora tudo faltava, e onde a tão pouco e, por assim dizer, nenhum precedente; porque tudo que se tinha feito ao tempo de Dom Pedro I, não se aproximava nem de longe do que vimos atualmente, nem da riqueza, nem em bom gosto, nem em dignidade. (Ibidem, p.83)

5.1. A elegância brasileira no século XIX. *Noblesse Oblige*

A vida da família real misturava-se à vida da elite burguesa brasileira. Pelas informações que temos dos viajantes estrangeiros, podemos obter alguns parâmetros sobre a vida social da corte e alta burguesia após a chegada da família imperial. A pintora inglesa Maria Graham⁷³, em sua segunda viagem ao Brasil, em 1823, deixa algum registro sobre o cotidiano da sociedade:

⁷² Príncipe Klemens Wensel von Metternich. (1773-1859) Aristocrata, diplomata e estadista austríaco. Foi muito influente na política europeia.

⁷³ Maria Dundas Graham Callcott. (1785-1842) nasceu no Reino Unido e foi uma pintora, desenhista e historiadora. Esteve três vezes no Brasil. Uma delas como acompanhante de Dom Pedro I e Dona Leopoldina.

Os salões de Braz Carneiro, (grande comerciante e futuro barão de São Salvador de Campos) eram decorados ao gosto francês, revestidos de papeis de parede e molduras douradas, além de móveis de origem inglesa e francesa. A neta do anfitrião, como boa filha da elite, falava bem francês e fazia progresso em inglês. [...] Debret, por seu turno, confirmava o despreparo intelectual das mulheres da elite. [...] Até 1815 a educação se restringia a recitar preces de cor e calcular de memória, sem saber escrever nem fazer as operações. A “ignorância”, segundo ele, era incentivada por pais e maridos receosos da temida correspondência amorosa. (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2010, p.155)

Percebe-se nestes textos como foi sendo conduzida a vida das mulheres da elite durante o século XIX. Podemos notar, claramente a influência do requinte francês, que perduraria por todo século XIX, estendendo-se até a metade do século XX.

Por motivo do trabalho de pessoas escravizadas, as jovens eram “preparadas para a sala”, ou seja, o piano e a língua francesa. De suas mães adquiriam o aprendizado de como dirigir a casa, o lar. Dessa forma foi surgindo esse charme brasileiro longe das lidas domésticas e dos estudos profissionais. Às mulheres eram reservadas a instrução religiosa católica e a educação de salão, ou seja, um aprendizado para deixar claro o círculo social a que pertenciam e dentro do qual se casariam.

Durante o império de Dom Pedro II, o Rio de Janeiro foi transformado num modelo afrancesado daquilo que era considerado modernidade social. A corte mostrava esse novo Brasil não mais baseado apenas nas tradições coloniais portuguesas. Esse espírito renovador foi fortalecendo-se no decorrer do século XIX e entrou na moda, na sociedade do Rio de Janeiro, os bailes, o teatro e as reuniões caseiras, os famosos saraus. Após a guerra do Paraguai, o país atravessou um período de grande estabilidade política “As boas maneiras, tradição do século XVIII, não excluía a simplicidade discreta e cheia de medida, que reinava entre toda essa gente da mesma roda e de uma mesma cultura social” (LYRA, 1939, p.47)

A sociedade elegante, que frequentava os teatros, os salões de bailes e as festas religiosas. [...] era uma sociedade superiormente distinta e delicada, com hábitos de requinte e sociabilidade. A galanteria (boa educação) era por tal forma o distintivo da época, que o historiador tem que narrar a cada passo os saraus, as récitas, os bailes, se quiser pôr os acontecimentos nos seus próprios cenários. (CARVALHO apud LYRA, 1939, p. 43-44)

Com a liberdade de imprensa, surgiram jornais e romances regionalistas, agora impressos no país. Embora muitos defendessem a simbiose das três “raças”, a indígena, a europeia e a africana, durante o século XIX, foi mesmo a mentalidade cultural e social francesa que dominou o imaginário das mulheres pertencentes à oligarquia. Podemos

comprovar esse fato pelo colóquio entre duas jovens pertencentes à alta sociedade, na obra *O tronco do Ipê*, do escritor regionalista Jose de Alencar, publicado em 1881, cujo enredo passa-se em 1850.

As duas amiguinhas podiam servir de exemplos de duas educações que se observam em nossa sociedade, bem distintas uma da outra, embora pelo contato da população, exerçam mútua e irresistível influência.

Alice era a menina brasileira, a moça criada no seio da família, desde muito cedo habituada à lida doméstica e preparada para ser uma perfeita dona de casa. A baronesa não se preocupava com a educação da filha, mas tal é a força do costume, que a moça achou nas tradições e hábitos da casa, o molde onde se formou sua atividade

A civilização europeia já tinha, é certo, polido esse tipo nacional; mas não lhe desvanecera a originalidade. Alice embora adquirisse todas as prendas de sala, que a teriam distinguido em uma sociedade elegante, não deixava por isso de apreciar o extremo papel de doninha de casa.

Adélia ao contrário era o tipo raro então e hoje muito comum, de certos costumes de importação; era a mocinha de maneiras arrebitadas à francesa; cuidando unicamente da moda e do toucador. (ALENCAR, 1951, p. 137)

As grandes damas da época, mulheres dos estadistas, diplomatas, dos importantes funcionários do império e das altas posições militares, é que davam a nota de distinção e elegância; eram elas que seriam imitadas pelas outras da mesma categoria social. O próprio Joaquim Nabuco, escreveria a respeito dessas grandes damas: “essas senhoras têm o hábito dos cortejos, muitas são damas do Paço, [...] a linha de algumas, como a viscondessa de Nogueira da Gama, é impecável, não a vêem encostar-se na carruagem nem no camarote” (LYRA, 1939, p. 47).

Durante o segundo reinado, partir da segunda metade do século XIX, a moda que dominou a corte brasileira e as oligarquias foi o estilo romântico, surgido na França, no mesmo período. Este estilo trouxe de volta as saias muito armadas pelo uso da crinolina e farta quantidade de anáguas.⁷⁴ Era uma forma de vestuário bastante sóbrio para a época, pois a alta burguesia francesa: “graças à revolução (francesa) possui já o poder econômico, assume também o poder político” (ROSELLE, 1976, p.1). Esses novos milionários tinham por princípio erigir-se de forma contrária aos hábitos da corte francesa e fundamentam seu poder no trabalho de direção e não no lazer. Essa moda, sem decotes e mangas longas, de conotação

⁷⁴ A respeito dessas armações, volumosas para saias, feitas de ossos de baleia ou tiras de aço, além dos corpetes muito ajustados pelo mesmo uso de barabatanas, D. Maria Nogueira Pompeo, bisneta da Viscondessa de Campinas, diretora da escola de pintura, que estudei, ainda nos anos de 1950, já bem idosa, contava fatos acontecidos na família. Lembro-me da história de um passeio de jovens primas pela fazenda, uma delas ao voltar, quando foi se despir, percebeu que havia trazido uma cobra presa na armação do vestido. A crinolina ressurgiu, na década de 1980 na moda para noivas, após o casamento de lady Diana Spencer com o príncipe Charles da Inglaterra.

quase religiosa, será amplamente aceita pela elite brasileira, assim como seus usos e costumes comportamentais em sociedade.

5.2. A expansão do charme francês

Do ponto de vista feminino essa posição mais mundana se verificava apenas na Corte e alta sociedade do Rio de Janeiro. Em outras cidades, inclusive São Paulo, a vida da mulher continuava restrita ao lar, ou seja, à direção da casa e a educação dos filhos. Assim conta Maria Paes de Barros, originária de uma das famílias mais tradicionais da província paulista. Tudo leva a crer, que a memorialista tenha escrito suas recordações em 1946, aos 94 anos de idade:

A parte feminina da família, sobretudo, levava vida quase unicamente restrita ao lar. A senhora só saía à rua pelo braço do marido, as meninas unicamente com os pais ou parentes idosos. O pretexto único eram as visitas, pois as compras eram feitas pelos pajens, visto que uma senhora nunca entrava numa loja. (BARROS, 1998, p.5)

Porém a influência francesa se estenderia a outras classes sociais. Isso pode ser comprovado pelos depoimentos de viajantes estrangeiros que aqui estiveram após a vinda de Dom João VI. O próprio Debret, ao retornar à França, declarou aos membros do Instituto Histórico Francês a grande influência francesa nos costumes sociais em geral declarando ainda, que muitas regiões do país estavam bem atrás do Brasil.

A cidade de São Paulo, no início do século XX, já havia se tornado a cidade mais rica do Brasil. Por esse motivo, recebeu a visita do primeiro-ministro da França, Georges Clemenceau que declararia ao voltar a seu país:

Geoges Clemenceau, primeiro-ministro da França, endossaria Debret ao registrar no *Illustration* de Paris que, por ser tão curiosamente francesa em certos aspectos, São Paulo fizera-o sentir-se em casa. Ao longo de uma semana inteira na cidade, nem sentiu que estava no estrangeiro. (AMARAL apud CAMARGOS, 2001, p.28)

Já entre a classe média e a classe pobre existente, esta última em sua maioria formada por negros e mulatos alforriados, era comum a mulher trabalhar. Esse trabalho era desenvolvido em pequenos comércios, ou em profissões tradicionais do campo feminino, costura, bordado, lavagem de roupa, gêneros alimentícios etc.

Desde os primeiros tempos, em lugares como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, estabeleceu-se uma divisão de trabalho assentada em critérios sexuais, em que o comércio ambulante representava ocupação preponderantemente feminina. As vendas eram quase sempre o lar de mulheres forras (alforriadas) ou escravas que nelas trabalhavam no trato com o público. [...] O destaque da presença feminina no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de “negras de Tabuleiro”. (FIGUEIREDO, 2015, p. 144-145)

A indumentária das mulheres do povo constituía-se basicamente do tradicional *matinée*, uma espécie de bata curta, chegando por volta de 10 centímetros abaixo da cintura, fechado até a garganta e mangas compridas. Usada sempre com uma saia longa, simples, reta, ligeiramente franzida. O famoso quadro do pintor paulista, Almeida Jr., “O violeiro”, pintado em 1899, mostra claramente como vestiam-se as mulheres das camadas mais pobres. É preciso deixar claro que as roupas da época ainda eram cortadas e costuradas à mão.

Essa moda caipira, de saias rodadas com remendos coloridos, babadinhos e rendas, usadas nas festas juninas, é apenas uma licença poética do século XX.

Numa corte de bailes, concertos, festas de um país “civilizado”, o mundo escravo tão presente nas ruas, passou a representar, na ótica da corte, algo transparente e silencioso. Num país quase negro, a corte (não a família imperial) tentava fazer da escravidão uma coisa invisível, como se ela não existisse. Mas existia, e os negros estavam nas ruas com seus hábitos e costumes africanos. A escravidão, portanto, era e seria até o final de reinado de Pedro II, a grande contradição de seu império que era quase europeu. (SANTANA, 2008, s, p.)

Assim foi sendo construída a elegância em nosso país, sem dúvida apoiada nas diretrizes francesas de moda e etiqueta social e nas normas morais advindas da religião católica e seu implante barroco. Dessa forma, a convivência das três raças, como já foi citado, foi construindo através dos quatro primeiros séculos aquilo que podemos considerar, por sua leveza e jeito de ser, como um charme genuinamente brasileiro. Não podemos deixar de lembrar, nosso clima e a grandeza dos verdes de nossas florestas, que tanto influenciam a moda brasileira.

Essa mulher, colorida, sonhadora, discreta e elegante, encontraria seu auge e seu ocaso durante a década de 1950, “a década da elegância”. Esse fato pode ser comprovado pelas palavras da *socialite* Carmem Mairynk Veiga, durante muitos anos considerada uma das mulheres mais elegantes do Brasil: “alegra-me ter vivido a mocidade no auge de um período, fim dos anos 50, quando casei” (VEIGA, 1997, p.117).

A construção deste “patrimônio imaterial” que é a elegância ou jeito de ser, dentro dos cânones sociais, sem dúvida, faz parte daquilo que é mais nobre, dentro de um grupo ou nação, ou seja, seu pensamento.

5.3. Um olhar no ensino das mulheres da elite

A primeira medida que os jesuítas tomaram, após sua chegada à Terra de Santa Cruz em 1549, foi a fundação do primeiro colégio na Bahia. Iniciando assim a catequese do povo autóctone também separadamente a educação dos filhos dos colonos. Essa medida da Companhia de Jesus, marca o início do letramento na colônia, uma educação focada exclusivamente na catequese: “Foi assim que nasceu o embrião do ensino no Brasil, em 1549, quando os primeiros jesuítas desembarcaram da Bahia. [...] As mulheres não tinham acesso aos colégios e eram educadas somente para a vida doméstica e religiosa”. (AZEVEDO, 2018, s.p.)

A primeira instituição, dedicada ao ensino feminino foi fundado na Bahia, em 1743, por D. Úrsula Luíza de Monserrate, pertencente a uma rica família daquela província, tendo sido ajudada por quatro religiosas. No ano seguinte, 1744, era introduzida no país a Congregação das Ursulinas da União Romana, ou Ordem de Santa Úrsula. Fundada em 1535, na cidade italiana de Brescia, por Santa Ângela de Mericis: “o objetivo da instituição era a santificação pessoal, o tratamento de doentes e necessitados e a instrução de meninas. [...] Foi o primeiro e único colégio de meninas existentes no período colonial.” (SAPATERRA. 2012, p.50)

No concernente à leitura durante o século XVIII, o livro mais lido no Brasil era o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, do padre Nuno Marques Pereira:

O livro mais lido no Brasil-Colônia que teve cinco edições entre 1728 e 1765, no auge do ciclo do ouro, e só perdeu em popularidade no final do século XIX, diante do sucesso dos romances. Esse *Best-seller* do Brasil oitocentista-novecentista pertence à literatura edificante; pretende levar as pessoas à procura da santidade mediante à devoção aos santos e a observância dos mandamentos, não pela frequência aos sacramentos. (HOORNAERT, 1990, p.66)

A primeira lei geral, para o ensino público primário, foi promulgada por Dom Pedro I, no dia 15 de outubro de 1827. Estabelecia como regra de ensino para meninos:

A leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e as noções mais gerais de geometria prática. Às meninas, sem qualquer embasamento pedagógico, estavam excluídas as noções de geometria. Aprenderiam, sim, as prendas (costurar, bordar, cozinhar etc.) para economia doméstica. (MARTINS, 2001, s.p.)

A questão do letramento de meninas mesmo sendo de forma limitada, parece ter tido rápido progresso. Esse fato pode ser comprovado pelas obras dos mais importantes escritores do século XIX, Alencar, Macedo e mesmo Machado de Assis. Eles escreveram contos e romances claramente dirigidos ao público feminino. As mulheres e seus hábitos passaram a ser alvo da imprensa do país após esta ser liberada em 1808.

Durante o século XIX, no Brasil, circularam muitos jornais e revistas especificamente voltados ao público feminino que trazia em seu conteúdo crônicas cotidianas, dicas de etiqueta e reprodução dos figurinos com os croquis e a descrição detalhada dos materiais, informando as novidades em moda na Europa. (VOLPINI; NOGUEIRA, 2017, p.92)

Na alta burguesia, o ensino continuou dentro do lar. As famílias mais abastadas, contratavam professores particulares ou mesmo preceptores estrangeiros. A respeito do ensino na província de São Paulo, assim escreve, Maria Paez de Barros: “sendo a instrução muito elementar, por não haver colégios para o sexo feminino, nem tão pouco livrarias, as ocupações das meninas cingiam-se à vida doméstica. Raramente lhes chegava ao alcance algum livro, exceto o de missa.” (BARROS, 1998, p.5)

O universo feminino era enquadrado dentro de sua própria casta. As mulheres: “desde muito pequenas ficavam confinadas a ambientes físicos limitados e preservados, onde a segregação espacial era reafirmada [...] com rigorosa separação entre classes sociais e entre sexos” (TRIGO, 2001, p.51). Assim, as noções de discrição e elegância começava, desde a infância, a ser recebida, ou percebida no ceio da própria família.

Nesse sentido, é examinada a influência de uma primeira educação no interior de ambientes familiares construídos em um universo de facilidades econômicas e comportamentos que procuravam imitar a aristocracia europeia, mas também permeados por contradições trazidas pelas condições históricas de um país do Novo Mundo (Ibidem, p.15)

Esse papel social representado pelas mulheres da elite, a forma discreta de agir, a maneira de sentar-se, de andar e mesmo uma certa modulação de voz, com isso passando uma mensagem de finesa e educação, era já trazido de casa. E, o fato de pertencerem a um grupo de escola, era introjetado no seio de suas famílias, desde a mais tenra infância.

A aparência de naturalidade que ostentavam ao desempenhar o papel resultava de um trabalho educativo estruturado sobre alguns pontos básicos de sustentação: uma educação muito mais transmitida que ensinada e, portanto, iniciada precocemente. O ambiente familiar encarregava-se da administração dos primeiros passos e logo a seguir, sem qualquer quebra de continuidade, iniciava-se a tarefa delegada aos estabelecimentos de ensino. (TRIGO, 2001, p.51)

As congregações femininas francesas, começaram a buscar outros países, para exercer seus carismas depois que foram instauradas as leis sobre o ensino na Reforma Jules Ferry que já havia em 1881 tornado o ensino primário gratuito e, em 1882, o tornou obrigatório. As propostas de laicização do ensino, iniciada por Ferry, foram continuadas por outro ministro de convicções anticatólicas, o ex-seminarista que se tornou ateu e opositor convicto da religião, Émile Combes.

Embora muitas mulheres da nobreza e burguesia católicas se mobilizassem para lutar contra essas leis, Combes, através de leis sucessivas, a última em 07 de julho de 1904, proíbe terminantemente o ensino de congregações católicas em todo território francês.

Os que resistem, reivindicando o direito de permanecer nos conventos, são expulsos *manu militari*, como os cartuxos, que a polícia vem retirar da clausura para aplicar a lei de proibição. É assim que milhares de religiosos encontram refúgio em terras mais hospitaleiras: Bélgica, Espanha, Reino Unido. (Lei de separação de Igreja e Estado. 02/01/2021)

É neste contexto que as congregações começaram a buscar outros países, para exercerem seus objetivos. No Brasil o estabelecimento de congregações estrangeiras encontrou um campo aberto, pois não havia preocupação com a implementação do regime ultramontano, ou seja, a ingerência do Vaticano nos assuntos da nação.

A união entre a grande maioria da oligarquia e a hierarquia católica fazia com que tanto famílias tradicionais como de novos fazendeiros e nascentes industriais, mantivessem seus filhos e filhas em colégios católicos. O que se apreende desse fato é que: “fossem eles da tradicional elite paulista, [...] ou da nova elite composta por proprietários de terra recém-enriquecidos, a modernidade não era desejada para a educação de suas filhas”. (LEONARDI, 2011, p.69)

5.4. Os colégios de orientação francesa

O final do século XIX, trouxe um grande progresso para o Brasil, em especial para a cidade e o estado de São Paulo. Por esse motivo, a educação feminina não poderia mais basear-se apenas nas tradições coloniais portuguesas. Era preciso agora uma nova forma de aprendizado urbano.

Francisco Rangel Pestana e sua esposa abriram em São Paulo um colégio feminino, que além das matérias já estabelecidas nos currículos, ministrava aulas de Direitos da Mulher. [...] Foi inaugurado em 1876 e em 1879, teve suas portas fechadas por falta de alunas. (SAPATERRA, 2012, p.53)

Esse novo tipo de ensino, embora mais moderno, não deveria afastar-se da moral e da religiosidade vigente em meio à alta oligarquia. A modernidade não era aceita para o aprendizado das jovens da elite. Tentativas de um ensino mais contemporâneo para meninas, nunca foram encorajadas. Para essa alta sociedade, agora urbana, pois com a facilidade dos trens, os grandes fazendeiros começaram a construir suas mansões nas cidades a implantação de colégios católicos femininos e mesmo masculinos era uma necessidade. Era o começo do fim da sociedade agrária.

O francês foi o modelo escolhido para a educação das jovens burguesas, pois representava garantia de boa educação sem ideias profissionalizantes, modernas ou feministas. Nesse período, muitas instituições de ensino de cunho confessional instalaram-se no Brasil. Eram consideradas sinônimo de requinte e sofisticação herdados dos melhores colégios da Europa, em especial os franceses, que, por muito tempo foram responsáveis pela educação de meninas pertencentes à alta oligarquia paulista, (e mesmo brasileira) pois representavam saber e elegância, em meio a um período de grandes transformações sociais. (Ibidem, p. 48)

A respeito desses colégios confessionais de orientação francesa, é preciso deixar claro que a França, do ponto de vista social influenciava não só o Brasil, mas boa parte do mundo europeizado.

Dom Antônio Joaquim de Mello, primeiro Bispo da Sé paulista, nascido em 1791, na cidade de Itu, era ultramontano e monarquista convicto; instalou em sua cidade, a primeira dessas instituições nos moldes da educação católica francesa. O colégio Nossa Senhora do Patrocínio, fundado em 1859, sob a direção das *Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry*, que introduziu na província paulista a fórmula de internato.

As paredes e altos muros do internato desempenhavam uma função dupla – de não permitir a saída das alunas e a entrada do mundo exterior, seja na forma de pessoas não reconhecidas, seja na forma de leituras proibidas, seja mesmo na forma de correspondência, toda ela censurada. Nesse recinto, isoladas do mundo exterior, as alunas eram colocadas em contato com um universo artificial, travado pela língua francesa, oficial do colégio. [...] A leitura das listas de matrículas do colégio das “freiras francesas”, em Itu revela que os nomes mais significativos da elite paulistana frequentaram esse colégio independente da sua coloração partidária: eram monarquistas conservadores ou liberais, republicanos, mas todos fazendeiros, comerciantes ricos, com interesses em vários tipos de empreendimentos. (MANOEL, 2012, s.p.)

A propósito da segurança que tinha a oligarquia brasileira no ensino confessional de matriz francesa, podemos auferir informações fornecidas pelo tradicional Colégio Des Oiseaux. Fundado na capital paulista em 1907, pelas cónegas belgas da Ordem dos Regrantes de Santo Agostinho. As alunas recebiam o tipo de educação tão prezada pela alta sociedade brasileira: “as moças iam para receber uma educação formal, aprender francês, latim, ter aulas de canto, bordado, boas maneiras e serem educadas na arte de receber bem; habilidades consideradas indispensáveis às jovens da aristocracia” (BATISTA, 2015, s.p.).

As alunas recebiam também aulas de dança de salão. O Colégio Des Oiseaux tinha um Centro de Estudos Teatrais, que exibia peças montadas e encenadas por suas alunas. Este estudo teatral e a divisão de classes, por fitas de cores diferentes, foram iniciados por Madame de Maintenon, no Colégio de Saint Cyr, no século XVII.

A socialite, Yolanda Penteado, aluna desta instituição no início de século XX, documentou em suas memórias:

Aos treze anos, fui para o colégio Des Oiseaux, que acabava de ser aberto. [...] No caminho para o colégio, jogávamos os chapéus pela janela, na rua. O ônibus parava, havia uma confusão medonha. Usávamos um uniforme com a saia toda pregueada, distinguia-se cada classe por fitas de cor diferente. [...] As freiras não falavam português. Ensinavam todas as matérias em francês, inclusive Geografia. [...] Falava-se francês o tempo todo, de maneira que aprendi a falar muito bem. (PENTEADO, 1976, p. 50)

Várias destas instituições de ensino ainda estão em atividade, embora não mais pautadas pelas mesmas diretrizes. Podemos citar como exemplo o Colégio Nossa Senhora de Sion. Fundado em 1843, pelo padre Théodore Ratisbonne, esta escola nasceu com o carisma principal de converter meninas judias pobres ao catolicismo. As irmãs de Notre Dame de Sion, responsáveis pelo Colégio Nossa Senhora de Sion, fundaram seu primeiro colégio em Paris em 1843.

A vinda das religiosas de Notre Dame de Sion ao Brasil, partiu de um pedido de uma comissão em que constava, entre outros nomes importantes, o da condessa Monteiro de Barros e o da condessa Carapebus, dama de honra da Princesa Isabel. Esse grupo enviou uma petição à Princesa Isabel, para trazer ao Brasil uma congregação para educar as meninas da alta sociedade carioca: “a condessa Monteiro de Barros foi a Roma solicitar ao Papa Leão XIII, as licenças necessárias para a vinda das religiosas de Sion ao Brasil.” (SEM AUTORIA DEFINIDA)⁷⁵

Ao chegarem em 1888, instalaram no Rio de Janeiro sua primeira instituição de ensino, dedicada desde o princípio à educação das elites. O colégio de São Paulo surge em 1901.

Estes estabelecimentos confessionais, de orientação francesa, destinados à educação das jovens oriundas das camadas mais elevadas, eram acompanhados por fortes rituais cotidianos de postura em sociedade, ou seja: como andar, sentar e mesmo modular a entonação da voz. Esses ensinamentos femininos eram sempre permeados por um viés de gênero extremamente definidos. Nestes educandários era transmitido uma forte fundamentação religiosa de escopo mariano, favorecendo um grupo dotado das mesmas características sociais, claramente visíveis.

Nesse tipo de educação, nada é deixado ao acaso: a feminilidade implica maneiras de ser e comportamentos que se deve absolutamente conhecer... (As mestras) dão extrema importância à noção de controle corporal [...] do qual derivam os bons modos, as nobres reverências e até mesmo essa decência que preserva a honra. (BRITO, 2011, p. 18)

Mesmo fora destes colégios, as atitudes das alunas eram observadas, portanto, a discrição, a postura elegante e reservada, o bom gosto no vestuário, eram dentro do extrato social em que viviam os principais motivos para um julgamento do caráter feminino.

A aquisição de uma hexis corporal distinta fazia parte a tal ponto da cultura das meninas do Sion que a mãe de Sergio Paulo Rouanet, interna em Petrópolis, no início do século XX, apesar de já bem idosa, manteve-se “toda ereta”, “na posição decorosa [aprendida] no colégio Sion há 80 anos”, durante a íntegra do discurso de posse de seu filho na Academia Brasileira de Letras. (Ibidem, p.18)

⁷⁵ ORIGEM de SION. Disponível em: <https://colegiosionrj.com.br/nossa-escola/origem-de-sion/>
Acesso em 07/11/2018.

Durante a primeira metade do século XX, nas principais cidades brasileiras, aconteceu um aumento muito grande da classe média com relativo poder aquisitivo. Esta nova categoria também buscou para suas filhas a educação fornecida por esses colégios confessionais. O fundador da ideia de que no Brasil já poderia existir uma “moda de autor”, Dener Pamplona de Abreu fez o seguinte comentário: “se vocês tiverem um pouco de capacidade de observação, reparem que em qualquer família (eu não conheço nenhuma exceção), a geração atual está melhor que a anterior” (Abreu, 1972, p.112). Esta declaração comprova a ascensão financeira que parte da pequena classe média obteve na época citada.

Além do fato de que na primeira metade do século XX, a separação em classes de acordo com o gênero, era um fator preponderante. Mas também estes educandários confessionais exerceram nas classes média e alta o fascínio da educação elegante. Esse fato pode ser comprovado pelo conto da escritora paulista, Helena Silveira, onde a autora conta a história de uma menina, chamada Aída Arouche Magnocavallo, filha de um imigrante italiano, que a mãe por ser brasileira, fez questão que a filha estudasse em um desses colégios de freiras francesas. Atentemos:

Aída já no pátio, beijou a mão de *mère* Agnese, fez uma graciosa reverência, viu-se com os olhos do espírito, tão distinta, a saia azul marinho pregueada abrindo-se como as varetas de um leque. Foi a última a entrar no ônibus do colégio. [...] Nesse instante preciso de seu raciocínio, veio-lhe a voz da governanta, assentada no fim do carro, vencendo distância:

- Parece que *mademoiselle* Magnocavallo será a última a descer. Sua rua em que bairro fica mesmo *mademoiselle*?

E a menina a responder com dificuldade, sem voltar a cabeça, um vermelhão subindo-lhe no rosto.

- No Bom Retiro, *mademoiselle*...

Sim, aquela tortura de seu nome começara com a matrícula no colégio de freiras francesas. Toda a nobreza agrária paulista lá educava as filhas. Sua própria mãe havia cursado a classe *rouge* e a classe *blanche* e achava que Aída não poderia ter outra educação. Ao primeiro dia de aula, [...] as outras alunas circundaram-na.

- Qual seu nome?

Ela respondeu descuidadamente e ouvira risos abafados. [...] Aos poucos Aída foi compreendendo aquelas pequenas e orgulhosas hierarquias, foi achando justo que a relegassem. Quando entraram para sua classe Mafalda Mastrolongo e Karime Abibe, não entendeu logo que, pressurosamente fossem recebidas com aqueles nomes pelas Bulcão Pousada, Arruda de Albuquerque, Souto Vilela, Leme de Alcântara e toda banda. Mais tarde ao fim do dia, quando o ônibus parou à porta do palacete de Mafalda, na Avenida Paulista, começou a entender e ao dia seguinte entendia por completo ao ver Karime enfiar-se num automóvel lapidado e longo, todos vernizes espelhantes, com dois *chauffeurs* no acento dianteiro e uma corneta acústica onde a menina dava ordens muito enfática. [...] Tratava-se de uma outra nobreza a deitar raízes na terra. Essa era uma nobreza de arrojo e de dinheiro, mas pelo luxo que podia ostentar, pelas posições políticas que

podia comprar, conseguia um lídimo pé de igualdade com a gente mais antiga. (SILVEIRA, 1953, p.120-121-123)

Esse requinte antropofagicamente recebido da França, tendo aqui se mesclado à riqueza das nossas matas e clima, à influência e alegria da ginga africana, à pintura corporal dos nossos indígenas e à dramaticidade e leveza da arte barroca, tão presente em nosso carnaval e na leveza e dribles característicos do nosso futebol.

Partindo destes quesitos que se entrelaçaram, embora nesta tese tenhamos estudado a dádiva recebida da etiqueta e moda francesa. Não fosse as nossas cores, a ginga e nosso clima e sem dúvida, o charme francês, a música Garota de Ipanema, escrita em 1962 por Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes, hoje um clássico da música popular internacional, poderia, talvez, jamais ter sido escrita.

CONCLUSÃO

Após o final da primeira Grande Guerra, entraram no Brasil o rádio e o cinema americano. Com esses dois novos veículos de informação, as mulheres começaram a ter novos polos de influência. Em termos de moda o cinema passou a ser outro ponto de informação. Embora a influência francesa, ainda fosse predominante. A Revista Feminina⁷⁶, fundada em São Paulo, em 1914, já discutia novas reivindicações da mulher. Porém na questão da moda e elegância, em seu número 176, de janeiro de 1929, ainda traz uma matéria de como usar, “as pelles de verão.” (SALLES, 1929, s.p.).

Até a metade dos anos de 1950 a sociedade brasileira ainda conservava alguns elementos da época do Brasil imperial. A divisão de gêneros nas escolas não era questionada e, as mulheres, mesmo estudando, na maioria das vezes, faziam o tradicional curso Normal. O curso superior, quando acontecia, geralmente era voltado para Economia Doméstica. As leituras visavam o que se entendia por femininas. Os romances de Madame Delly, a mais lida, e revistas como a Grande Hotel, com histórias em quadrinhos faziam a delícia das jovens. Outras publicações foram surgindo, muitas já se preocupando com o lugar da mulher na sociedade como um todo, anunciando as mudanças que, forçosamente, aconteceriam.

Mesmo com as mudanças ocorridas no comportamento humano em geral, as jovens brasileiras, com raras exceções, ainda eram preparadas para o casamento. Isso significava, se possível, não trabalhar fora de casa, ou seja, ser “do lar”.

Como já dito, os anos de 1950, foi o auge de uma elegância baseada na discrição e divisão de gênero. Com a lista das mulheres mais elegantes do Brasil e a imensa promoção, midiática que tiveram essas grandes elegantes, tornaram-se, guia de conduta social, para as mulheres de toda nação. Nas crônicas e colunas sociais em que eram citadas, inúmeras vezes:

Os colunistas abriam parênteses para descrever os vestidos de cada senhora, [...] mencionavam-se as virtudes morais de algumas dessas “ditadoras da moda”. Citavam-se as qualidades de esposa e mãe [...] e sua atividade eventual em campanhas de caridade. [...] Ibrahim Sued imaginava “quantas e quantas pessoas já não copiaram das revistas elegantes os vestidos que essas mulheres usam em público”. (DURAND, 1988, p.69)

⁷⁶ A Revista Feminina, fundada em 1914, traz em sua segunda capa, a seguinte informação: “Sua Eminência o Cardeal Arcoverde afirma que a “Revista Feminina” é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas”. Esse fato é mais uma comprovação da influência religiosa no agir feminino da época.

Podemos comprovar a influência destas mulheres no agir feminino dos anos de 1950, pelas declarações de Teresa Souza Campos, muitas vezes listada entre as mais elegantes do Brasil. A matéria tem o sugestivo subtítulo de Receita de Elegância:

- Você acha que elegância é inata ou é adquirida?
- É inata, mas pode ser aprimorada. Quanto mais vemos e observamos, tanto mais desenvolvemos nosso senso estético, que é, em última análise, o determinante da elegância. [...] Aí estão os figurinos, os desfiles e as revistas, para auxiliar aquelas que já contam com a matéria prima. [...]
- Qual a sua filosofia de vida?
- Dar muito e esperar pouco. Respeitar a liberdade dos outros em todos os sentidos. Aceito todos como são. É melhor e mais colorido do que tentar a padronizações de acordo com meu ponto de vista. [...] E aqui – conclui Teresa – peço-lhe licença para uma opinião muito sincera: “Não ser invejosa é o primeiro conselho de beleza. A mulher que passa o dia inteiro “roendo” o fígado, jamais poderá ser bonita.” (DUTRA, 1957, p.42-43)

Durante os anos de 1960, as mudanças no campo feminino começaram a acontecer radicalmente. O motivo principal destas renovações no agir da mulher era o aumento da classe média, nas principais cidades do Brasil:

A posição dita média ou intermediária desses segmentos diz respeito não só à renda disponível para consumo, como também ao tempo de lazer e ao nível de instrução. Assim, entre os de posição intermediária, há os que são mais ricos em dinheiro e mais pobres em instrução e cultura do que aqueles que, ao contrário, esbanjam diplomas, leituras e gosto, mas têm pouco poder aquisitivo. (DURAND, 1988, pg. 48)

Tanto é que nos momentos em que a sociedade se afasta ou deixa de espelhar-se, nas camadas mais letradas e educadas, ou como diz o dito popular, quando “o dinheiro muda de mãos”, surge a personagem do “novo rico”. Por suas atitudes, gestos e vestimentas sempre demonstrando a vontade de aparecer aos demais, deixa evidente, o fato da sua condição de “novo rico, ou seja: o medo de passar despercebido.

Portanto em meio às camadas emergentes no sentido monetário, os colégios de educação francesa, e a exposição midiática que tiveram as grandes elegantes, foram as verdadeiras escolas das jovens cujas famílias acendiam financeiramente.

Minha esposa, aluna do tradicional colégio campineiro, Imaculado Coração de Maria, nos primeiros anos de 1960, sempre me contava as coisas que aprendera, observando outras alunas, mas também com os ensinamentos das freiras.

No primário, durante as aulas a madre prefeita⁷⁷ entrava discretamente nas classes para que as alunas não levantassem. Por causa do calor intenso, elas puxavam para cima o punho da blusa branca. Se a freira percebia esse detalhe, parava ao lado da carteira, não deixando a menina levantar-se e dizia em seu português arrevesado: “Vai lavar roupa?” A aluna, imediatamente, esticava a manga em direção ao punho, endireitava a postura, continuando a escrever. Nos intervalos, observavam as alunas do ginásio, a forma como paravam para conversar entre elas, com algum caderno ou livro, sob os braços cruzados, as pernas em posição de ballet, com os ombros ligeiramente para traz. Claro, elas, pouco mais que crianças, começavam a imitar.

No decorrer da década de 1960, a postura feminina foi mudando drasticamente. A ascensão das mulheres ao ensino de nível superior foi intensa. Embora timidamente se discutia o “amor livre”, desquite, aborto e outras questões antes consideradas tabus.

As leituras femininas mudaram. Os romances açucarados em especial, os escritos por Madame Delly, foram substituídos por outra escritora francesa, uma jovem de 19 anos, pertencente à alta burguesia, Fraçoise Sagan. Lançado em 1954, seu primeiro livro, *Bonjour tristesse*, datilografado com dois dedos, em 31 dias, se torna um sucesso mundial e faz da nova literata a porta bandeira da juventude feminina, que destrói os tabus recebidos das gerações precedentes. Este fato era um claro sinal, de uma mudança sociológica, nunca acontecida: a revolução jovem.

A moda internacional acompanhou essa tendência, dar voz à juventude, incorporando a moda londrina, muito menos presa à parâmetros estéticos, que a moda francesa. Foi em Londres o nascimento da minissaia, embora já houvesse sido anunciada em Paris, dentro do estilo espacial de André Courreges em 1963.

Nasciam, no início da década de 1960, revistas que contemplavam o novo perfil da mulher brasileira. Essas publicações, se dirigiam agora: “À uma mulher concreta, situada no aqui e agora, e não a uma abstração, uma vaga e idealizada visão do “ideal feminino”, concebida pela fantasia e pelos preconceitos dos homens” (COLEÇÃO NOSSO SÉCULO, 1980, s.p.).

Outro acontecimento que pode ter tido significativa influência na mudança do paradigma estético feminino foi a promulgação do Concílio Vaticano II em 1962, pelo Papa João XXIII. Pela primeira vez as mulheres acompanharam os mais decisivos debates da Igreja e deixaram neles uma marca, apesar de terem que acompanhar em silêncio as assembleias e

⁷⁷ Madre prefeita ou superiora.

terem uma sala de café separada. Eram obrigadas, mesmo as que não eram religiosas, estarem com a cabeça coberta pelo tradicional véu ou chapéu. A mais jovem, Gladys Parentelli, se recusou a isso. E não foi incluída na foto do grupo. Esse fato se passou em 1964: “Numa outra instituição tão emblemática como o Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos, a participação das mulheres nem sequer estava prevista” (MENDONÇA, 2013, s.p.). Dentre estas participantes, podemos perceber as reviravoltas que estavam acontecendo no agir feminino, pela célebre resposta que a franzina Rosemary Goldie deu ao grande teólogo Yves Congar:

No âmbito do debate sobre o esquema do apostolado dos leigos, ele estava pronto para inserir no documento uma elegante (mas condescendente) comparação das mulheres à delicadeza das flores. A australiana reagiu assim: Padre, deixe lá as flores. O que as mulheres querem da Igreja é ser reconhecidas como pessoas plenamente humanas. (Ibidem, s.p.)

Em setembro de 1968 aconteceu um protesto de 400 ativistas do *Women's Liberation Movement* na cidade norte-americana de Atlantic City, onde estava acontecendo o concurso de *Miss America*. Essas ativistas dispuseram no chão, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, revistas femininas e outros objetos impostos à beleza feminina. Esse ato ficou mundialmente conhecido como “a queima dos sutiãs”, embora isso nunca tenha acontecido, pois o ato foi dentro de um espaço privado. Na época esse acontecimento, foi considerado um tanto “folclórico”, mas o tempo mostrou que não ter sido assim. Foi uma tomada de posição, que mostrava claramente os novos caminhos conquistados pelo belo sexo.

Com essas atitudes a juventude feminina deixou de considerar o casamento como fim último. Passaram a buscar, igualmente aos rapazes, um modo de ganhar a própria vida, sem depender dos maridos. Agora, livres de amarras impostas pela religião e pelos homens, elas invadiram todos os campos de trabalho, que lhes foi injustamente negados durante os séculos anteriores.

Essa mulher, extremamente feminina e sonhadora que aos poucos estava mudando seus parâmetros, para muitos foi considerado uma perda. Por esse motivo, a grande atriz, Marlene Dietrich, escreve em suas memórias: “Elegância, raramente encontrada hoje em dia, as mulheres não são criadas para conhecê-la e, portanto, não possuem o desejo de tê-la” (DIETRICH, 1985, p. 59). Contudo, o mundo, ou a humanidade, não se “congela”. Outras reivindicações de grupos minoritários exigem hoje seus reais direitos.

Porém a verdadeira elegância, fruto de um aprimoramento espiritual e humano, está acima de todas as vicissitudes que possam atingir homens e mulheres. A verdadeira

elegância parte do conhecimento e do amor ao próximo. Esse adjetivo, elegante, é demonstrado não apenas pelo vestir de forma harmoniosa, mas, principalmente, pelo respeito e aceitação às diferenças. Pois esse patrimônio imaterial, independe das variações epocais da moda ou dos costumes mundanos.

Gostaria de finalizar esta tese, onde escrevo sobre esta elegância feminina, tão arduamente conseguida dentro do pequeno espaço que lhe foi reservado através dos séculos, ou seja, aquele de exprimir sua sedução. Farei isso, citando uma quase poesia, encontrada em um livro sobre a moda:

Na era da informática, quando se apertam botões coloridos para resolver complicadas operações matemáticas ou para definir programações de trabalho, a tendência é assumir um comportamento mais próximo ao do rigor e funcionalidade das máquinas e, dessa forma, afastar-se da salutar atividade de sonhar...

Mas quem, apesar do ritmo de vida moderno, não sente saudades da Gata Borralheira? Qual a moça que não quer encontrar sua fada madrinha para, num passe de mágica, transformar-se numa deslumbrante Cinderela e conquistar o príncipe mais cobiçado do baile? (THAMER, 1988, p.60)

Por este fato a poesia contida nas roupas e atitudes das mulheres, vai encontrar, esteja o mundo como estiver, um meio, ou mesmo que seja uma pequena brecha dentro do caminhar histórico, para poder expressar o charme que lhe é natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Dener Pamplona de. *O luxo*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1972.
- ALENCAR, José Martiniano de. *O Tronco do Ipê*. São Paulo: Edições Saraiva, 1951.
- ANAWALT, Patrícia Rieff. *História mundial da roupa*. Tradução, Anthony Cleaver; Julie Malzoni. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- ANDRADE, Rita Morais de. *Vestires indígenas em bonecas Karajá*; argumentos para uma história da indumentária no Brasil. Disponível em: Revistas.hfpr.br/história/article/55395. Acesso em: 22/07/2020.
- AQUINO, Felipe. *História da Igreja: Galicanismo e Febronianismo*. Editora Cléofas. Disponível em : <https://cleofas.com.br/historia-da-igreja-galicanismo-e-febronianismo/> Acesso em: 15/11/2019.
- AZEVEDO, Rodrigo. *A história da educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização*. Gazeta do Povo. 11/03/2018. Disponível em: <https://bityli.com/TrzSAF> Acesso em: 30/11/2020.
- BARBOSA, Juliana; SANTOS, Heloisa Helena. *Alfaiataria: evolução histórica, publicações e metodologia de ensino*. (4º Congresso brasileiro de iniciação científica de design e moda). UNESP Bauru – SP. 11 a 15 de outubro de 2017.
- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. Prefácio de Monteiro Lobato. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. *Da educação das meninas por Fénelon*. Revista da História da Educação. V.16. n.36. jan/abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/22401>. Acesso em: 14/08/2019.
- BATISTA, Liz. *Era uma vez em São Paulo...Colégio Des Oiseaux. Estadão*. 29/05/2015. Disponível em: <https://bityli.com/x7opWb> Acesso em: 11/12/2020.
- BEIRNO, Soeur Marie-François. *L'éducation des Femme: Au Dix-Septieme siècle*. Thèse présentée pour le grade de Doctorat d'Université à l'Université Laval. Québec, 1940.
- BERNOS, Marcel. *L'éducation des filles sous l'ancien régime*. Garrigues et Sentiers: Espaces de liberté, de foi et de réflexion chrétiennes. 2016. Disponível em: <http://www.garriguesetsentiers.org/2016/11/l-education-des-filles-sous-l-ancien-regime.html> Acesso em: 01/05/2019.
- BONNEFON, Daniel. *Traité de l'éducation des filles de Fénelon: Résumé*. 2013. Disponível em: <http://salon-litteraire.linternaute.com/fr/resume-d-ouvre/content/1834266-traite-de-l-education-des-filles-de-fenelon-resume> Acesso em: 22/10/2018.

BRITO, Angela Xavier de. *Exame de/ consciência, sentimento de culpa e formação de um habitus feminino*. In. REVER- Revista de Estudos da Religião / Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião -PUC/SP. Ano11 N° 01 jan/jun. São Paulo: Paulinas, 2011.

BROWN, Michelle P. *Chistian Art*. Lion Hudson: Oxford, Uk. 2008

BOUSREZ, Vincent. *Louis XIV e Franché-Conté: uma conquista*. Disponível em: www.franchement-comtois.net/louis-xiv-franche-comte-conquete/ Acesso em: 27/07/2021.

BOYER, Marie-France. *Culto e imagem da Virgem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BUBALO, Yanko. (Trad. Ana Lúcia Vasconcelos) *Eu vejo a Virgem: Vicka narra as aparições de Medjugorie*. São Paulo: Edições Loyola. 1990.

BUISSON, Ferdenand. *Nouveau dictionnaire de pédagogie et de instruction primeire: l'édition électronique*. Disponível em: <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3098> Acesso em: 03/04/2020.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BUTAZZI, Grazietta, *La Mode: Art, Histoire & Société*. Milão, It: G.E. Fabbri S.p.A., 1981. Paris, fr: Livre de Paris, Biblio-Club de France, Hachette et Cie, pela tradução francesa- 1983.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyryal: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC-São Paulo, 2001.

CARVALHO, Marcelino. *Guia de Boas Maneiras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2° ed., 1962.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História dos nossos gestos*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CASTRO, Mário Renato de. (Redator-Chefe). *Almanaque Eu sei tudo para 1956*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. 1956.

CHALLAMEL, Augustin. *Histoire de la Mode em France: La toilette des femmes*. Paris, fr: Hennuyer, Imprimeur-Éditeur. 1875.

CHANDERNAGOR, Fraçoise. *L'Allé du Roi*. Paris, fr; Julliard, 1981.

CONTINI, Mila. *A Moda 5000 anos de elegância*. Trad. José V. Pina Martins. Lisboa, Pt. Editorial Verbo Ltda. 1965.

COURSE, Didier, *La facon dequoi nos lois essayent à regler les folles et vaines dépenses: Rôles et limites des lois somptuaires au XVII° siècle*. University of Toulouse, 2005.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DEREGNAUCOURT, Gilles; GUINET Philippe. *Fénelon, bispo e pároco em seu tempo*. Disponível em: <https://books.openedition.org/irhis/2458>. Acesso em: 14/07/2021.

DEVILLAIRS, Laurence. *Fénelon ou le génie méconnu*. Paris, fr. Pocket, 2012.

DIEMER, Arnaud. *Quand le luxe devient une question économique: retour sur la querelle du luxe du 18e siècle*. Disponível em: <https://www.caim.info/revue-innovations-2013-2-page-9.htm> Acesso em: 07/07/2021.

DIETRICH, Marlene. *ABC de Marlene Dietrich*. Revelações, opiniões, fantasias e as receitas preferidas do mais famoso mito do cinema de todos os tempos. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

DIOR, Christian. *O pequeno dicionário da moda*: Trad. Luciana Garcia. São Paulo: Martins Editora livraria Ltda, 2009.

DOLE, (Abade) Georges. *A disputa quietista e o exílio de Fénelon*. Em New Theological Review 2007/I (Volume 129). Pag. 87 a 93. (CAIRN. Info matères à réflexion). Disponível em: <https://www.caim.info/revue-nouvelle-revue-theologique-2007-1-page-87.htm> Acesso em: 23/08/2021.

DUPUY, Pascal. *La dissolution de Port-Royal*. Disponível em: <https://histoire-image.org/de/etudes/dissolution-pot-royal>. Acesso em: 24/08/2020.

DURAND, José Carlos. *Moda, Luxo e economia*. São Paulo: Editora Babel Cultural, 1988.

DUTRA, Yara Vargas. Uma mulher invejosa nunca será bonita. In: *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. N° 9 – junho de 1957.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. Direção Geral de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

ÉTIQUETTE à la cour de France. Disponível em: https://wikipedia.org/wiki/%C3%A0_la_cour_de_France#Le_second_Empire Aceem: 04/07/2019.

FACTUM, Ana Beatriz Simon. *Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de joias brasileiro*. Tese (doutorado) FAUUSP. São Paulo, 2009.

FÉNELON, François de Salignac de La Motte. *De L'éducation des Filles*. Association Recherche de Fénelon: Cambrai, fr. Disponível em: <http://www.recherche-fenelon.com/page-10027-education-filles.html> Acesso em: 18/06/2019.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary. (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10° ed., 2015.

FLÜGEL, J. C. *A Psicologia das Roupas*. Tradução Antônio Ennes Cardoso. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.

FREITAS, Tainara Urrutia de. *Oxum, Iansã e Iemanjá: as energias dos orixás na construção cênica do Teatro-Ritual*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: wp.ufpel.edu.br/teatro/files/2015/12/TCC-Tainara.Pdf
Acesso em: 17/08/2021.

GAXOTTE, Pierre. *La France de Louis XIV*. Paris, fr: Hachette, 1946.

GOMES, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram Dom Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GRÉARD, Octave. *L'Education des femmes par les femmes/Fénelon*. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99%C3%89ducation_des_femmes_par_les_femmes/F%C3%A9nelon Acesso em: 14/03/2020.

GUIMARÃES, Manuel Luis Salgado. *Journal de l'Institut Historique*. Paris. Outubro, 1834. In: CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2001.

HISTOIRE de France. Disponível em: <https://www.histoire-de-france-pour-tous.fr/histoire-de-france/3381-les-plus-greandes-fetes-de-versailles.html> Acesso: 08/07/2021.

HISTORIM. *1694-1695: Bossuet, Fénelon et les Conférences d'Issy*. 2012. Disponível em: <http://www.historim.fr/2012/01/bossuet-fenelon-et-les-conferences.html>
Acesso em: 25/08/2021.

HOORNAERT, Eduardo. *O cristianismo moreno no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1990.

JABLONKA, Ivan. *Le culte de la Vierge Marie*. Disponível em: <https://histoire-image.org/de/estudes/culte-vierge-marie> Acesso em: 23/12/2020.

JUIN, Hubert. (texto) *La Parisienne: Les elegantes, les célébrités et les petites femmes*. Paris, Fr. André Barret, éditeur. 1978.

KIBALOVÁ, Ludmila; HERBENOVÁ, Olga; LAMAROVÁ, Milena. *Encyclopédie iluntrée du Costume et de la Mode*. Paris, Fr: Grund, 1976.

LACOSTE, Jean-Yves. (dir.) *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Edições Loyola – Paulinas, 2004.

LAGARDE, André; MICHARD, Laurent. *XVII^e Siècle: Les grands auteurs français du progame*. Anthologie et histoire littéraire. Paris, Fr. Bordas, 1985.

LA QUERELLE DU LUXE. 3958 Mots | *Etudier*. Disponível em: <https://www.etudier.com/dissertations/La-Querelle-Du-Luxe/59964636.html>
Acesso em: 26/06/2021.

LEBRUN, Virginie. *La mode au XVIe siècle*. 2014. Disponível em: <https://viriniebrun.wordpress.com/2014/09/08/la-modeau-xvi-siecle/>
Acesso em: 15/11/2018.

LEÇA, Catarina. *O Colégio de Saint-Cyr*. 2001. Disponível em: <https://bityli.com/fNINHm>
Acesso em: 09/01/2018.

LEI DE SEPARAÇÃO DE IGREJA E ESTADO. Disponível em: https://wikipedia.org/wiki/loi_de_doulou_séparation_des_Églises_et_de_1%27État#Contexte:une_séparation_douloureuse. Acesso em 02/01/2021.

LEONARDI, Paula. *Vestígios de um lugar próprio: Religiosas francesas no Brasil*. REVER-Revista de Estudos da Religião/ Programa de Estudos pós-graduados em Ciência da Religião-PUC-SP. Ano 11, nº 1 (jan/jun) 2011. São Paulo: Paulinas, 2011.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Saint-Simon ou o sistema da corte*. Tradução: Sergio Guimarães. Editora Civilização Brasileira, 2004.

LES ESSENTIELS LITTÉRATURE. *As aventuras de Telêmaco*. (Fénelon, 1694). Gallica – Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/essesntiels/fenelon> Acesso em: 03/08/2021.

LES PETITES MAINS. *Histoire de mode infantine*. Disponível em: <https://les8petites8mains.blogspot.com>. Acesso em: 27/08/2021.

LIMA, Alceu Amoroso. *Problemas de estética*. (Ensaio VII) Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1960.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Vol. 2º. São Paulo – Rio – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. 1939.

MACHADO, Jefferson Evandro Ramos (revisor). *Guildas Medievais*. Disponível em: Suapesquisa.com/idademédia/guildas.htm. Acesso: 22/06/2021.

MADAME. Lettres. Ed. 1981, 19 de julho de 1699 e 02 de agosto de 1705. In: LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Saint-Simon ou o sistema da corte*. Tradução de Sergio Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

MANDROU, Robert. *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1979.

MANOEL, Ivan A. *O início da educação católica feminina no Brasil (1859-1919): os colégios de “freiras francesas”*. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pe/v5n1/v5n1a07.pdf>. Acesso em: 26/03/2019.

MARTINS, Vicente, *A lei de 15 de outubro de 1827*. 2001. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/482/A-le-de-15-de-outubro-de-1827> Acesso em: 18/10/2020.

MENANT, François. *O que são as pessoas na idade média?*. 2019. OpenEdition Journals. Excertos da Escola Francesa de Roma – Idade Média. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrm/5291>. Acesso em: 13/05/2021.

MENDONÇA, José Tolentino de. *Padre, deixe lá as flores: mulheres no Concílio Vaticano II*. 2013. Disponível em: https://www.snpcultura.org/mulheres_concilio_vaticano_ii.html Acesso em: 09/05/2020

MUCHEMBLED, Robert. *Pour une histoire des gestes (XVe-XVIIIe siècles)*. Revue d’histoire moderne et contemporaine. 1987. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1987_num_34_1_1393 Acesso em: 30/09/2021.

NANTES, Abbé Georges de. *Vraie Religion, Fausse Mystique, Bosseut contre Fénelon*. Disponível em: <https://bityli.com/eG6lqx> Acesso em: 18/02/2020.

NOSSO SÉCULO. a memória fotográfica do Brasil no século XX. (coleção em fascículos). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ORIGEM de SION. Disponível em: <https://colegiosionrj.com.br/nossa-escola/origem-de-sion/> Acesso em 07/11/2018.

PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

PERRET, Aurélie. *L’éducation des filles sous l’ancien Régime*. 2015. Disponível em: <https://www.histoire-pour-tous.fr/histoire-de-france/5213-education-filles-ancien-regime.html> Acesso em: 30/04/2019.

PERSÉE (Portail Persée). *Pétition des pauvres de Paris à Louis XIV (roi de France) datée du mois de mai 1662*. Disponível em: <https://bityli.com/iWkcsY> Acesso em: 08/07/2021

PICCO, Dominique. Les Dames de Saint-louis, maîtresses des Demoiselles de Saint-Cyr. In: I. BROUARD-ARENDS; Plagnol-Diéval, M.-E (dir.). *Femmes éducatrices au siècle des Lumières*. Rennes, 2007, p.273-298.

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

PINTO, Tales dos Santos. *Arte Gótica: Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm> Acesso em 26/05/2021

PLUQUET, M. l'Abbé. *Traité Philosophique et Politique sur le Luxe*. Disponível em: https://www.fabula.org/actualites/coloque-contre-le-luxe-xviiie-xviiiie-siecles-bordeaux-22-24-mars-2017_73650.php Acesso em: 07/07/2021.

ROSELLE, Bruno de. *Um Siècle de Couture Parisienne*. Paris Fr: Edition Leonard. 1976.

RUPNIK, Marco Ivan. *A arte da vida – O cotidiano da beleza*. Tradução de Mário José Galvão de Almeida. Braga, PT. 2015.

RUSSO, Ana Maria Machado et al. *Mulheres Imortais*. São Paulo. Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1973.vol. 2.

[S] SUISSE-ROMANDE.COM. *Histoire de la mode suisse: des lois vestimentaires du 12e siècle à la révolution Internet*. Disponível em: <https://www.suisse-romande.com/histoire-mode-suisse.html> Acesso em: 27/09/2021.

SALLES, Virgínia de Souza. *Revista Feminina*. São Paulo: Anno XVI – N.176. Janeiro de 1929.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. *Entre Bailes e Batuque: A corte afrancesada de Pedro II*. 2008. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2006%20-%20Ajanayr%20Michelly%20Sobral%20Santana%20TC.PDF Acesso: 10/11/2020.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Elegância, beleza e poder na sociedade de moda dos anos 50 e 60*. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2014.

SAPATERRA, Ana Paula. *Colégios Católicos Femininos: A educação no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio*. VERBUN – Cadernos de Pós-Graduação, n. 1, pp. 48-65, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SELBIE, Robert. *2000 ans d'Histoire em 1000 Costumes*. Paris fr: Editions des Coqs d'Or. 1978.

SETÚBAL, Paulo. *Nos bastidores da história: contos históricos*. 5º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

SILVEIRA, Helena. *Mulheres Frequentemente*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A. 1953.

SPIDLÍK, Tomás; RUPNIK, Marco Ivan. (com contribuciones de Maria Campatelli, Michelina Tenace y Milan Zust). *Teologia de la evangelización desde la beleza*. Trad. Pablo Cervera, Lourdes Vásquez y Sol Corcuera. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.

SOUZA, Carlos Alberto de. *O Guia Espiritual*. Miguel de Molinos. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/58466010/O-Guia-Espiritual-Miguel-de-Molinos> Acesso em: 20/08/2021.

SOUSA, Rainer Golçalves. *Commonwealth*. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/commonwealth.htm> Acesso em: 27/09/2021.

SWILVERMAN, Kaja. Fragmentos de um discurso de moda. In: BENSTOCK, Shari; FERRISS, Suzanne. (orgs.) *Por dentro da moda*. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TAMARA Rojo & Lago dos cisnes. Documentário. Direção de Dominic Best. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte: 2014.

THAMER, Deise Sabbag. *A Moda dos Anos 80*. (Coordenação Pedro R. Thamer). São Paulo: Indústria Gráfica DCI. Verão de 1987/88.

TROUSSON, Raymond. *Art et Luxe au Dix-Huitième Siècle*. Disponível em:
<https://www.bon-a-tirer.com/volume42/rt.html> Acesso em: 10/08/2019.

VEIGA, Carmem Mayrink. ABC de Carmem: estilo, culinária, receitas pessoais e a arte de receber. 2º ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.

VIDAL, Daniel. *Fénelon et le sublime. Littérature, anthropologie, spiritualité* Disponível em:
<https://journals.openedition.org/assr/22093> Acesso em: 11/05/2019.

VOLPINI, Javier Wilson; NOGUEIRA, Niceia Helena de Almeida. *Literatura e moda: A rua do Ouvidor no Rio de Janeiro entre o segundo reinado e a belle époque*. Revista Terceira Margem. 36 (anoXXI) jul-dez. 2017, pp.83-115. Disponível em:
Revistas.ufjf.br/index.php/tm/article/view/17828/10814 Acesso em: 17/11/2020.